



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

ELISÂNGELA ALVES GUSMÃO

**ESTUDO LEXICAL DO PATRIMÔNIO LINGUÍSTICO-CULTURAL DE
CURUÇÁ-PA: VOCÁBULOS DE PESCA.**



ARARAQUARA – S.P.
2012

ELISÂNGELA ALVES GUSMÃO

**ESTUDO LEXICAL DO PATRIMÔNIO LINGUÍSTICO-CULTURAL DE
CURUÇÁ-PA: VOCÁBULOS DE PESCA.**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras-Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: **Estudos do Léxico**

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Cristina Martins Fargetti

ARARAQUARA – S.P.
2012

Gusmão, Elisângela Alves
Estudo Lexical do Patrimônio Linguístico-Cultural de Curuçá-PA:
Vocábulos de Pesca/ Elisângela Alves Gusmão – 2012 203 f. ; 30
cm.

Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e
Letras, Campus de Araraquara, 2012.

1. Estudo do Léxico. 2. Vocabulário. 3. Lexicologia. 4.
Curuçá-Pa. I. Título.

ELISÂNGELA ALVES GUSMÃO

**ESTUDO LÉXICAL DO PATRIMÔNIO LINGUÍSTICO-CULTURAL DE
CURUÇÁ-PA: VOCÁBULOS DE PESCA.**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras-UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Estudos do Léxico
Orientadora: Prof^a Dr^a Cristina Martins Fargetti

Data da defesa: 11/12/2012

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti
UNESP – FCLAR – Departamento de Linguística

Membro Titular: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck
UNESP – FCLAR – Departamento de Linguística

Membro Titular: Profa. Dra. Clotilde Murakawa
UNESP – FCLAR – Departamento de Linguística

Membro Titular: Profa. Dra. Carmem Lúcia Reis Rodrigues
UFPA, Faculdade de Letras, Castanhal-PA

Membro Titular: Profo. Frantomé Pacheco
UFAM.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este trabalho aos pescadores e moradores do município de Curuçá-PA;

A minha orientadora Prof^ª Dr^ª Cristina Martins Fargetti;

A minha família de origem: meus pais Aida e Francisco e meus irmãos Elias, Simone e Mônica;

Ao meu esposo Doroteu Júnior;

Ao nosso esperado filho Vicente;

Ao nosso cachorro e companheiro Chicão;

E a todos os amigos que oraram e torceram pela realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Aos pescadores e habitantes do município de Curuçá-PA, por terem partilhado comigo suas histórias, conhecimentos e esperanças;

A meus pais: Aida Leonor e Francisco Gusmão, pela base cultural e valores a mim oferecidos;

Ao meu irmão Elias, parceiro de ideias, ajudante permanente dessa irmã que tanto o ama;

As minhas irmãs Simone e Mônica pela fé que sempre depositaram em mim;

Ao meu amado esposo, Doroteu Júnior, companheiro de sonhos e da falta de sono, conseqüências da concretização deste trabalho;

Ao nosso tão esperado filho Vicente, gerado junto com esta pesquisa;

A minha amiga e orientadora Prof.^a Dr.^a Cristina Martins Fargetti, por ter acreditado nesta humilde aprendiz.

A todos os amigos, irmãos de alma, que sonharam junto comigo e, tantas vezes, enxugaram minhas lágrimas.

E como não poderia deixar de agradecer: ao Criador desta simples criatura, Deus, que tornou possível o que parecia impossível.

Eu gosto de trabalhar na natureza, porque quando a gente vai pra pesca, a gente vai com o pensamento que pode trazê ou não trazê (o peixe), mas toda vez que eu vou, eu vou com fé que vou trazê alguma coisa pra gente comê e pra repartir com os outros.

D. Maria, 70 anos, pescadora de Curuçá-Pa-Br, 2010.

RESUMO

O presente trabalho teve o objetivo de contribuir com os estudos linguístico-histórico-culturais de Curuçá-PA, uma vez que se intentou compreender as influências culturais determinantes na constituição desta região a partir dos topônimos referentes à pesca existentes dentro do perímetro dessa cidade, além dos nomes dos peixes, plantas, rios e igarapés dessa região. Considerando que a língua é uma herança cultural e partindo do pressuposto de que a pesca é uma atividade econômica de várias cidades das comunidades ribeirinhas da Amazônia, embora esteja passando por um declínio, contribuiu significativamente para a constituição de um léxico característico daquela região, abrangendo desde a denominação da mão-de-obra até a venda do produto manufaturado. Interessou-nos saber como determinadas lexias, compreendidas dentro de um contexto socioprofissional, designam ações, coisas e qualidades, a partir da articulação com o trabalho, a história e a memória desse meio social.

Palavras – chave: Lexicologia. Vocabulário de Pesca. Curuçá-PA. Patrimônio Imaterial.

ABSTRACT

This study aimed to contribute to linguistic and historical-cultural studies of Curuçá-PA, since it was brought to understand the cultural influences in determining the constitution of this region from the existing place names related to fishing within the boundaries of that city, as well the names of fish, plants, rivers and streams in this region. Whereas the language is a cultural heritage and on the assumption that fishing is an economic activity in various cities of the riverside communities of the Amazon, although it is experiencing a decline, contributed significantly to the formation of a lexical characteristic of that region, ranging from the name of manpower to the sale of manufactured product. We became interested in how certain lexias, understood within a socio-professional context, can describe actions, things and qualities, from the articulation with the work, history and memory of social environment.

Keywords: Lexicology. Vocabulary Fisheries. Curuçá-PA. Intangible Heritage.

LISTA DE IMAGENS¹

Imagem 1: Pesca de timbó na Ilha de Mutucal – Curuçá-Pa-Br	39
Imagem 2: Pesca de curral.....	40
Imagem 3: Pescadores na pesca de arrasto, na Ilha do Abade, em Curuçá-Pa.....	41
Imagem 4: Pescadores de crustáceos.....	42
Imagem 5: Maraquanim.....	77
Imagem 6: Pirapema.....	78
Imagem 7: Chula	79
Imagem 8: Peixe acará	80
Imagem 9: Baiacu arara ou nanã	81
Imagem 10: Camarão Piticaia	82
Imagem 11: Ostras da região	83
Imagem 12: Amuré.....	84
Imagem 13: arraia-baté.....	86
Imagem 14: arraia-bicuda.....	87
Imagem 15: arraia-jereba.....	87
Imagem 16: Baiacu	88
Imagem 17: Baiacu de espinho.....	89
Imagem 18: Baiacu-pinima	89
Imagem 19: Jundiá	90
Imagem 20: Miquim ou Niquim.....	91
Imagem 21: Peixe-pedra.....	92
Imagem 22: Piraíba.....	93
Imagem 23: Ituí	95
Imagem 24: Pescadinha branca	96
Imagem 25: Agulha Branca.....	97
Imagem 26: Agulha Branca.....	97
Imagem 27: Apapá.....	98
Imagem 28: Bagre	99
Imagem 29: Bandeirado.....	100
Imagem 30: Bico doce.....	101
Imagem 31: Birrete.....	102
Imagem 32: Caíca ou Tainha.....	103
Imagem 33: Cambel	104
Imagem 34: Caguira	104
Imagem 35: Carauçu	105
Imagem 36: Camurupim.....	106
Imagem 37: Cangatá.....	107
Imagem 38: Cara-suja.....	108
Imagem 39: Carapicu.....	108
Imagem 40: Carapitanga.....	109
Imagem 41: Carataí	110

1- Toda a imagem presente nesta pesquisa, cuja autoria pertence a outros autores, foi autorizada pelos mesmos a comporem parte deste estudo.

Imagem 42: Cavala	110
Imagem 43: Cioba	111
Imagem 44: Corvina	112
Imagem 45: Cururuca	113
Imagem 46: Gambel	114
Imagem 47: Gó	115
Imagem 48: Gurijuba	115
Imagem 49: Jurupiranga	116
Imagem 50: Merinho	117
Imagem 51: Paru	118
Imagem 52: Pescada	119
Imagem 53: Piaba	120
Imagem 54: Piramutaba	121
Imagem 55: Puruca	122
Imagem 56: Pacamum	123
Imagem 57: Plampu	124
Imagem 58: Sarda	125
Imagem 59: Serra	126
Imagem 60: Tralhoto	127
Imagem 61: Uriceca	127
Imagem 62: Robalo	128
Imagem 63: Uritinga	129
Imagem 64: Xaréu	130
Imagem 65: Najazeira	140
Imagem 66: Espinhel	142

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Município de Curuçá e suas ilhas, rios e recantos.....	34
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Área de Pesca da Microrregião do Salgado	38
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem de Satélite mostrando as unidades morfológicas da Planície Costeira de Curuçá	36
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Ask- A	Ask –An- Expert
FAQ's	Frequently Asked Questions
FTP	File Transfer Protocol
http	Hyper Text Transfer Protocol.
IFLA	Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias
SRI	Serviço de Referência e Informação
SRID	Serviço de Referência e Informação Digital
TCP/IP	Transmission Control Protocol /Internet Protocol
TIC's	Tecnologias de Informação e Comunicação
URL	Uniform Resource Locator
www	World Wide Web

SUMÁRIO

RESUMO	8
1 INTRODUÇÃO	18
1.1 Motivações	21
1.2 Objetivos.....	22
1.4 Organização da tese	25
2 APRESENTAÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA.....	27
2.1 A Identidade Amazônida: guardião de saberes transdisciplinares	27
2.2 Aspectos históricos e culturais de Curuçá	29
2.3 Aspectos populacionais e físicos de Curuçá.....	32
2.4 A Reserva Extrativista Marinha “Mãe Grande” de Curuçá.....	35
2.5 Os diferentes tipos de pesca em Curuçá	37
2.5.1 Pesca com Timbó:	38
2.5.2 Pesca de Curral:	39
2.5.3 Pesca de arrasto:	40
2.5.4 Pesca de crustáceos (camarão, caranguejo, mexilhão, entre outros):	41
3 METODOLOGIA - OS PROCEDIMENTOS EM CAMPO	43
3.1 Da seleção dos informantes	45
3.2 Do tipo de entrevista e de questionário	46
3.3 Da transcrição	48
4 FUNDAMENTOS TEÓRICOS	50
4.1 Língua e Linguagem: uma relação dialética.....	50
4.2 Léxico, Patrimônio Imaterial e Memória	52
4.3 Noções de Lexicologia	55
4.4 Noções de Lexicografia	57
4.4 Noções sobre toponímia	60
4.5.1 Taxionomias de natureza Antropo-Cultural	62
4.5 Dicionário, vocabulário e glossário	63
5 ANÁLISE DOS DADOS	67
5.2 ELABORAÇÃO DO PRODUTO LEXICOGRÁFICO:.....	69
5.2.1 Conteúdo dos verbetes.....	69
Fontes citadas	71
Abreviaturas.....	71
6 VOCABULÁRIO	75
6.1 PEIXES E MARISCOS MEDICINAIS	75
6.2 CAMARÕES	81
6.4. CARANGUEIJOS E SIRIS.....	83
6.5 PEIXES NÃO CONSUMIDOS – TABUS ALIMENTARES	84
6.6 PEIXES CONSUMIDOS	94
6.6.1 PEIXES DE ÁGUA DOCE.....	94
6.6.2 PEIXES DE ÁGUA SALGADA.....	96
6.7 TOPÔNIMOS RELACIONADOS À PESCA	130

6.7.1 MUNICÍPIO, VILAS, POVOADOS, BAIROS E LOCALIDADES RELACIONADOS À PESCA.....	130
6.7.2 ILHAS	132
6.7.3 PRAIAS	134
6.7.4 FUIROS	135
6.7.5 IGARAPÉS OU RIOS.....	136
6.7.6 ESPÉCIES DE PLANTAS NATIVAS	139
6.7.7 INSTRUMENTOS E TIPOS DE PESCA	141
Pesca com Timbó:	143
Pesca de Curral:	143
Pesca de arrasto:	144
6.9.8 EXPRESSÕES REGIONAIS.....	144
7 CONCLUSÃO.....	145
8. REFERÊNCIAS	149
9. ANEXOS.....	156

1 INTRODUÇÃO

O conhecimento das populações tradicionais, tal como a atividade da pesca, na caracterização do léxico da língua, tem despertado o interesse de muitos estudiosos, entretanto, escassas são as pesquisas que versem sobre como esses conhecimentos podem nos conduzir aos aspectos históricos, relacionados ao patrimônio imaterial, que foram preservados em suas tradições orais e em sua linguagem.

Muito já se falou sobre o cultivo da cana-de-açúcar, do açaí, da laranja, da pesca, mas, pouco tem se dito em relação à preservação dos aspectos culturais, sociais e históricos refletidos no léxico das populações tradicionais analisadas nestas pesquisas.

A pesca é uma atividade econômica bastante desenvolvida no Estado do Pará, em especial no município de Curuçá, escolhido como objeto de nosso estudo. A partir dela é produzido um conjunto lexical próprio e desconhecido por muitos, por isso, estudá-la a partir do enfoque lexical poderá contribuir para as pesquisas em linguística na medida em que, por meio destes estudos, poder-se-á chegar a uma descrição lexical específica, evitando, assim, que conjuntos lexicais sejam extintos antes mesmo de serem documentados. Um fato que comprova a extinção de muitas espécies da fauna aquática e dos vocábulos referentes a estas é a introdução das novas tecnologias na atividade pesqueira na referida região e nas demais regiões do Brasil.

Nossa pesquisa tem como objetivo contribuir com os estudos linguísticos, históricos e culturais da região amazônica de Curuçá que, até o momento, ainda não foi documentada do ponto de vista linguístico, visto que, em nossas pesquisas bibliográficas, não encontramos estudos que buscassem compreender as influências lexicais determinantes na constituição linguística desta comunidade e no léxico empregado pelos falantes locais, em sua maioria, pescadores e ribeirinhos.

A comunidade de Curuçá, assim como seus antepassados indígenas, apresenta uma forte relação com as águas: por meio de suas marés se marca o tempo, compreende-se a vida e a morte, encontra-se o alimento, o trabalho. A rotina da pescaria leva o trabalhador a enfrentar a impetuosidade da correnteza e permite aventuras repletas de perigos, imprevistos e desafios. Estas condições, ligadas ao cotidiano de trabalho, são a matéria prima formadora do patrimônio

lexical deste povo que atribui sentidos aos fatos corriqueiros e manifesta aspectos de sua relação com a natureza formadora de sua identidade e linguagem.

A comunidade em questão tem em seu léxico marcas de um passado ainda presente no imaginário de seu povo; essas marcas são a influência dos Andirá e outros núcleos indígenas que deixaram resquícios lexicais no município, alguns apagados pelo tempo e outros que compõem traços da cultura curuçaense mantendo viva a presença do elemento indígena na região. Acreditamos que, a exemplo do que Moore (*et alli* 1993) afirmam sobre algumas regiões amazônicas, a região em estudo também preservou traços da língua de seus antepassados na entoação, cadência e alguns traços fonológicos na pronúncia de seus habitantes.

Segundo dados da FUNAI (2012), há, hoje, no Estado do Pará, uma população indígena de, aproximadamente, 39.000 pessoas, formada por cerca de trinta e quatro etnias, habitantes de comunidades localizadas na Amazônia legal. Partindo da origem indígena dos habitantes da comunidade em estudo, nossa pesquisa intenta, a partir da análise de um *corpus* da língua falada, que é composto por entrevistas com vinte pescadores locais, canções folclóricas regionais, nomes de ruas, praias entre outros topônimos relativos à pesca, encontrados no município, mostrar de que forma esses falantes mantêm viva sua cultura e, também, o que representa para eles os vocábulos de origem indígena empregados nessa localidade.

A comunidade de Curuçá está localizada na região amazônida, local repleto de paradoxos que tornam sua definição uma tarefa nada simples, porém, há diversos critérios que nos auxiliam nessa jornada, um deles é a área geográfica formada pela bacia hidrográfica do rio Amazonas, sendo esta composta por toda a área de terras banhadas pelo rio Amazonas e por seus afluentes e subafluentes. Segundo Rodrigues (2000), a definição simples, de pura geografia física, pode satisfazer as principais necessidades de identificar fenômenos como sendo de ocorrência amazônica, mas deixa em aberto vários problemas de delimitação, por isso, os conceitos de Amazônia envolvem, também, outros fatores naturais, como os climáticos e os de distribuição de flora e fauna.

Considerando as ideias de Rodrigues (2000) a respeito do panorama linguístico da Amazônia, a família Tupí-Guaraní, com mais de trinta línguas, é uma das maiores da América do Sul e tem a maioria de seus povos na Amazônia. Seu reconhecimento como família genética data já do século XIX (Martius 1867, Steinen 1882, Adam 1896), mas só em meados do século XX é que se reconheceu que ela faz parte de um conjunto de dez famílias amazônicas, bastante

diferenciadas entre si, mas cuja remota origem comum pode ser demonstrada (Rodrigues 1955). Esse conjunto recebeu o nome de *tronco Tupí* (Rodrigues 1958a, 1958b, 1964) e as outras nove famílias que o integram são a Awetí no Alto Xingu, a Jurúna no médio e baixo Xingu, a Mawé e a Mundurukú no Tapajós, a Mondé, a Ramaráma, a Puruborá, a Arikém e a Tuparí na bacia do Madeira, especialmente, entre seus afluentes Aripuanã e Guaporé. Como se vê, todas essas nove famílias estão na Amazônia; também nessa região estão a maioria das línguas da Tupí-Guaraní, por isso, podemos afirmar que o tronco Tupí é, essencialmente, amazônico.

Sabemos que toda língua reflete as condições da sociedade e do círculo cultural em que se fala, sendo assim, a cultura amazônica, também, apresenta expressões para conceitos e representações que o falante apreende em consequência da necessidade de expressá-los por meio de signos e símbolos linguísticos.

O signo toponímico, segundo Dick (1990), evidencia marcas da história e perpetua características do ambiente físico de uma região. Em se tratando do meio ambiente físico, a grande variedade de espécies dos diferentes espaços geográficos tende a inspirar o denominador no ato da nomeação, por isso, os topônimos preservam em si fatos culturais em determinados espaços e tempos, funcionando como retentoras da memória de um determinado grupo. Falaremos, com mais detalhes, da relação entre toponímia, identidade cultural e memória ao tratarmos sobre nosso referencial teórico.

Assim como os topônimos, que são partes do léxico de uma população, apresentam traços importantes da história de um povo, os aspectos lexicais de uma comunidade guardam parte do patrimônio imaterial e histórico da sociedade; a partir do estudo de sua materialidade linguística é possível identificar traços da memória, dos valores, dos costumes e da vivência de grupos de falantes de comunidades nem sempre conhecidas por grande parte da sociedade. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (2011), baseado na definição estabelecida pela UNESCO, considera patrimônio imaterial como:

Práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo, assim, para

promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (In<
<http://portal.iphan.gov.br> – acesso em 06/09/2011)

Dessa forma, estudar a herança indígena, no vocabulário de pesca de Curuçá, torna-se, não apenas importante, mais, imprescindível, no que se refere à conservação de códigos linguísticos que preservam informações sobre a vida e o conhecimento sobre esta, visto que, quando desaparece uma língua, ou parte dela (tal como o vocabulário usado na atividade pesqueira), desaparece, também, todo conhecimento sobre o ecossistema existente, e a vida sobre a Terra, conseqüentemente, torna-se mais pobre.

1.1 MOTIVAÇÕES

A opção por este assunto de pesquisa é motivado, também, a partir de nossas investigações sobre cultura e linguagem amazônica, iniciadas na graduação em Letras, na Universidade da Amazônia, bem como pela continuação dessas pesquisas em nível de mestrado em Linguística, na Universidade de Franca, estudos esses que alimentaram questionamentos pessoais sobre a identidade e a preservação da cultura amazônica da qual fazemos parte.

A pesquisa agora realizada em nível de doutorado em Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Estadual Paulista de Araraquara, apesar de continuar tendo como objeto de estudo a linguagem do povo amazônica, apresenta como recorte teórico metodológico, os estudos lexicais propostos pela lexicologia, lexicografia e antropologia linguística. Tais propostas serão utilizadas para a compreensão do léxico de origem indígena empregado pelos habitantes da comunidade linguística de Curuçá, município onde passamos parte de nossa infância e onde nasceram alguns de nossos familiares.

A escolha pelo referido tema de pesquisa apresenta uma relação pessoal com nossa história de vida, visto que, nossa avó materna era natural do município de Curuçá, tendo ascendência indígena tupi-guarani comprovada.

Tal ascendência pode ser comprovada por meio de registros históricos (localizados no Arquivo Público de Belém-PA), em que constatamos que, ainda no início do século IXI, alguns habitantes eram registrados com o sobrenome *Tupinambá*, o que expressava o pertencimento

daquela família ao grupo indígena cujo sobrenome designava. É o caso de nossos antepassados *Candido Tupinambá e Andrônica Tupinambá*, que habitavam as margens do Rio Cumandeteua, local em que, segundo Cunha (2007) e Muniz (1917), havia uma antiga aldeia indígena reconhecida como Aldeia. Dessa forma, em nossas lembranças de infância, há registros de um falar tipicamente influenciado pela cultura indígena, o falar de nossos ancestrais, das tradições e folclores de nossos antepassados, que acreditamos ter sido influenciado pelo nheengatu e pela ligação do povo curuçaense com a natureza e com a cultura indígena da qual descendem.

A partir dessa ligação pessoal com o tema é que, em 2008, iniciamos uma pesquisa de campo no município de Curuçá, tendo como objetivo a coleta de dados e materiais linguísticos para a descrição do falar do povo curuçaense. Até o presente momento, desconhecemos qualquer estudo que intente evidenciar a relação língua-cultura, no nível lexical, na comunidade de fala em foco, portanto, nossa proposta de pesquisa apresenta relevância para a comunidade científica e para a comunidade em questão, uma vez que colabora com a documentação e o reconhecimento de um falar caracterizado pela atividade da pesca, que alimenta, não apenas materialmente, mas também, a cultura e a memória do povo curuçaense.

Dessa forma, compreender as origens lexicais de tal região é, para nós, compreender nossa própria origem e cultura.

1.2 OBJETIVOS

O trabalho de investigação do léxico de origem indígena referente à atividade pesqueira bem como aos conhecimentos gerados a partir dessa atividade realizada em Curuçá é um passo importante para que seja reconhecida, analisada e documentada a origem indígena de diversos termos lexicais pertencentes ao universo da pesca, dos rios, e da vida de tantos ribeirinhos da região amazônica.

Para tanto, nossa pesquisa objetiva a elaboração de um vocabulário de conhecimentos tradicionais referentes à pesca (e demais vocábulos referentes a essa atividade), como, por exemplo: peixes que representam tabus alimentares, peixes e outros mariscos considerados como alimentos medicinais, lendas e folclores, entre outros saberes, ligados ao pescador e sua profissão.

Outro objetivo de nosso estudo é oferecer dados históricos que sirvam como instrumento de análise da presença dos índios Andirá em Curuçá, visto que há habitantes dessa etnia na região. Os índios Andirá, apesar de serem falantes do português, apresentam características que os diferenciam do restante da comunidade, tais como: características físicas, formato das casas, localização da aldeia em relação à comunidade e alguns hábitos de alimentação. Sendo assim, objetivamos, também, responder a seguinte questão:

- Como os saberes locais, construídos socialmente, relacionam-se com manifestações culturais próprias dos Andirá como a prática da *pajelança* (ritual de benzer e afastar maus espíritos com cânticos e banhos de ervas) e *o ritual da iluminação* que é um hábito local de culto aos antepassados?

A partir da conclusão de nossa pesquisa, buscamos, também, contribuir com o projeto do Atlas Linguístico do Pará (ALIPA) por meio da documentação da Microrregião do Salgado da qual o município de Curuçá faz parte. O Atlas Linguístico do Pará é um projeto de pesquisa ligado ao laboratório de linguagem da Universidade Federal do Pará que tem por objetivo a construção do Atlas Geo-Sociolinguístico do referido estado, e neste sentido vem-se desenvolvendo estudo a fim de identificar, analisar e mapear a variação linguística do português falado nessa região, integrando a dimensão social, que permitirá melhor compreender os mecanismos internos envolvidos na variação (fonética, morfossintática e lexical).

Até o presente, o projeto ALIPA não desenvolveu estudos linguísticos na região de Curuçá. Devido à vasta extensão do território do Pará, ainda faltam regiões a serem mapeadas linguisticamente, e nesse sentido, nossa pesquisa buscará fornecer subsídios a fim de que o município de Curuçá seja, de alguma forma, documentado do ponto de vista linguístico.

Futuramente, também, buscaremos viabilizar nossa pesquisa, principalmente no que se refere ao vocabulário dos termos indígenas encontrados em Curuçá, como subsídio didático útil em situações de sala-de-aula ou mesmo no uso por leigos. Vê-se nessa disponibilização uma forma de divulgar os fenômenos lexicais e, conseqüentemente, diminuir o preconceito em relação aos léxicos regionais.

Em relação ao sentido de pesquisas sobre os léxicos regionais, muitos pesquisadores têm defendido a importância dos atlas regionais com o argumento de que o estudo do português pode dirigir-se a duas frentes: uma mais geral, na qual áreas maiores possam ser delimitadas, e outra mais restrita, com a qual se possa investigar o peculiar de cada região.

Segundo Razky (2006), coordenador geral do projeto Atlas Linguístico do Pará, os trabalhos sobre Atlas linguísticos, em diversas regiões do Brasil, contribuem com a possibilidade de se alcançar uma visão conjunta para demarcação linguística de nosso idioma. Tais estudos revelam questões ainda desconhecidas sobre o português falado em nosso país, principalmente, quando consideramos que, após 500 anos de língua portuguesa no Brasil, não se tem ainda um levantamento do léxico rural como um todo, apenas vocabulários esparsos para algumas regiões ou em trabalhos elaborados por leigos.

Ao aplicarmos a análise de Razky (2006), em relação a nosso objeto de pesquisa, verificamos que a investigação dos léxicos regionais está, também, ligada à completude dos dicionários gerais e demais obras lexicais, os quais necessitam de referências para que possam, na medida do possível, refletir a realidade léxica da língua que representam. A contribuição das pesquisas regionais nesse caso é importante, pois, a partir de estudos locais voltados para as nuances de significado envolvidas no uso de cada comunidade pode-se ampliar o conhecimento sobre a língua portuguesa e ajudar a desvendar um acervo, até então, desconhecido por muitos brasileiros, registrando acepções que poderiam perder-se se não compiladas.

A preferência pela fala rural em vez da urbana, neste trabalho, nasce exatamente da percepção das mudanças a que o cotidiano linguístico está exposto e que revelam um contato com outros idiomas cada vez mais intenso, principalmente, nos centros urbanos. A fala rural, já refletindo a presença da escola e dos meios de comunicação, será também acrescida de palavras oriundas de outras culturas que não aquelas com as quais forjou uma “matriz” linguística, cujas peculiaridades podem-se ver modificadas aos poucos, juntamente com parte da história e tradições da comunidade.

Espera-se que os resultados desta pesquisa, apesar das limitações da autora, e por isso, das imperfeições deste trabalho, possam contribuir, ainda que modestamente, para a descrição em maior escala do léxico popular rural do português brasileiro.

1.3 A Constituição do *Corpus*

Nosso *corpus* de pesquisa, descrito anteriormente, é composto de entrevistas, canções do folclore da região e topônimos relativos à pesca; as entrevistas somam um total de,

aproximadamente, vinte horas de gravação; foram coletadas, também, dez canções populares e cerca de cinquenta topônimos encontrados na região.

A partir da pesquisa de campo e da observação participante, foi determinada uma amostragem com vinte informantes que receberam nomes fictícios. Os locais das entrevistas variaram de acordo com as situações encontradas e com os tipos de pesca, algumas entrevistas foram realizadas nas residências dos entrevistados, outras nos locais de pesca e outras nos locais de comercialização dos peixes.

Com nossa primeira viagem de campo coletamos, aproximadamente, 100 termos de um *corpus* da língua falada, uma vez que a comunidade tem forte tradição oral; a partir das primeiras entrevistas e coletas de vocábulos foram incorporados ao trabalho dados não verbais (imagens, cantigas e danças folclóricas da região). Fotografamos diversos peixes e frutos do mar característicos da região, instrumentos de pesca e outros itens, além dos próprios pescadores, visto que pretendemos ilustrar, quando pertinente, os verbetes com registros iconográficos. Além do registro do léxico e das imagens, coletamos e catalogamos narrativas e lendas que exemplifiquem a riqueza do imaginário dos habitantes de Curuçá e sua relação com a pesca.

As entrevistas foram coletadas com um gravador digital da marca Sony. Sistemáticamente, coletamos informações (pesquisa bibliográfica) a respeito da história e da memória do município de Curuçá. Essas informações foram adquiridas em estabelecimentos públicos (Arquivo Público da cidade de Belém, Prefeitura do Município de Curuçá, entre outros), fez-se necessário, também, o planejamento sobre a seleção dos informantes para as entrevistas e sobre os locais de pesca e comercialização de peixes. Falaremos com mais detalhes sobre os métodos de entrevista e do questionário usado ao relatarmos sobre nossos procedimentos metodológicos.

1.4 ORGANIZAÇÃO DA TESE

Nossa pesquisa está organizada nos seguintes itens:

1. A contextualização da pesquisa, seus objetivos, motivações e metodologia. Nesse primeiro item buscamos apresentar ao leitor os aspectos gerais de nossa pesquisa, porque decidimos estudar a linguagem dos pescadores de Curuçá e que hipóteses nos levaram a procurar,

nos vocábulos relacionados à pesca, conhecimentos tradicionais que, apesar de importantes, ainda não haviam sido estudados;

2 Apresentação do universo da pesquisa, descrição da região amazônica e do município de Curuçá. - Nesse segundo item buscamos discutir sobre questões específicas do município em questão, qual a relevância dessa região para a fauna e flora nacional e internacional;

3. A fundamentação teórica. - Nesse terceiro item apresentamos os referenciais teóricos relacionados à análise linguística e aos estudos sobre a importância dos conhecimentos locais para a preservação, não apenas do patrimônio material, mas, também, do patrimônio imaterial;

4 Discussão sobre a sistematização dos dados. Nesse quarto item buscamos apresentamos os métodos de análise linguística usados na confecção de nosso vocabulário, além dos referenciais teóricos sobre a análise linguística de nosso *corpus*.

5 O vocabulário: Nesse quinto item procuramos apresentar orientações sobre como foi realizada a confecção do vocabulário, sua organização e disposição em relação aos conhecimentos tradicionais presentes nos vocábulos em questão;

6. Considerações finais. Item final em que buscamos apresentar as ideias centrais sobre os principais aspectos de nossa pesquisa;

7. Referências. Item em que apresentamos as pesquisas e seus referentes autores dos quais extraímos dados e conhecimentos para a realização de nossa pesquisa;

8. Anexos. Item em que apresentamos os resumos das entrevistas com nossos informantes.

2 APRESENTAÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA

Desde que sou criança eu sempre fui muito ligada no mangal, eu adoro ir pro mangal, quando eu to trabalhando lá eu me sinto muito feliz, eu gosto de trabalhar na natureza, porque quando a gente vai pra pesca a gente vai com o pensamento que pode trazê ou não trazê (o peixe), mas toda vez que eu vou, eu vou com fé que vou trazê alguma coisa pra gente comê e pra repartir com os outros. (D. Maria, 70 anos, pescadora de Curuçá-Pa-Br, 2010).

2.1 A IDENTIDADE AMAZÔNIDA: GUARDIÃ DE SABERES TRANSDISCIPLINARES

Galvão (1955), pesquisador da região amazônida, nos orienta que uma das características da formação étnica da Amazônia é o elevado contingente indígena. O índio aparece em maior número e muito mais intensamente que em qualquer outra região do Brasil. Contudo, reconhecer sua presença e importância, para além da desmistificação do preconceito, é uma importante atitude e nela buscamos investir academicamente.

Loureiro (2001), autor paraense, aponta que os rios na Amazônia constituem uma realidade labiríntica e assumem importância fisiográfica e humana excepcionais. Deles dependem a vida e a morte do povo, a fertilidade e a carência, a formação e a destruição de terras, a política e a economia, o comércio e a sociabilidade, porque, para o povo amazônida, os rios estão em tudo. A começar por seu ecossistema fluvial que abriga uma plural fauna aquática imersa em águas multicoloridas, a Amazônia é uma metonímia da variedade simbólica do rio que lhe deu origem, de modo que, em suas nascentes históricas, encontramos a raiz formadora de sua verdadeira expressão demográfica: o índio.

Em nosso trabalho anterior, Gusmão (2008), advertimos que a Amazônia ainda é considerada por muitos como “uma imensa página do Gênesis ainda inacabada”, para lembrar a clássica expressão de Euclides da Cunha (1907), escrita no prefácio do livro *Inferno Verde*, de Alberto Rangel. Essa expressão é uma metáfora que nos aponta a visão do colonizador sobre a região colonizada, e sua preocupação em preenchê-la e explorá-la para garantir sua hegemonia. Ainda acrescentamos em tal trabalho que o discurso de Euclides da Cunha (1907) foi transposto

para os dias de hoje e, agora, temos a ideologia de que a Amazônia é um patrimônio da sociedade global, cuja história e a identidade são desconsideradas em nome dos interesses mundiais.

Em tempos de discurso ambientalista, cujo destaque é a expressão “sustentabilidade ecológica” ouvimos inúmeros juízos sobre quem é o verdadeiro responsável pela destruição da Amazônia. Essa questão torna-se polêmica quando analisamos o contexto histórico de exploração da Amazônia e nesse contexto insere-se a comunidade de Curuçá, que tem em seu léxico as marcas de sua relação com o meio ambiente e com a identidade do homem amazônida que pretendemos aprofundar a partir das relações lexicais aqui propostas.

Nossa pesquisa pretende documentar, descrever e analisar como o universo do rio e da pesca, além de outros topônimos relativos à pesca, estão presentes no léxico do povo curuçense, em diferentes relações sociais que perpassam desde as atividades econômicas até as relações simbólicas e mitológicas.

Essas diferentes relações sociais estão refletidas nos saberes locais que são repositórios de conhecimentos e domínios específicos, os quais Campos (2002) e Morin (1997) chamam de *domínios transdisciplinares* (DT); esses saberes locais devem ser compreendidos pelo saber científico a partir de uma relação transdisciplinar em que haja a circulação de conhecimentos de forma horizontal, isto é, sem hierarquias, ou etnocentrismos, visto que a transdisciplinaridade transcende a própria academia ou a ciência como instituição social. A esse respeito Campos (2005, p. 41) orienta-nos:

A transdisciplinaridade transcende as disciplinas e a própria academia ou a ciência como instituição social. Nesse caso ela cria um terceiro elemento que desafia os saberes hierarquizados, pois sempre é um terceiro interposto e novo, sem os créditos necessários para garantir seu referendo. Este é o caso de novos conhecimentos e práticas no contexto da sociedade contemporânea. (Campos, 2005, p. 41).

Dentre os domínios transdisciplinares existentes em nossa cultura, a atividade pesqueira faz parte da gênese de nossa história e patrimônio imaterial; representante desta atividade profissional, a comunidade de Curuçá-Pa-Br, tem em sua linguagem as marcas de sua relação com a natureza preservada no léxico referente à pesca.

Assim, podemos perceber que, ao entrar em contato com a cultura do outro, encontraremos diversos olhares, olhares que necessitam não apenas ver o diferente, mas

estabelecer um diálogo entre as diferenças e uma importante ponte para a realização desse encontro entre os diferentes tem sido a etnografia, auxiliada por métodos de análise do léxico.

O município de Curuçá, como outras regiões da Amazônia, tem em seu vocabulário a presença de inúmeros termos das línguas indígenas, principalmente no que se refere à atividade pesqueira, centralizadora de um vocabulário com uma infinidade de referências linguísticas que necessitam ser estudadas e documentadas a fim de que não sejam perdidas informações valiosas, pois, preservam a história e a origem de um povo. Giarrizzo (2007, p. 57), pesquisador italiano que realizou sua tese de doutorado tendo como tema a ictiofauna de Curuçá, fez a seguinte descoberta sobre a região:

A costa do estado do Pará e Maranhão, da qual o município de Curuçá-Pa faz parte, representa a segunda maior área contínua de manguezais do mundo, cobrindo uma área de aproximadamente 7.000 km² de florestas. Apesar do grande valor ecológico desta região, o rápido crescimento da população na costa Norte do Brasil, associado a uma incontrolada ocupação ao longo do litoral e um desordenado uso e apropriação de recursos naturais, ameaçam a conservação deste ecossistema único.

Desta forma, nossa pesquisa, mesmo sendo de outro campo teórico, comunga do pensamento de Giarrizzo (2007), porque vê como relevante o estudo de uma região pouco conhecida, principalmente no campo da linguagem. A documentação linguística de Curuçá-Pa-Br tornará conhecida uma especificidade lexical que a sociedade também precisa conservar, visto que, ao perder-se o conhecimento de parte de códigos linguísticos, perderemos, também, informações sobre a vida e conhecimentos preservados por meio do léxico.

2.2 ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DE CURUÇÁ

De acordo com Figueiredo (2007), o município de Curuçá tem sua origem relacionada à presença dos missionários da Companhia de Jesus às margens do rio Curuçá, durante o século XVII, a partir do estabelecimento de missões religiosas naquele território. Os padres jesuítas quando chegaram, acamparam na localidade hoje conhecida por Abade, entretanto como o lugar não tinha, na época, condições básicas de sobrevivência (água escassa e de má qualidade), mudaram-se em busca de um lugar melhor para se estabelecerem.

Às margens do rio Curuçá, conforme estudos de Muniz (1917), os missionários encontraram uma feitoria de pesca e, no mesmo local, fundaram a fazenda Curuçá (na língua tupi significa "cruz"). A fazenda foi erguida sob a devoção de Nossa Senhora do Rosário, local que tempos depois deu origem à atual cidade de Curuçá. Com a expulsão dos jesuítas, em decorrência da Lei Pombalina², o Governador e Capitão-General do Grão-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, elevou a Fazenda Curuçá à categoria de Vila, com o nome de Vila Nova D'El Rei, constituindo, assim, o Município.

Segundo o historiador Palma Muniz (1917), após a Independência do Brasil, em 26 de abril de 1833, a Vila Nova D'El Rei foi abalada pela chegada do ato do Conselho de Governo da Província que, dando uma nova organização aos municípios do Pará, extinguiu o município de Curuçá, anexando sua área ao município de Vigia, o que levou à revolta entre os seus habitantes, provocando agitações oriundas de questões políticas.

Para conter a revolta da população curuçense, foi necessária a vinda do tenente Boa Ventura Ferreira Bentes, que acalmou a situação restabelecendo a ordem, com a assinatura, por parte de seus habitantes, de uma declaração, em que os mesmos prometiam conservar a ordem e a paz pública no local.

Durante a Cabanagem³, Curuçá foi alvo de vários ataques, dentre os quais Muniz (1917) descreve a destruição do Arquivo da Câmara municipal, em que apenas um livro de Atas, referente ao período de 1831-1833, foi preservado. Este livro serviu de protocolo para a criação da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário de Marapanim, criada sobre as ruínas da vila de Curuçá.

A República, com o Governo Provisório do Pará trouxe novas normas e com elas extinguiu as Câmaras Municipais. Sendo que a extinção da Câmara do município de Curuçá ocorreu dia 20 de fevereiro de 1890, através do Decreto nº 65. Nesta mesma data, foram criados os Conselhos de Intendência, através do Decreto nº 66, com a nomeação de seus integrantes, ocorrendo, também, a Adesão do Município à República no mesmo ano.

Sendo assim, Com a Lei Estadual nº 236 de 1895, a Vila de Curuçá foi elevada à categoria de cidade, mantendo o mesmo nome.

² Lei pombalina instituída em 1755 que expulsou os Jesuítas do Brasil.

³ Movimento que ocorreu na província do Grão-Pará, entre os anos de 1835 e 1840 (HURLEY, 1936).

Segundo Muniz (1917), após a Revolução de 1930, Curuçá teve seu território ampliado em função da incorporação das terras do município de Marapanim, que foi extinto. Essa extinção tornou-se sem efeito em 1931, sendo o território de Marapanim novamente desmembrado da área patrimonial de Curuçá. No ano seguinte, é a vez de Curuçá ser extinto, passando o seu território a integrar a jurisdição de Castanhal, sendo o território de Curuçá restabelecido em 1933, desanexando-o daquele Município. Atualmente, Curuçá integra os distritos de Curuçá (sede), Lauro Sodré, Murajá e Ponta de Ramos.

Com relação à cultura, ao calendário de manifestações religiosas do município de Curuçá, destacam-se três festividades. Em junho, no dia 29, acontece a festa em homenagem a São Pedro, santo de devoção dos pescadores. Segundo alguns informantes, nesse dia em algumas comunidades de Curuçá, entre elas o Abade, acontecem festejos pedindo boa pesca e proteção para os pescadores locais. Em setembro, acontece a Festa de Nossa Senhora do Rosário e em dezembro, a festa em louvor a São Benedito. É comum a todas essas ocasiões festivas do Município, a realização de procissões, ladainhas, arraial, leilões, derrubada de mastros de flores e festas dançantes muito frequentadas.

Na última semana do mês de junho, é realizado um festival onde são apresentados os grupos de folia (romaria musical), quadrilhas juninas, lundu, bois-bumbás, pássaros e grupos de carimbó. Entre estes últimos, os de maior destaque são os grupos “Centenário”, “Samaritanas” e “Brasa Viva”.

O artesanato local é marcado por uma produção de peças com caráter utilitário, quase sempre os motivos estão relacionados às atividades pesqueiras, tais como: pequenas embarcações e apetrechos de pesca (espinhéis, tarrafas e currais). O artesanato constitui, também, um importante elemento que revela a identidade do Município, que, como já mencionamos, apresenta íntima relação com os rios e com os demais fenômenos da natureza.

Apesar da sua tradição, Curuçá é carente de atividades e locais voltados para as atividades culturais. O município conta apenas com uma pequena Biblioteca Pública, mantida em um convênio entre a Prefeitura local, a Secretaria de Estado de Cultura (SECULT) e o Instituto Nacional do Livro (INL). Essa carência revela o desinteresse dos dirigentes municipais em fomentar e incentivar a cultura e as tradições locais através de espaços e ações voltadas para esse fim.

2.3 ASPECTOS POPULACIONAIS E FÍSICOS DE CURUÇÁ

Segundo Cunha (2007), os primeiros habitantes da região de Curuçá foram os índios Andirá, que ainda encontram-se no município, às margens do rio Cumandeteua, em número reduzido de aproximadamente 150 pessoas. Atualmente, o município de Curuçá apresenta uma população de 33.678 habitantes (Estimativa IBGE 2010), descendentes, em sua maioria, da aldeia dos Andirá, que pertencem ao tronco tupi. O município apresenta altitude de 37 metros e área total de 676,3 km².

Os Andirá, segundo Morais (1860) e Mello (1995), têm origem tupi e designam os habitantes de uma aldeia que, inicialmente, esteve localizada às margens do rio Jauaperi RR, no século XIX. Esses índios migraram de Roraima para Manaus e para o Estado do Pará, onde está localizado o município de Curuçá-Pa. A palavra *andira*⁴, segundo Houaiss (2004), etimologicamente, provém de outra palavra que em tupi significa *morcego*, visto que *andira* é, também, o nome dado a uma árvore nativa da América tropical e Oeste da África, cujos frutos atraem alguns tipos de morcegos.

Segundo Figueiredo (2007), Curuçá pertence à Mesorregião do Nordeste paraense e à Microrregião do Salgado, seus limites geográficos são: ao Norte faz limite com o Oceano Atlântico; a Leste, com o município de Marapanim; ao Sul faz fronteira com o município de Terra Alta; e a Oeste, com o município de São Caetano de Odivelas e São João da Ponta.

Figueiredo (2007) reflete que a cobertura vegetal original do município, formada pela floresta primitiva, foi removida em consequência dos desmatamentos, ocorridos de forma intensiva e extensiva, para o plantio de espécies agrícolas de subsistência, ou mesmo simples ocupação dos terrenos ao longo da PA-136 e em áreas de florestas de mangue ou manguezais próximas aos vilarejos do município que ocupam as porções litorâneas e semi-litorâneas, onde existe a influência da salinidade da água do mar.

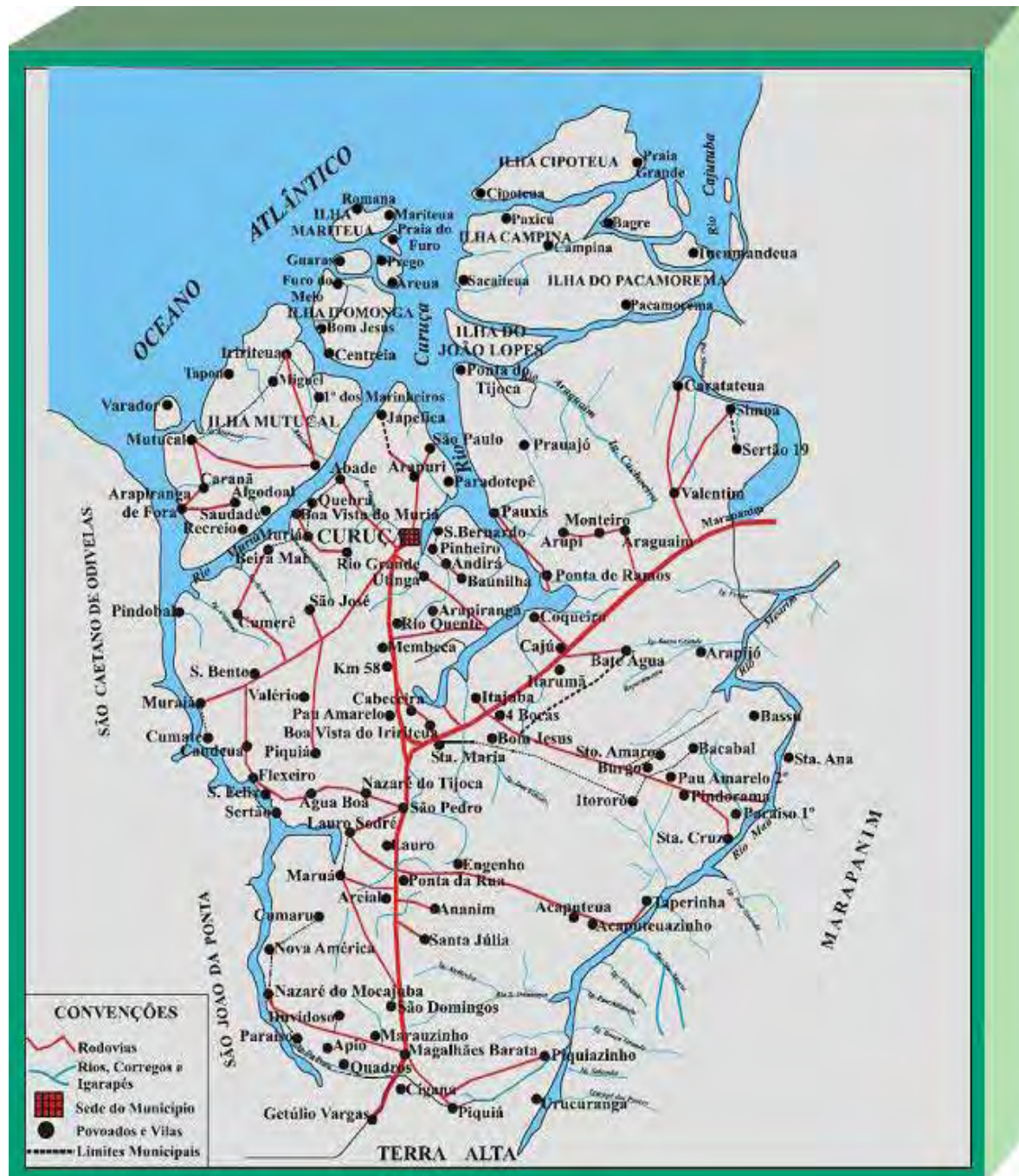
Bastos (2003) analisa que, em decorrência dos desmatamentos ocorridos, atualmente, o predomínio da cobertura florestal do Município é formado por florestas secundárias, são aquelas resultantes de um processo natural de regeneração da vegetação, em áreas onde no passado houve corte raso da floresta primária. Nestes casos quase sempre as terras foram temporariamente

⁴ Segundo convenção antropológica, da década de 1950, os nomes de povos e línguas indígenas são invariáveis, não apresentando, portanto, flexão.

usadas para agricultura ou pastagem e a floresta ressurgiu espontaneamente após o abandono destas atividades.

Furtado (2003), em análise de imagens feitas por satélite no ano de 1986, reflete sobre a alteração da cobertura vegetal, que era de 78,15%; deste percentual, apenas o manguezal estava virgem, enquanto os outros tipos de florestas já se apresentavam alterados.

Mesmo com todo desmatamento ocorrido em Curuçá, o município ainda possui um Patrimônio Natural com belas ilhas de considerável extensão, como as ilhas Mutucal, Ipomonga, Mariteua, Pacamorema, Cipoteua e Santa Rosa, que se comunicam com uma infinidade de rios, raias e Recantos banhados pelo Atlântico, como podemos observar na figura seguinte.



Mapa 1: Município de Curuçá e suas ilhas, rios e recantos

Fonte: AVIZ, 2005, p. 57.

2.4 A RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA “MÃE GRANDE” DE CURUÇÁ

Reservas ecológicas ou RESEX são áreas de interesse ecológico, social e de conservação protegidas pelo poder público e de propriedade da União, concedidas às populações extrativistas por um período não inferior a 60 anos, sob a fiscalização do poder público. Seu uso só é liberado mediante termo de concessão de uso e plano de utilização da reserva aprovada pelo IBAMA.

Segundo Figueiredo (2007), Mãe Grande é uma reserva ambiental extrativista marinha, legalmente constituída e povoada por 52 comunidades tradicionais de pescadores e agricultores, com um centro urbano composto pela junção da sede do município de Curuçá com o Distrito de São João do Abade, que é uma área visivelmente em crescimento com uma população estimada em mais de 11 mil habitantes.

Seus recursos naturais encontram-se diretamente ligados à ação da atividade pesqueira industrial e artesanal, com possibilidades concretas de abrigar a construção de um grande porto de escoamento nacional de produtos, fato que vem sendo amplamente discutido nos últimos meses.

Conforme diversos estudos, como os de Giarrizo (2007) e Figueiredo (2007), a Reserva Marinha “Mãe Grande” é uma das mais importantes Unidades de Conservação localizadas na costa amazônica. Situada no município de Curuçá, na Região do Salgado, Nordeste Paraense.

Sua área abrange aproximadamente 37 mil hectares de estuário¹⁰, povoada por aproximadamente seis mil pescadores e suas famílias, instaladas nas comunidades próximas às ilhas, furos, rios e praias do município.

Criada em 2002, “Mãe Grande” é uma das UP (Unidade de Proteção) nacionais que se inserem na classificação do Governo Federal, de uso sustentável, cujo objetivo legal é conciliar a manutenção dos meios de vida da população tradicionalmente instalada à conservação dos recursos naturais renováveis locais.

Por lei, as reservas extrativistas são áreas de domínio público, utilizadas por populações tradicionais, a exemplo da população da Reserva “Mãe Grande”, cuja subsistência é, comprovadamente, baseada no extrativismo, na agricultura de subsistência e, sobretudo, na atividade pesqueira. Dessa forma, conscientizar a comunidade local sobre a importância do ambiente em que vivem é uma das ações mais eficazes em que o poder público pode investir. Por

isso, nossa pesquisa tem o interesse de disponibilizar, às lideranças locais, os resultados de nossos estudos, para que, de alguma forma, essa conscientização aconteça na região.

Vejamos, na figura próxima, a reserva “Mãe Grande” a partir de imagem de satélite, nela se destacam alguns fenômenos naturais, identificados pelas respectivas siglas; I: Ilha; Ch: Chenier; PC: Planície Costeira; Br. Grupo Barreiras; Mg. Mangezal; D.c: Dunas Costeiras; Pb: “Praias Barreiras”, R: rio.



Figura 1: Imagem de Satélite mostrando as unidades morfológicas da Planície Costeira de Curuçá
Fonte: M e R. *Município de Curuçá: aspectos físicos, meteorológicos. & oceanográficos*, 2004.

2.5 OS DIFERENTES TIPOS DE PESCA EM CURUÇÁ

Após esclarecermos sobre os aspectos gerais do município de Curuçá-Pa-Br, contextualizando-o em relação à região da Amazônia onde está inserido, é importante destacarmos os diferentes tipos de pesca existentes nesse município, uma vez que é esta atividade profissional a grande geradora de parte das unidades lexicais usadas em nossa pesquisa. Como referencial teórico a respeito da pesca na região estudada, tomamos como referência a pesquisa de Ronaldo Barthem e Michael Goulding (2007), intitulada *Um Ecossistema Inesperado: Amazônia revelada pela pesca*.

A seguir, temos um gráfico da área de pesca da Microrregião do Salgado, na qual o município de Curuçá está inserido. Podemos observar quais espécies de peixe e em qual proporção são encontrados na região. Cada uma delas é pescada de diferentes maneiras de acordo com os costumes locais. Perceberemos, também, que a atividade pesqueira nessa região tem sofrido modificações com a chegada da pesca industrial que vem alterando, consideravelmente, a ictiofauna deste lugar.

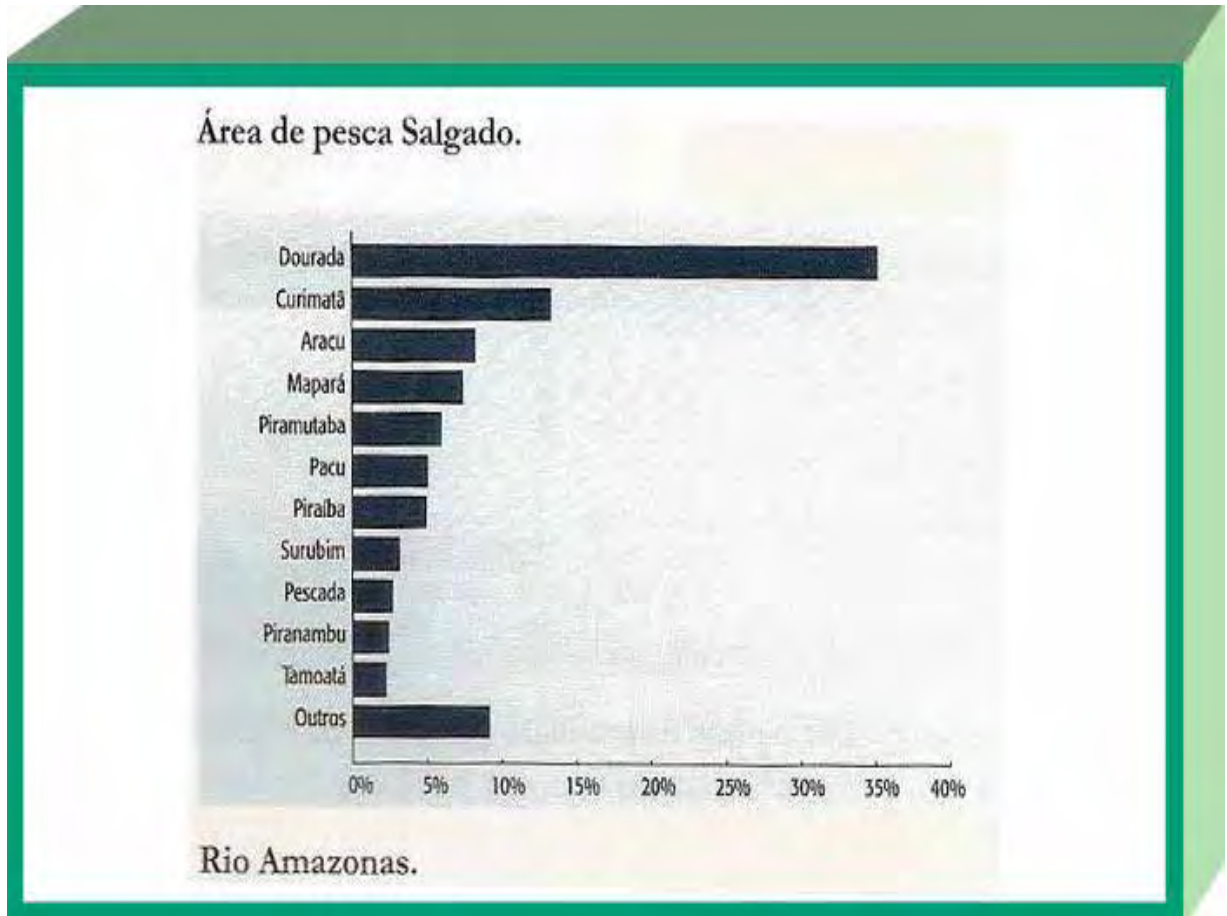


Gráfico 1: Área de Pesca da Microrregião do Salgado

Fonte: Barthem e Goulding, 2007, p. 104.

2.5.1 Pesca com Timbó: Segundo Barthem e Goulding (2007) antes das redes de arrasto e de malha serem introduzidas no início do Século XX, a pesca na Amazônia era baseada, principalmente, em métodos indígenas. Os portugueses e espanhóis que migraram para a região amazônica, no início de seu povoamento, adotaram da pesca indígena um amplo conhecimento sobre a história natural dos peixes e arpões de pesca, assim como habilidades com o arco e flecha e técnicas de conservação de pescado. Veneno para peixe, ou *timbó*, como é conhecido entre os indígenas, era amplamente usado pelos povos indígenas e seu uso atual é restrito a algumas localidades como é o caso dos moradores da aldeia dos Andirá em Curuçá-Pa-Br.

O timbó, conforme Barthem e Goulding (2007), é um tipo de planta que é misturada ao barro e colocada em pequenos igarapés ou lagos de várzea; é usado em leitos de rio pedregoso.

Infelizmente, existem poucos registros sobre esse tipo de pesca, mas sabemos que os indígenas manuseiam o timbó artesanalmente sem oferecer danos ao meio ambiente. A seguir, pescador na Ilha de Mutucal, em Curuçá, com pesca de timbó.

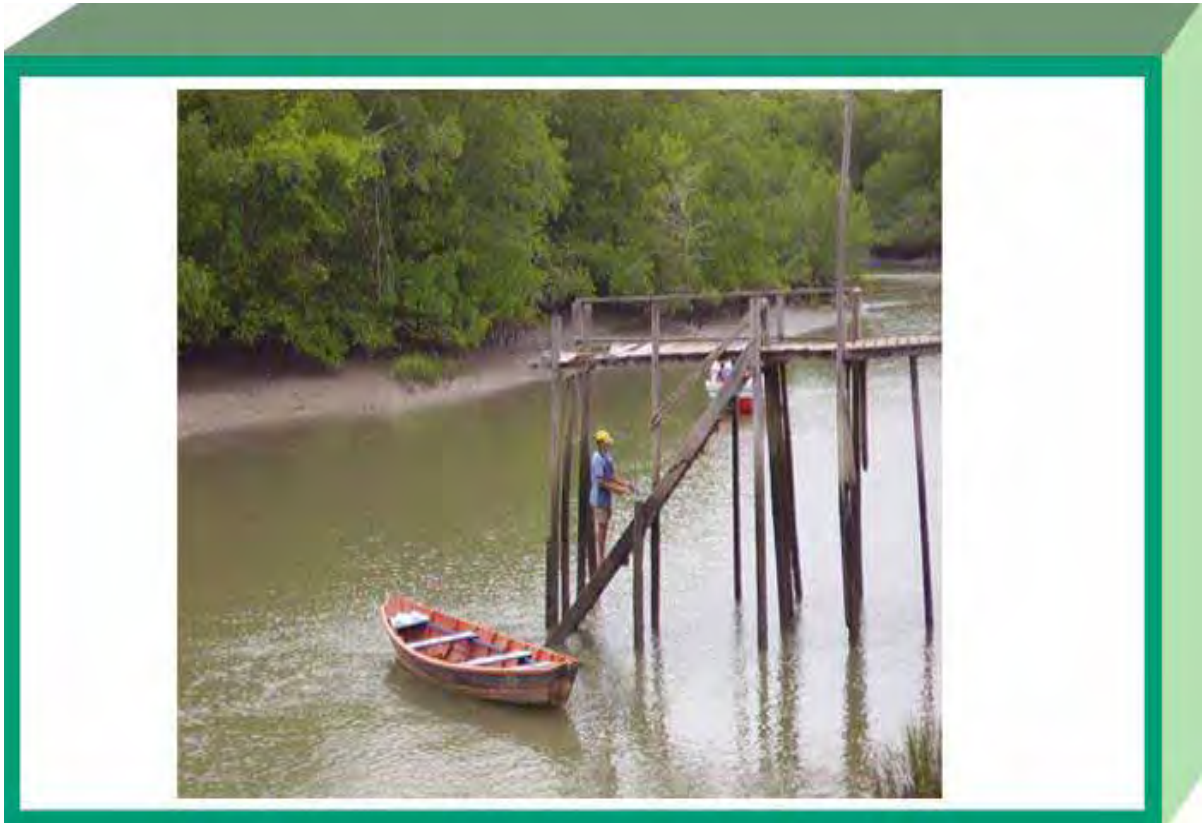


Imagem 1: Pesca de timbó na Ilha de Mutucal – Curuçá-Pa-Br
Fonte: GUSMÃO, E. A. 2010.

2.5.2 Pesca de Curral: O curral é uma armadilha usada na zona de marés, é feito de fibras de palmeiras e cipós e é construído perpendicularmente à praia, na zona de maré. Em geral, a profundidade da água não ultrapassa cinco metros na maré alta. Segundo Barthem e Goulding (2007), os currais podem ter até 50 metros de comprimento e são feitos de três partes principais. Paredes altas conduzem os peixes para a primeira câmara (espaço separado na armadilha), onde permanecem até a maré começar a baixar, quando passam para a câmara seguinte, que é mais baixa e geralmente circular. Os peixes ficam nesta câmara até a maré baixar, quando são retirados

pelo pescador. Conforme constatamos em nossa pesquisa de campo, a Ilha de Mutucal, pertencente ao município de Curuçá-Pa, é onde mais se pratica esse tipo de pesca na região.



Imagem 2: Pesca de curral

Fonte: E. S; V. J, 2005. p. 08.

2.5.3 Pesca de arrasto: A pesca de arrasto de peixes teve um rápido crescimento no início dos anos 1970. De acordo com Barthem e Goulding (2007), esse crescimento aconteceu devido aos incentivos fiscais oferecidos pelo governo brasileiro. Em 1971, pescadores japoneses foram contratados para adaptar os barcos usados na pesca de camarão para a exploração de peixes. A técnica de arrasto pode ser usada por meio do posicionamento em paralelo de barcos, os barcos de pesca de arrasto em paralelo possuem de 17 a 29 metros de comprimento e têm capacidade de 20 a 105 toneladas para carga de gelo, motores de 165 a 565 HP e acomodação para sete tripulantes em média.

A rede para pescaria é geralmente chamada de rede tipo Dinamarquesa ou Portuguesa e mede, aproximadamente, 45 metros de boca e 75 metros de comprimento. Os locais desse tipo de pesca situam-se próximos das áreas onde há o encontro da água doce com a água salgada, visto que é nesses locais onde há presença de peixe bagre, sendo os barcos de arrasto utilizados para a

pesca dessa espécie entre outros peixes, geralmente em água doce e em fundo de lama, em profundidade de 5 a 20 metros. A pesca de arrasto, em comparação com os outros tipos de pesca citados, pode ser considerada como sendo quase industrial, visto que requer uma infra-estrutura e custo maiores, é um tipo de pesca praticada na região do Abade, local onde o município de Curuçá formou-se inicialmente e onde, hoje, encontra-se a maior quantidade de atravessadores e donos de barcos de pesca. A seguir, imagem de pescadores na *pesca de arrasto*, em Curuçá.

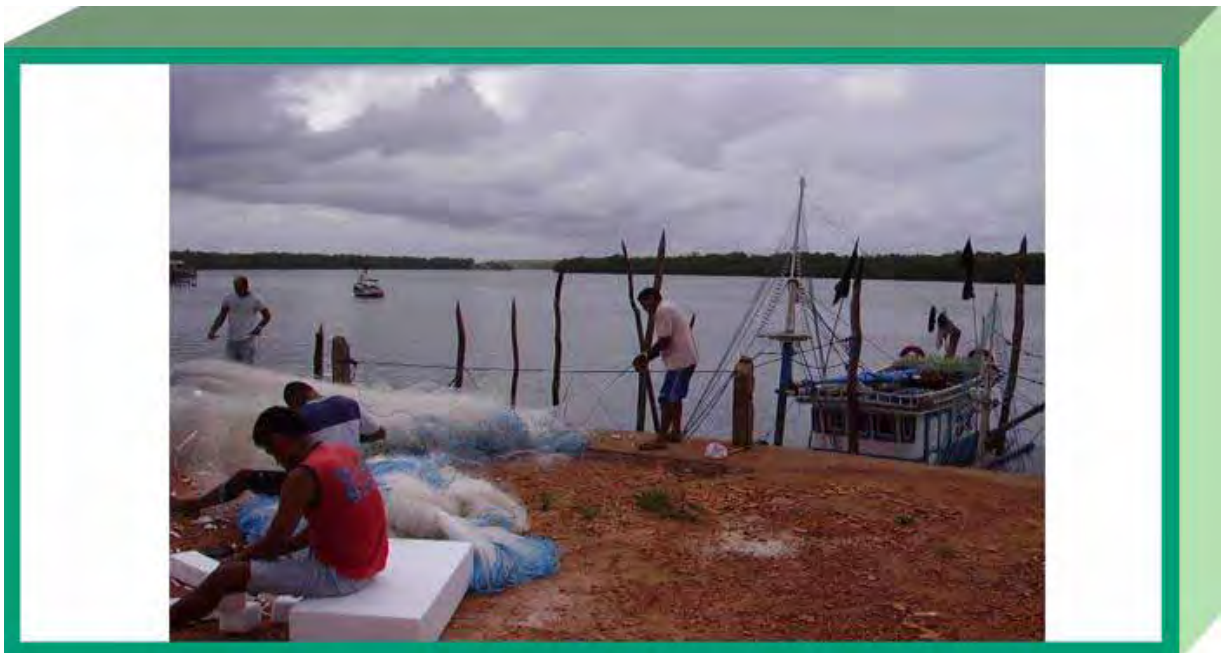


Imagem 3: Pescadores na pesca de arrasto, na Ilha do Abade, em Curuçá-Pa
Fonte: GUSMÃO, E. A. 2010.

2.5.4 Pesca de crustáceos (camarão, caranguejo, mexilhão, entre outros): Segundo Barthem e Goulding (2007) a captura dos crustáceos, entre os quais se encontra o camarão é constante em todos os meses do ano, exceto entre dezembro e maio (estação chuvosa), quando a produção diminui. As principais artes de pesca utilizadas para exploração do camarão são a *muruada* e *puçá de arrasto*. A *muruada* consiste numa fileira de estacas instaladas no meio do rio sobre as quais se colocam vários puçás. O *puçá de arrasto* é uma rede de malha fina utilizada inclusive para a captura de camarões juvenis.

Entre os impactos antrópicos relacionados à pesca de crustáceos observados por estudiosos da ictiofauna, tais como Giarrizzo (2007), podem ser destacados: (1) pesca em período de reprodução, uma vez que a pesca é realizada em qualquer época do ano; (2) uso de malhas finas, favorecendo a captura de camarões juvenis; e (3) pesca em locais de refúgios, como poços, capturando espécies de todos os tamanhos. As principais espécies de camarão de interesse comercial encontradas em Curuçá são: *F. subtilis* (camarão rosa), *L. schimitti* (camarão branco) e *X. kroyeri* (camarão sete barbas ou piticaia). A pesca de crustáceos como o camarão e o mexilhão é realizada, em maior proporção, na Villa do Curuperé em Curuçá, dados esses registrados por Giarrizzo (2007). A seguir, pescadores, com o puçá de arrasto, na pesca do camarão.

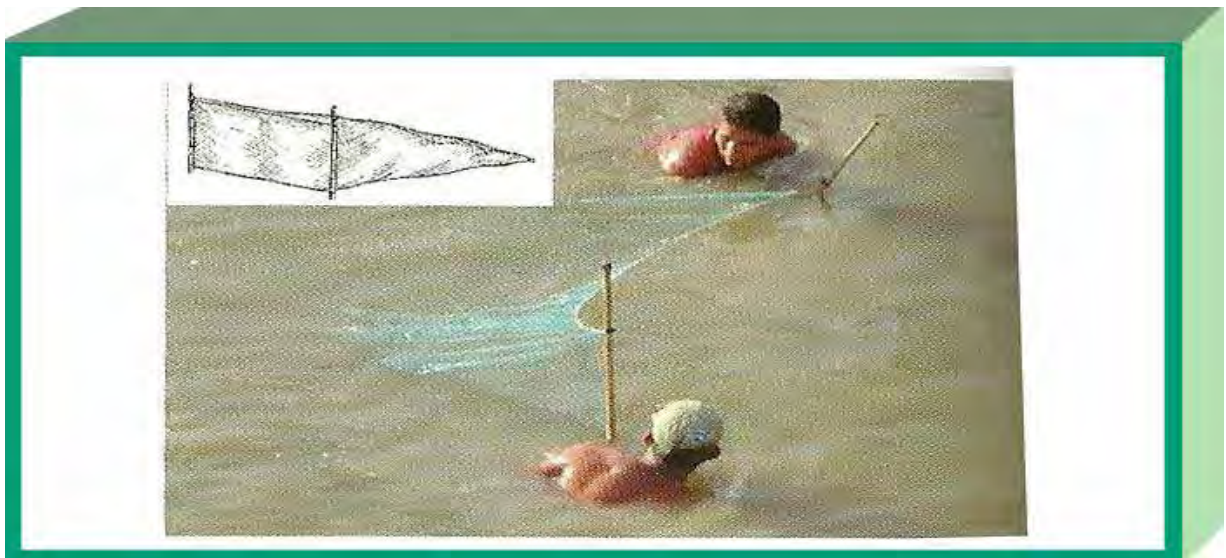


Imagem 4: Pescadores de crustáceos
Fonte: E. S; V. J, 2005. p. 07.

Como podemos verificar, a forma mais artesanal de pesca ainda praticada na região é a *pesca com timbó*, em que um indivíduo isolado, com uma canoa ou uma rede utiliza o timbó (veneno feito com ervas) para atrair o peixe. Porém, atualmente, com o crescimento do comércio na região, a pesca com o auxílio de embarcações maiores, equipadas com tecnologia para a detecção de cardumes, tem sido alvo de empresários despreocupados com a preservação da fauna aquática, mudança essa que assusta os pescadores artesanais e oferece grande risco para a ictiofauna local.

3 METODOLOGIA - OS PROCEDIMENTOS EM CAMPO

Para que as metas estabelecidas neste trabalho fossem alcançadas, iniciamos nossa primeira viagem de campo, com recursos próprios, a fim de coletarmos informações e dados lexicais para a composição do *corpus*, o que ocorreu em dezembro de 2008, em ano anterior ao nosso ingresso no programa de doutorado em linguística da UNESP. Essa primeira viagem a campo teve a duração de 50 (cinquenta dias), sendo iniciada no dia 10 de dezembro de 2008 e concluída no dia 28 de janeiro de 2009.

Posteriormente, ao ingressarmos no programa de doutorado em linguística da UNESP, foi realizada nossa segunda viagem a campo, que aconteceu entre os meses de janeiro e fevereiro de 2010, com duração de vinte e cinco dias, ocasião em que coletamos dados novos : cerca de 150 novos vocábulos e novas imagens de peixes e outros elementos da fauna e flora, os quais fotografamos.

Nossa terceira viagem a campo ocorreu em outubro de 2011 e teve a duração de 15 dias, ocasião em que executamos coleta de dados no local onde os catadores de caranguejo realizam a extração do crustáceo, além de uma investigação sobre a extração do *Turú*, molusco encontrado no tronco das árvores dos manguezais de Curuçá.

Em entrevista com uma pescadora, registramos a existência de diversos crustáceos usados na alimentação dos moradores da região e cuja denominação é, basicamente, de origem indígena, tal como o termo *sarnambi* e *cupaxi*, descritas como espécies, também, encontradas no manguezal. A investigação sobre a pesca de crustáceos necessitou obedecer ao período da safra, ocasião em que as espécies não estão em reprodução, por isso, nossa terceira pesquisa de campo ocorreu no mês de outubro que antecede o período das chuvas na região (dezembro a maio).

Essa terceira viagem a campo, apesar de ter ocorrido durante um período de apenas 15 dias, foi bastante produtiva, pois tivemos a oportunidade de confirmar dados, corrigir equívocos de transcrições, além de ter sido uma ocasião de reforçar os laços com a comunidade local que recebeu, positivamente, os resultados de nossa pesquisa.

Dessa forma, podemos sistematizar as etapas em que os procedimentos metodológicos foram realizados da seguinte forma:

a) **Pesquisa bibliográfica e documental** que contou com diferentes recortes metodológicos, que incluem questões de lexicologia, lexicografia, antropologia linguística e

identidade amazônica, aspecto teórico estreitamente relacionado à questão de patrimônio imaterial. Tais questões serão tratadas, especificamente, ao nos referirmos sobre os fundamentos teóricos de nossa pesquisa.

Paralelamente, outro levantamento bibliográfico foi executado; trata-se de informações sobre a ictiofauna da região, além de pesquisarmos sobre métodos de entrevista e transcrição. Foram consultados, também, glossários, vocabulários, dissertações, teses e obras temáticas sobre léxico de culturas tradicionais, visando a um conhecimento do que já havia sido escrito sobre nossa área de pesquisa.

Em relação à pesquisa histórica e geográfica sobre o município tivemos como referência a obra *Curuçá no Passado; Curuçá no Presente* (2007), do historiador Paulo de Tarso M. da Cunha, que é natural de Curuçá-Pa e dedicou parte de sua vida a esse trabalho.

Também consultamos o *Arquivo público da cidade de Belém*, capital do estado do Pará, visto que o município de Curuçá não dispõe de cartórios nem de arquivos públicos; neste local coletamos informações sobre a época das Missões jesuíticas na região e sobre as aldeias indígenas existentes durante esse período. Encontramos, ainda, registros de glossários sobre palavras de origem tupi e outros vocábulos de origem indígena empregados na região, como o *Glossário paraense*, escrito no século XIX, por Vicente de Miranda Chermont.

Em relação à pesquisa sobre ictiofauna, consultamos os acervos do *MPEG (Museu Paraense Emílio Goeldi)* e a *biblioteca do Núcleo de Altos Estudos da Amazônia da UFPA (Universidade Federal do Pará)*, onde encontramos pesquisas realizadas na região de Curuçá-Pa a respeito de sua fauna aquática. Podemos destacar a tese de doutorado do professor italiano Tommaso Giarrizzo, em que é ressaltada a importância da região de Curuçá para manutenção do equilíbrio ecológico do mundo; outra pesquisa que pode ser considerada importante no contexto deste trabalho é a intitulada *Peixes e Camarões do Litoral Bragantino*, organizada pelo professor Roberto V. do Espírito Santo, em que é feito um registro da vasta família de peixes e outros frutos do mar encontrados na região amazônica.

A única pesquisa realizada sobre a linguagem dos habitantes de Curuçá foi organizada por Alcyr Q. de Lima, natural do município de Curuçá e cujo tema foi *O Testemunho Linguístico da Formação Histórica da Região de Curuçá-Pa*, em que é analisado o período das Missões Jesuíticas e sua herança lexical para o município.

b) **Análise dos resultados e levantamento do *corpus***. Esta etapa consistiu no reconhecimento dos itens lexicais do *corpus*, que foram rastreados nas entrevistas com os pescadores locais, nos topônimos encontrados no município e em recortes da produção artística dos habitantes (canções e lendas);

c) **Análise linguística**: As unidades lexicais foram organizadas em campos específicos de acordo com seus traços semânticos, tais como: nomes de peixes, locais de pesca da região, instrumentos de pesca, entre outros, para tentativamente associar os termos lexicais presentes nas entrevistas a um específico subconjunto de línguas dessa família. Pretendemos investigar, quando necessário for, evidências gramaticais presentes na morfologia, sintaxe-morfossintaxe e léxico (cognatos).

3.1 DA SELEÇÃO DOS INFORMANTES

A partir das pesquisas de campo foram selecionados **vinte** informantes, dentre os quais **dezoito** homens e **duas** mulheres, já que a atividade da pesca ainda é considerada uma atividade masculina na região. A escolha dos informantes obedeceu aos seguintes critérios:

- a) Trabalhar com peixes;
- b) Ter um tempo mínimo de trabalho com peixes de 05 (cinco) anos;
- c) Ter, no mínimo, 18 (dezoito) anos de idade;
- d) Ser natural de Curuçá e pertencer à comunidade pesquisada.

A maioria de nossos informantes apresenta pouca escolaridade, trabalha há mais de cinco anos como pescador e, contabilizando os idosos, alguns têm mais de 40 (quarenta) anos de profissão, são descendentes, em sua maioria, de povos indígenas habitantes da região.

Em relação à abordagem linguística das entrevistas, procuramos levar em conta os seguintes direcionamentos de Tarallo (1986, p. 56):

Seja qual for a comunidade, seja qual for o grupo, jamais deixe claro que seu objetivo é estudar a língua tal como ela é usada pela comunidade ou grupo. (...) tente minimizar o efeito negativo de sua presença sobre o comportamento sociolinguístico natural da comunidade.

Dessa forma, comunicamos aos informantes que o objetivo de nossa pesquisa era estudar a pesca em Curuçá; somente ao final da conversa acrescentamos que, para falar sobre a pesca necessitávamos falar dos pescadores e sobre a linguagem que eles usam, sendo essa linguagem, guardiã da origem indígena da comunidade. Em relação à nossa atitude, alguns entrevistados afirmaram ser importante tal pesquisa para a valorização do pescador local que vem perdendo espaço desde o surgimento e posterior crescimento da pesca industrial na região.

3.2 DO TIPO DE ENTREVISTA E DE QUESTIONÁRIO

A partir do conhecimento extralinguístico relacionado à atividade da pesca, foram levantadas informações a partir de relatos orais, histórias de vida contadas em entrevistas abertas. Seguiu-se um roteiro previamente elaborado em conjunto com nossa orientadora cujo conteúdo constava de um conjunto de perguntas aplicadas a esse campo, correspondentes aos tipos, hábitos, espécies de peixes⁵, elementos que compõem os locais de pesca; como a maré, o mangal, as ilhas e igarapés, instrumentos e procedimentos relacionados ao processo de pesca e comercialização do peixe.

Nas entrevistas, foi utilizado tanto gravador como anotações de dados, dependendo do local das entrevistas e da situação de comunicação ocorrida. Tais entrevistas ocorreram por meio de diálogo informal, em tom de conversa, o que contribuiu para que os itens lexicais fossem apreendidos e documentados num contexto o mais natural possível.

Dessa forma, o levantamento dos termos e seus conceitos nortearam as entrevistas com os informantes. Em alguns momentos percebemos que as entrevistas realizadas no próprio local de trabalho dos pescadores desfavoreciam a coleta de dados linguísticos, por facultar a apresentação visual do referente, em casos de referentes concretos (como instrumentos de pesca, peixes, entre outros). Para evitar essa situação, realizamos algumas entrevistas na Colônia dos Pescadores, denominação dada ao sindicato dos pescadores locais.

⁵ Em nossa pesquisa faremos uso de textos de ictiólogos (tais como GIARRIZZO, 2007) e, em campo, na medida do possível, utilizamos o guia de identificação de peixes do litoral Bragantino-Pa-Br organizado por SANTOS e ISAAC, 2005.

Algumas vezes realizamos entrevistas individuais, em outros locais, entrevistas com grupos focais cujo procedimento foi reunir um pequeno grupo de entrevistados em local predeterminado (mercado de peixe, colônia de pescadores, casa do líder da comunidade) e propor um assunto ou uma temática para debaterem, neste íterim realizamos o papel de mediador. Em relação à entrevista com grupos focais, Zaluar (2009) faz a seguinte reflexão:

(...) a interlocução com o entrevistador pode desencadear a conversa independente entre os entrevistados, tanto mais interessante quanto mais discordarem um do outro, desmentirem fatos, esclarecerem dúvidas e aprofundarem o conhecimento de cada um a respeito do que sabem (...).
(ZALUAR, 2009, p. 578).

O questionário básico utilizado, que, no início contava com vinte e cinco questões, avolumou-se no decurso da pesquisa e as questões acabaram desdobrando-se em dezenas de outras, na maioria das vezes, seguindo o direcionamento dado ao assunto pelo próprio entrevistado. Outras vezes, na condição de entrevistadora, direcionamos o assunto ou fizemos interferências para testar informações colhidas em outras entrevistas ou, simplesmente, para que a temática tratada não se afastasse do objetivo a que nos propusemos alcançar.

Dividimos as questões em: locais de pesca, nomes de peixes de água doce, nomes de peixes de água salgada, instrumentos de pesca utilizados, etc. Apesar de ter-se verificado a necessidade de algumas mudanças, o questionário, de um modo geral, alcançou boa receptividade por parte dos informantes.

QUESTIONARIO APLICADO AOS PESCADORES DE CURUÇÁ

- 1- Qual o seu nome e a sua idade?
- 2- O (A) senhor (a) é nascido (a) aqui em Curuçá?
- 3- Quanto tempo o senhor (a) é pescador (a) e quem lhe ensinou a sua profissão?
- 4 – Onde o (a) senhor (a) costuma pescar? (maré, rio, praia)?
- 5- Qual o tipo de peixe que o senhor (a) mais costuma pescar? (de escama, de pele, de água doce, etc)?

- 6 – Qual o peixe mais apreciado aqui em Curuçá?
- 7 - Por que vocês gostam mais desse tipo de peixe do que dos outros? Ele faz bem pra alguma doença? É mais saboroso que os outros?
- 8 – O (A) senhor (a) acha que tem diferença entre os peixes de água doce e os de água salgada? Por quê?
- 9 – Quais os nomes dos principais peixes de água doce daqui?
- 10 – E os nomes dos peixes de água salgada mais importantes daqui?
- 11 – Quais os nomes dos materiais de pesca que o (a) senhor (a) usa?
- 12 – Quais os nomes dos lugares que o (a) senhor (a) costuma pescar?
- 13- Qual o melhor tempo para pescar? (na maré cheia, maré vazante, lua cheia?).
- 14- Tem alguma época que vocês são proibidos de pescar? O governo do Estado oferece algum benefício quando vocês não podem pescar?
- 15 – Existe algum peixe que não pode ser consumido por quem está doente, operado ou gestante?
- 16 - O (A) senhor (a) conhece alguma receita de peixe ou outro marisco que é bom para algum tipo de doença?
- 17 – Tem algum peixe que não é mais encontrado aqui?
- 18 – Tem algum rio, igarapé que o (a) senhor (a) conheceu e que hoje não existe mais?
- 19 – Como está a pesca hoje em Curuçá? Está melhor ou pior que no passado?
- 20 – Nesses anos de pescador (a) tem alguma história que marcou a sua vida?

3.3 DA TRANSCRIÇÃO

A transcrição das entrevistas desta pesquisa colocou-nos diante de um questionamento: - *Que modelo escolher para dar corporeidade ao nosso material linguístico oral?*

Inicialmente, realizamos inúmeras tentativas de transcrever as entrevistas de acordo com as “Normas para Transcrição de Entrevistas”, baseadas no critério para transcrição do projeto NURC, porém, decidimos optar pela *transcrição ortográfica*, tal como ouvimos os textos,

valendo-nos dos recursos tradicionais de marcação prosódica como sinais de pontuação, uso das maiúsculas que caracterizam um texto escrito, uma vez que a transcrição feita por nós deu aspecto gráfico a um material oral.

Nossa opção pela transcrição ortográfica é justificada pelo fato de que o registro fonético não nos pareceu relevante para a configuração lexical em nosso estudo, também porque nossa escolha manifesta um posicionamento diante do objeto de nossa pesquisa. A esse respeito, Cintra (2000) nos ensina que:

Transcrever, contudo, não é uma tarefa mecânica, sujeita apenas à representação de sons por símbolos gráficos, mas sim posicionamento (ideológico) teórico, que permite estabelecer que fenômenos interessam à observação e por quê, quais de seus aspectos são relevantes para os fins pretendidos e que grau de variação deles se pode ou poderia esperar (CINTRA, 2000, p. 165).

Diante do que Cintra (2000) nos orienta ressaltamos que, ao transcrever as entrevistas, percebemos que o interessante seria facilitar a leitura e dar-lhes a maior fidelidade possível. Sabemos que é difícil representar na escrita, na tentativa da fidelidade máxima possível à oralidade, processos lexicais como: rupturas, quebras ou reduções que podem se confundir com outras realizações linguísticas, por isso, buscamos transcrever esses processos tal como os ouvimos, apenas quando julgamos não confundirem a leitura e não apresentarem margem para mais de uma possibilidade de entendimento.

Dessa forma, quando houver necessidade, além das informações sobre os procedimentos gráficos adotados nas entrevistas, daremos informações adicionais sobre a linguagem não verbal usada pelos entrevistados (gestualização, expressão facial ou silenciamento), por meio de parênteses e itálico. Assim, esperamos expressar aos leitores, de que maneira compreendemos o universo de nossa pesquisa ao interpretarmos a fala dos pescadores por nós entrevistados.

4 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

4.1 LÍNGUA E LINGUAGEM: UMA RELAÇÃO DIALÉTICA

Para definirmos os fundamentos teóricos referentes à nossa pesquisa é necessário analisarmos a materialidade linguística de nosso *corpus* que é composto por meio das entrevistas (texto falado), topônimos relacionados à pesca, canções populares, lendas e outros elementos culturais, por isso, nosso primeiro passo, ao tratarmos dos fundamentos teóricos de nossa pesquisa, será definir qual concepção de língua e linguagem adotamos em nosso trabalho.

Dessa forma, o campo teórico que percebemos dialogar claramente com o nosso trabalho é o de linguagem como processo dialético de interação. Nesse processo interagem os interlocutores que apresentam autonomia em relação à comunicação e não têm como propósito único expressar seus pensamentos; os interlocutores agem com o propósito de modificar crenças e ideias numa relação sempre vinculada a um contexto sócio-histórico-ideológico. Sendo assim, podemos inferir que o falante não é um simples emissor de ideias, já que seu papel é o de construir um sentido para a sua fala em sua totalidade enunciativa e não apenas em seu aspecto linguístico. Nesse percurso de interação, em que se utilizam os signos linguísticos, a ideologia está sempre presente, visto que, no contexto ideológico, a linguagem relaciona-se aos aspectos culturais e individuais do falante. Sendo assim, o signo linguístico pode ser em parte, definido a partir da seguinte afirmação de Bakhtin (2002, p.32):

O signo linguístico não existe apenas como parte de uma realidade, ele também reflete e refrata outra realidade. Ele pode distorcê-la, ser-lhe fiel ou apreendê-la de um ponto de vista específico. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado ou bom).

A partir da visão de signo linguístico como reflexo de uma realidade em que se apresentam critérios ideológicos de avaliação, tomamos como base a concepção de *língua* (sistema) como forma de organização em que sua função primordial é a comunicação, impregnada de valor e sentido.

No sistema linguístico temos oposições fônicas e semânticas, porém, nem as oposições semânticas, nem as regras de combinação conseguem explicar certos fenômenos ocorridos, por

exemplo, no léxico falado pelos pescadores de nossa comunidade de fala; por isso, nos apoiamos, inicialmente, na teoria defendida por Coseriu (1980) para definirmos *língua e linguagem*. Coseriu (1987) reformulou a dicotomia saussuriana *língua versus fala*. De acordo com Saussure, a *língua* é um sistema de signos e a *fala* é a realização desse sistema, sendo que a *língua* tem um aspecto social e a *fala* um aspecto individual. Coseriu (1980), no entanto, propõe que a dicotomia *língua versus fala* seja redefinida para *sistema versus norma versus fala*; assim, as variantes linguísticas seriam descritas nos domínios da norma. Na teoria proposta por Coseriu (1980, p. 54), a *fala* continua na ordem do individual, mas o conceito de *língua* é ampliado: segundo sua teoria “a *língua*, no sentido amplo do termo, não é apenas sistema funcional, mas também, realização normal”.

O *sistema*, segundo a teoria de Coseriu, coincide com o conceito de *língua* de Saussure, porém, o que Coseriu chama de *língua* é o *sistema* articulado com suas normas, ou seja, com suas mudanças e variantes linguísticas. Assim, o conceito de *língua*, para Coseriu, inclui o *sistema*, que é do domínio de todos os falantes de uma mesma língua, e as normas, que, como variantes desse sistema, são do domínio de grupos sociais e regionais. Podemos aplicar essa concepção teórica em relação à realidade vivenciada pela comunidade de Curuçá-Pa-Br, visto que os falantes dessa comunidade apresentam o domínio das normas utilizadas na construção dos sentidos lexicais por eles empregados. A esse respeito, Biderman (1978, p. 18) enfatiza o caráter impositivo da norma: “A norma é, com efeito, um sistema de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade”.

Retomando nosso posicionamento anterior em relação ao campo teórico que define a nossa visão sobre linguagem, definimo-la como processo dialético de interação. Segundo Lopes (2005), o termo “*linguagem*” apresenta uma notável flutuação de sentidos. Ele é empregado para designar fenômenos como: linguagem falada, linguagem escrita, linguagem das artes, linguagem dos gestos, entre outras. Convém, por isso, delimitarmos nosso posicionamento em relação à linguagem natural (falada pelos humanos). Borba (2005) define a linguagem natural como:

Qualquer desses meios de comunicação aplicados àquela aptidão humana para associar uma cadeia sonora (voz) produzida pelo chamado aparelho fonador a um conteúdo significativo e utiliza o resultado dessa associação para a interação social, uma vez que tal aptidão consiste não apenas em produzir e enviar, mas ainda em receber e reagir à comunicação (2005, p. 09).

Importante para nossa pesquisa é a definição de língua falada; visto que, durante muito tempo, foram privilegiadas pesquisas a respeito da língua escrita, havendo, portanto, carência de bons estudos sobre o nível oral da língua. Um desses trabalhos é o de Schwitalla (1999:16) que faz a seguinte reflexão: “Língua falada é um discurso livremente formulado, espontâneo, produzido em situações comunicativas autênticas”. Ao reformular essa reflexão, Marcushi (2004, p. 5) analisa que:

Língua falada é toda produção linguística dialogada ou monologada de forma natural, realizada livremente e em tempo real, em contextos e situações comunicativas autênticas, formais ou informais, em condições de proximidade física, sem a interferência de meios eletrônicos.

Marcushi (2004, p.7) acrescenta ainda que “outro aspecto relevante a ser questionado é o problema da variação, a mesma não é um fenômeno exclusivo da língua falada, esta permeia todos os níveis de organização e funcionamento da língua”. Ao tratar sobre a língua falada tomamos nosso *corpus* de pesquisa, que é composto por entrevistas com pescadores ribeirinhos da região amazônica de Curuçá-Pa-Br; estes são, também, exemplos de interlocutores que usam sua língua a partir de escolhas que definem significados e propósitos, tendo a liberdade de modificarem crenças e ideias numa relação dialética vinculada ao contexto social, histórico e ideológico no qual estão inseridos.

4.2 LÉXICO, PATRIMÔNIO IMATERIAL E MEMÓRIA

Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais (Ecléa Bosi, 2003, p. 73).

Segundo Frübel (2006, p. 26), o léxico de uma língua funciona como um elo que estabelece uma conexão entre o universo da linguagem, a realidade objetiva e a cultura de uma determinada comunidade linguística. Nesse sentido, podemos afirmar que, preservar o léxico é, também, preservar a realidade cultural de uma comunidade linguística.

Benveniste (1989), na série de estudos “Léxico e Cultura”, expõe como as realizações culturais se manifestam nos arranjos lexicais; nesse trabalho o autor defende que a afirmação

tradicional de que a língua espelha a sociedade não expressa as particularidades de uma compreensão satisfatória das relações entre língua e cultura. É no arranjo inerente à língua, no caso de nossa pesquisa no processo de preservação lexical, que está um possível caminho para o estudo da relação léxico e cultura.

Pautando-nos sobre as características da linguagem presentes no léxico, buscamos encontrar, no nível mais dinâmico da língua, marcas de sua conservação. Esta tarefa exige que as entidades lexicais sejam estudadas em contexto de significação, ou seja, em uso efetivo para que se esclareça sua dinâmica, por isso, optamos pela expressão oral da língua em um grupo de usuários específicos.

Do campo conceitual organizado em grupos lexicais, a partir do levantamento do léxico de determinado meio social, podemos deduzir as relações estabelecidas entre cultura, língua, história e sociedade, na medida em que os campos léxicos expressarão os aspectos socialmente valorizados por determinados grupos, inclusive as condições de vida impostas pelo meio físico.

Em relação à expressão oral da língua, segundo PAULA (2007), em sua tese sobre o léxico dos habitantes de Catalão-Go, é importante que sejam feitos estudos sobre o falar de grupos de indivíduos que se ocupam de trabalhos específicos, principalmente na zona rural. A cultura estratifica-se a partir da atividade econômica que a sociedade desenvolve e da qual sobrevive, por isso, descrever o léxico utilizado nos diversos segmentos que compõem este setor contribui para ampliar as pesquisas sobre o perfil étnico, social e cultural dos cidadãos em atividades econômicas como a rural-pesqueira, a partir de tal aspecto linguístico.

Sabemos que o léxico é o conjunto de unidades lexicais de uma língua que está à disposição do falante. É o acervo cultural de determinadas comunidades linguísticas uma das consequências da dinâmica do indivíduo e da sociedade, tendo como reflexo a experiência da sociedade real, que armazena, portanto, termos conforme as situações de uso.

Tradicionalmente, o léxico é definido como um acervo vocabular disponível aos usuários de um sistema linguístico. Grande parte da história da humanidade está codificada no patrimônio imaterial de uma língua, refletindo, ainda, momentos da vida social, intelectual e ideológica de seus usuários. O reconhecimento da língua enquanto patrimônio imaterial decorre da criação de um documento de salvaguarda dos bens culturais imateriais, elaborado na/pela Conferência Geral da UNESCO, ocorrida em Paris de 29 de setembro a 7 de outubro de 2003. Nesta conferência foram discutidas iniciativas públicas que levassem à preservação de nosso

patrimônio imaterial, patrimônio esse que funciona como um verdadeiro banco onde estão depositadas tradições orais, saberes, práticas e técnicas locais.

Em tal documento, intitulado Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, a língua é assim definida:

SD1: § 2. O “patrimônio cultural imaterial” tal como é definido no parágrafo I supra, manifesta-se nomeadamente nos seguintes domínios: **tradições e expressões orais**, incluindo a **língua** como **vector do patrimônio cultural imaterial** (UNESCO, 2003). [grifos nossos]

Assim como ocorreu no Brasil, na conferência de 2003, a UNESCO recomendou em ações internacionais que os países signatários das recomendações e cartas conclusivas informassem as ações de seus Estados nas políticas de preservação e seus respectivos planos de salvaguarda. Nesse contexto, nosso país tem assumido muitos compromissos em relação à proteção de seu patrimônio imaterial, porém, cabe à toda sociedade brasileira, e em especial à comunidade acadêmica, o compromisso de valorizar sua própria cultura e identidade.

Dessa forma, acreditamos que nossa pesquisa tem, entre outras finalidades, o objetivo de contribuir com a proteção do patrimônio imaterial, sendo uma voz, na polifonia das vozes que falam de sua cultura, informando sobre a realidade de uma região que necessita ser ouvida e valorizada por nossos governantes.

Relacionar a competência linguística de natureza lexical própria do ser humano à sua faculdade de conservar ou recuperar ideias e imagens é relacionar léxico e memória. É a memória e suas múltiplas figurações que permite reconhecer, em cada pessoa, uma identidade social e cultural.

A transmissão de conhecimentos e a transformação desses saberes guardados na memória possibilitam o sentimento de pertença cultural. A esse respeito, Le Goffe (2003, p. 469) nos esclarece que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades”.

Reconhecendo a importância do léxico para a preservação da memória de um povo, nossa pesquisa pretende servir, também, como um elo entre o passado e o presente do povo amazônica de Curuçá, um passado prestes a perder-se, visto que esta comunidade não dispõe de cartórios, museus e arquivos onde poderia estar guardada parte da memória de seus habitantes.

Atualmente, um dos únicos repositórios dessas memórias está presente na tradição do povo, transmitida por meio de sua tradição oral. A memória de um povo preserva não apenas a história da comunidade, mas, sobretudo, conserva os significados coletivos sobre os quais E, Bosi (2003, p.31), nos fala:

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo (E, BOSI, 2003, p. 31)

Bessa Freire (2008, p 98), em seu texto intitulado *Línguas em contato na Amazônia: as línguas indígenas, o nheengatu e o português*, relaciona léxico e memória na Amazônia ao nos recordar sobre a portugalização sofrida pelas línguas indígenas no Brasil. A comunidade de Curuçá não foi uma exceção a tal acontecimento:

A adesão do Grão-Pará à Independência do Brasil, em agosto de 1823, incorporou ao novo estado um expressivo contingente populacional que, em sua maioria, não falavam português como língua materna, situação que se prolongaria ainda por algumas décadas. Coube, portanto, ao estado neobrasileiro a tarefa de completar o processo de portugalização da Amazônia, e da conseqüente desmontagem do Nheengatu.

Sendo assim, consideramos a língua e suas relações sociais como fundamentais para a compreensão do patrimônio linguístico e cultural de muitas comunidades brasileiras. Diversos autores, como Ball (2005) e Franchetto (2005) têm discutido a esse respeito e sobre a importância de se preservar as tradições orais e a integridade das línguas minoritárias, porém, infelizmente, nem sempre é fácil desenvolver projetos de estudo e fortalecimento do patrimônio lexical no Brasil, mesmo assim, pretendemos ser dessa pequena parte dos que buscam contribuir com a preservação lexical por meio de nossos estudos e pesquisas.

4.3 NOÇÕES DE LEXICOLOGIA

Partindo da concepção do que é léxico, compreendemos a lexicologia como o estudo desse aspecto linguístico e o conjunto de unidades lexicais de uma língua que estão à disposição

do falante. Segundo Biderman (1998), a lexicologia traz, também, condições para diversas práticas linguageiras consolidadas, apresenta elementos para a compreensão da palavra e da constante busca de um melhor conhecimento da relação entre língua, história e sociedade. Conforme a autora (1998, p. 13-14):

A Lexicologia focaliza a análise das palavras, a categorização lexical e a estruturação do léxico. Por outro lado, se relaciona com a Semântica, uma vez que, tendo o léxico como objeto de estudo, necessita considerar a sua dimensão significativa.

Borba (2003) trata da lexicologia como sendo a parte da linguística que estuda o vocábulo quanto ao seu significado, constituição mórfica e variações flexionais. Estuda ainda sua classificação formal ou semântica em relação a outros vocábulos da mesma língua, ou comparada com os de outra língua, em perspectiva sincrônica ou diacrônica. Para Borba (2003), a lexicologia tem como objetivo desenvolver as teorias de que os pesquisadores lançam mão na solução de seus problemas práticos. A lexicologia discursiva abrange questões como a história das unidades e dos campos lexicais, as transformações de sentido, remetendo esses fatos a suas condições históricas de produção.

Existem linhas dentro da linguística que compreendem a Lexicologia como uma ciência que trata do estudo científico do vocabulário, englobando a Semântica e a Morfologia. Em relação a esta polêmica, conforme Matoré (1953, p. 13), a Lexicologia muitas vezes é confundida com disciplinas como a estilística, a gramática, a lógica e a psicologia. Para o autor, a Lexicologia está situada entre a Linguística e a Sociologia, uma vez que se trata de uma disciplina que aborda aspectos da história da civilização, da Linguística, da história econômica, dentre outras.

No que se refere aos tipos de estudos, conforme Biderman (1998a, p. 14), os estudiosos dessa área têm desenvolvido pesquisas relacionadas à formação de palavras, à criação lexical (ou neologismos), à Estatística Léxica, ou Léxico-estatística, dentre outros estudos, nos quais a Lexicologia se combina com outras áreas como a Semântica evolutiva ou Diacrônica, a Dialetoleologia, a Etnolinguística, e, mais recentemente, a Psicolinguística e a Neurolinguística.

Dessa maneira é fácil perceber que traçar as delimitações dos campos de estudo das ciências e disciplinas que se ocupam do estudo do léxico não é uma tarefa muito simples, sendo que, em muitos casos, um mesmo estudo necessita de subsídios teóricos de mais de uma ciência

para o seu desenvolvimento. Por isso, fica evidente a dificuldade de delimitação do papel da Lexicologia nos estudos lexicais devido à própria natureza do léxico, pois, como enfatiza Isquierdo (1996, p. 94), o léxico constitui o nível da língua mais difícil de ser sistematizado e formalizado em regras, tendo em vista o seu caráter dinâmico.

Segundo Picoche (1994, p. 9-10), o profissional que se dedica à lexicologia deve questionar-se formulando perguntas, como as que o autor sugere:

Qual a base da unidade lexical?

É possível inventariar todas as palavras de uma língua? De quais instrumentos dispomos para isso? Quanto do conjunto total de palavras de uma língua um indivíduo pode usufruir?

Como conceber a relação do léxico de uma língua com o de outras línguas?

Como definir a relação das palavras entre si e no plano sintático? E no plano semântico? Qual o valor dos contextos que cercam as palavras? E, reciprocamente, como é o funcionamento de cada palavra em seus diversos contextos possíveis?

Quais são as relações entre significante e significado no interior de um vocábulo? Quais as diferenças entre homonímia e polissemia? O que são sinonímia e antonímia?

Como definir uma palavra? Quais são os diferentes tipos de definições?

A partir da compreensão do papel da Lexicologia, podemos afirmar que esta apresenta fundamental importância em nossa pesquisa, visto que esta ciência oferece importantes subsídios para os dois ângulos básicos da pesquisa terminológica: a análise reflexiva e o tratamento dos termos. Como consequência e complemento da prática dos estudos sobre lexicologia definiu-se a lexicografia, da qual falaremos a seguir.

4.4 NOÇÕES DE LEXICOGRAFIA

A lexicografia é uma ciência que dispõe de técnicas para estudar e descrever a palavra no que concerne à atividade de compilação, classificação e análise das unidades do léxico e sua organização em dicionários, vocabulários técnico científicos, vocabulários especializados e glossários. É uma atividade que, segundo Nunes (2006, p. 162), “gera condições para um duplo conhecimento: o da história dos sentidos que ele faz circular e o da história da língua que ele pressupõe”. De acordo com Welker (2004, p. 2), por lexicografia entende-se:

Por um lado, a ciência, técnica, prática ou mesmo arte de elaborar dicionários. Se essa é a chamada lexicografia prática, há, por outro lado, outra acepção, a saber, a lexicografia teórica, ou metalexigrafia. Esta abrange o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários e o estudo tipológico.

A tarefa do lexicógrafo tem sido mantida há mais de quinhentos anos. Ezerquerda (1990, p.280), em seu texto intitulado *El trabajo del lexicógrafo*, analisa que “o trabalho do lexicógrafo definiu-se desde os primórdios das obras lexicográficas já elaboradas dentro de padrões técnicos e metodológicos aceitáveis”. O autor afirma que os primeiros dicionários serviram de referência para os que se seguiram e, por outro lado, os novos serviram de fonte de inspiração para outros, num processo contínuo que persiste até os dias hoje. A respeito da história da lexicografia, Krieger (2006, p. 145) nos orienta que:

A história da lexicografia na Europa, particularmente no século XVII, está fortemente vinculada a reorganizações de caráter geopolítico que levam ao surgimento das nações européias, e a conseqüente preocupação com a unidade lingüística dessas nações. Ilustra essa preocupação o surgimento, na França, do Dicionário da Academia, dedicado ao rei Luís XIII. Concluído em 1694, a elaboração deste dicionário, que expressa o início da identidade da língua francesa moderna, representou na época.

Se a prática lexicográfica francesa contribuiu para a construção da identidade da língua francesa moderna, no Brasil, também devemos ao trabalho lexicográfico a dicionarização de uma parte do léxico brasileiro dos inícios do século XVIII. A esse respeito Gonçalves (2006, p. 206) nos esclarece que:

O Vocabulario Portuguez e Latino (1712-1721) de D. Rafael Bluteau, é fruto da doutrina lingüística e da prática lexicográfica dos alvares de Setecentos, mercê da variedade e riqueza do material nele compilado, presta-se ao estudo de inúmeros aspectos metalexigráficos, tal como a marca lexicográfica do ‘termo do Brasil’.

Assim como a Lexicologia, a Lexicografia também apresenta os seguintes aspectos:

a) compartilha da mesma ciência: a Linguística; b) tem por objetivo a delimitação das unidades lexicais, seguindo critérios e normas cuja variabilidade se relaciona com a natureza e a função das metas a serem alcançadas; c) usa a “*palavra*” como matéria-prima e centraliza seus

interesses em questões, envolvendo problemas de forma e conteúdo e, por isso, mantém vinculação direta com a Semântica.

Podemos considerar que a lexicografia iniciou-se em línguas românicas, assentada em bases científicas, com a publicação dos dicionários⁶ espanhóis: *Universal Vocabulário* de Alonso de Palencia (1490) e *O Vocabulario de Romance en Latin* de Antonio Nebrija (1505). Surgiram outros dicionários monolíngues e um grande número de bilíngues, tendo por característica o fato de copiarem-se uns aos outros.

De acordo com as características da Lexicografia e Lexicologia, observa-se que entre ambas existe uma relação de complementaridade, no plano epistemológico e metodológico, pois a Lexicografia representa uma parte da Lexicologia, embora aquela preceda esta historicamente. Dentro de uma visão de ordem diacrônica, contudo, o tratamento que cada uma delas estabelece com a palavra outorga-lhes uma determinada independência em relação a metodologias e a técnicas utilizadas.

Tomando como aplicação nosso estudo sobre o léxico dos habitantes de Curuçá-Pa, consideramos que a lexicologia nos oferece condições para compreender nosso *corpus* quanto ao seu significado, constituição mórfica e variações flexionais, sua classificação formal ou semântica em relação a outros vocábulos de origem indígena, em perspectiva sincrônica ou diacrônica.

A partir das evidências lexicais, pretendemos organizá-las de acordo com as técnicas propostas pela lexicografia. Conforme mencionamos no início deste trabalho, nossa pesquisa pretende fazer um estudo lexical que documentará, por meio de um vocabulário, os termos de origem indígena empregados na atividade pesqueira e em alguns topônimos que preservaram a memória indígena desses habitantes. Para realização desse objetivo, faremos uso das técnicas propostas pela lexicologia e lexicografia.

⁶ Desde a Época Renascentista, os dicionários monolíngues eram denominados *thesaurus* e se caracterizavam pelo grande número de verbetes elencados.

4. 4 NOÇÕES SOBRE TOPONÍMIA

O vocábulo *Toponímia* tem origem na junção de outros dois vocábulos gregos *topos* “lugar” e *onoma* “nome”, dessa forma, a partir da etimologia deste item lexical, podemos compreender que seu significado está ligado ao contexto de nome dos lugares e designativos geográficos de diferentes aspectos: físico, humano, antrópico ou cultural. Sucintamente, podemos afirmar que as particularidades da toponímia são a busca pela etimologia, o caráter semântico da palavra e suas transformações linguísticas, principalmente, as fonético-fonológicas e as morfológicas. Dick (1990), autora de inúmeros estudos sobre a questão da toponímia brasileira faz a seguinte reflexão:

A expressão onomástica toponímica não é algo estranho ou alheio ao contexto histórico-político e cultural da comunidade. Ao contrário, reflete, de perto, a própria substância ontológica do social, onerado que está de uma profunda carga significativa. Um solo agreste, um clima árido, uma vegetação pobre ou abundante, uma escassez hidrográfica, a peculiar atividade regional ou, por outro lado, a relativa segurança econômica e as tendências artístico-religiosas predominantes na localidade, tendem a configurar, com precisão o sistema toponímico em espécie, aberto a todas as feições culturais (DICK, 1990a, p. 48).

Os estudos de Toponímia no Brasil tiveram influência dos estudos das línguas indígenas brasileiras e foram iniciados segundo uma perspectiva etimológica de origem indígena tupi (Theodoro Sampaio, Padre Lemos Barbosa e seus seguidores). Um dos pesquisadores de toponímia brasileira foi Levy Cardoso que se dedicou à toponímia brasílica amazônica. Na obra *Toponímia Brasílica* faz menção à descrição de Theodoro Sampaio, *O Tupi e a Geografia Nacional*, fazendo a seguinte reflexão:

Pela criteriosa análise a que foram submetidos os vocábulos, pela profundidade dos conhecimentos tupis, pela seriedade de suas investigações, para cujo resultado não faltaram nem as leituras das crônicas antigas e das antigas relações de viagens, nem a consulta ao elemento histórico, a fim de descobrir a verdadeira grafia primitiva dos vocábulos, para a perfeita elucidação de seu sentido e a rigorosa determinação de sua etimologia. (DICK, 1990, p. 4).

Retomando as reflexões de Dick (1990) acerca dos estudos toponímicos no Brasil, podemos afirmar que estes têm se expandido por todo o território nacional, tendo como tradição

as pesquisas iniciadas na Universidade de São Paulo, cuja criação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, no ano de 1934, remonta a fundação da antiga cadeira de Etnografia e Língua Tupi.

Em muitas pesquisas realizadas sobre toponímia, no Brasil e em outros países, tem se discutido sobre o signo toponímico, que é motivado, sobretudo, pelas características físicas do local ou pelas impressões, crenças e sentimentos do denominador. O signo toponímico, além de diferir dos demais signos no que se refere à motivação, tem particularidade específica quanto à função. Diferentemente do signo linguístico que se reserva à arbitrariedade, o signo toponímico reserva-se à motivação. Tendo a função significativa transformada, pela toponímia, em seu objeto de estudo, a esse respeito, Dick (1990) nos esclarece:

O topônimo, em sua estrutura, como já se acentuou, é uma forma de língua, ou um significante animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão; a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, **marcando-o duplamente**: o que era **arbitrário**, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo do lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo. (DICK, 1990, p. 38, Grifo da autora).

A partir das análises de Dick (1990) em relação ao signo toponímico, podemos afirmar que o duplo aspecto da motivação toponímica é revelado, no primeiro momento, pela intencionalidade do falante e, em seguida, pela origem semântica da denominação. Esses dois aspectos fazem parte da sistematização da taxionomia toponímica proposta por Dick: ou seja, o aspecto físico e o aspecto antropocultural. Tais aspectos podem ser justificados por uma relação icônica e simbólica que atribui significância aos vocábulos considerados como topônimos.

Quanto aos topônimos de origem indígena, mais exatamente os de origem tupi, é importante recordar dos primeiros registros feitos pelos missionários que se estabeleceram na Amazônia nos séculos XVIII e XIX.

A grande difusão dos topônimos tupi (...) pode ser atribuída não só à maior mobilidade geográfica ou mesmo sócio-cultural do grupo, como também à ação religiosa dos missionários e à participação das antigas bandeiras, que difundiram a língua então dita geral, dilatando, conseqüentemente, a área ocupada por esses indígenas. (DICK, 1990, p. 122).

Em relação às expressões onomásticas de origem tupi percebemos, a partir de nosso *corpus* de pesquisa, que estas revelam elementos da cultura material e espiritual, mas é nos aspectos físicos que observamos a influência do ambiente desse povo. Sampaio (1987, p. 54) dialoga sobre essa questão quando afirma que a maior parte dos nomes tupi que se encontram na geografia brasílica não foi dada pelo gentio bárbaro, ou pelo selvagem não influenciado pela civilização do branco invasor, mas sim pelas populações que se seguiram à colonização, pelos nascidos no país, quer de procedência européia pura, quer mestiça, populações a quem coube o encargo de alargar a conquista do território, especialmente, do sertão do Brasil.

Acreditamos que a definição do signo toponímico é realizada, primeiramente, pela comunidade local porque os habitantes estabelecem um processo de identidade regional para, então, nomear aquilo do qual se sentem parte e ao qual pertencem. Dessa forma, acreditamos que a toponímia está relacionada ao sentido de nação, raça e etnia que é delineado, antropologicamente, pelo sentimento de pertença racial, originada na comunidade de origem. A pertença étnica é dada pela crença subjetiva na comunidade de origem, expresso nas instituições democráticas a partir dos domínios da linguagem, sendo expressos nos diferentes topônimos encontrados na comunidade de Curuçá-Pa e em tantas outras comunidades.

Como afirmamos, o duplo aspecto da motivação toponímica é revelado pela intencionalidade do falante e pela origem semântica da denominação. Esses dois aspectos fazem parte da *sistematização da taxionomia toponímica* proposta por Dick (1990) que veremos a seguir:

4.5.1 Taxionomias de natureza Antropo-Cultural

- a) **Animotopônimos ou Nootopônimos** – topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano. Ex.: Almas (TO).
- b) **Antropotopônimos** – topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex.: Nazaré (PA).
- c) **Axiotopônimos** – topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais. Ex.: Presidente Vargas (PA).
- d) **Corotopônimos** – topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões, continentes. Ex.: Tailândia (PA).
- e) **Cronotopônimos** – topônimos que encerram indicadores cronológicos representados, em Toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha. Ex.: Cidade Nova (PA).

- f) **Ecotopônimos** – topônimos relativos às habitações de um modo geral. Ex.: Casa de Farinha (PA).
- g) **Ergotopônimos** – topônimos relativos aos elementos da cultura material. Ex.: Relógio (PR).
- h) **Etnotopônimos** – topônimos relativos aos elementos étnicos, isolados ou não. Ex.: Rio Curuçá (PA).
- i) **Dirrematotopônimos** – topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos. Ex.: Há Mais Tempo (MA).
- j) **Hierotopônimos** – topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: às associações religiosas; às efemeridades religiosas Ex.: Av. Nazaré (PA). Os hierotopônimos podem apresentar, ainda, duas subdivisões:
- 1 – **Hagiotopônimos** – topônimos relativos aos santos e santas do hagiologioromano. Ex.: Bairro N^a Sr^a de Fátima (PA).
- 2 – **Mitotopônimos** – topônimos relativos às entidades mitológicas. Ex.: Tupã (PA).
- k) **Historiotopônimos** – topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes. Ex.: rua 7 de setembro (PA).
- l) **Hodotopônimos** (Odotopônimos) – topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana. Ex.: Estradas (AM).
- m) **Numerotopônimos** – topônimos relativos aos adjetivos numerais. Ex.: Dois Irmãos (PA).
- n) **Poliotopônimos** – topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Ex.: Vila dos Cabanos (PA).
- o) **Sociotopônimos** – topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade. Ex.: Pescador (PA).
- p) **Somatotopônimos** – topônimos empregados em relação metafórica à partes do corpo humano ou do animal. Ex.: Pé de Galinha (BA).

4.5 DICIONÁRIO, VOCABULÁRIO E GLOSSÁRIO

Tendo em vista que o presente estudo tem como objetivo principal investigar, à luz das teorias linguísticas (lexicologia, lexicografia, antropologia linguística), o vocabulário que se faz presente na comunidade de pescadores do município de Curuçá por meio de um vocabulário geral

(com termos de pesca e topônimos da região em estudo) que descreve, sobretudo, os vocábulos participantes desse universo vocabular em língua portuguesa com resquícios da língua indígena tupi-guarani, faz-se necessário recorrer às principais teorias que abordam as técnicas necessárias para a elaboração de obras lexicográficas.

Um importante autor na área da lexicografia, especialmente em se tratando da confecção de dicionário, é o pesquisador e professor da Universidade de Brasília, Herbert Andreas Welker. Em seu livro *Dicionários: uma pequena introdução à Lexicografia*, o autor faz uma importante análise sobre os conceitos de dicionário, vocabulário e glossário. Um dos modos como o autor trata de tais conceitos é relacionando-os conforme seus verbetes nos dicionários Michaelis (1998) e Aurélio (2004). Segundo Welker (2004, p. 24 – 26) o dicionário Michaelis (1998) lista, *vocabulário, glossário* simplesmente como *sinônimos de dicionário*. Já no verbete “vocabulário”, o Aurélio (2004) define-o, na primeira acepção, como “conjunto das palavras de uma língua”, ou seja, como sinônimo de léxico.

Para Welker (2004, p. 24), normalmente, entende-se por *vocabulário* algo mais restrito, a saber, aquilo que o próprio Aurélio indica nas outras acepções como sendo:

Conjunto das palavras em certo estágio da língua, conjunto das palavras especializadas em qualquer campo de conhecimento ou atividade; nomenclatura; terminologia, conjunto das palavras e expressões conhecidas e/ou empregadas por pessoas de determinada faixa etária, social, conjunto das palavras usadas por um autor em sua obra, ou em parte dela.

Welker (2004, p. 24) ressalta ainda que no mesmo dicionário há duas outras acepções de vocabulário: a) Lista de palavras ou expressões de uma língua ou de um estágio dela, de um dialeto, de um autor, e de um ramo de conhecimento, técnica ou atividade. b) Livro ou compêndio que contém uma dessas listas. Dessa forma, ambos os vocábulos tratam da materialização de um vocabulário no sentido abstrato.

Barbosa (1995, p. 18) apud Welker (2004, p. 24), indica os dois principais significados de vocabulário: “conjunto de vocábulos de um universo de discurso”, “tipo de dicionário, conjunto de vocábulos tratados lexicograficamente, isto é, definido e organizado em forma de dicionário”. Welker (2004, p. 24) faz referência a Muller (1968, p. 20-21) parafraseando-o em relação aos referidos conceitos:

Dicionário: tende a reunir o universo dos lexemas, os quais são unidades-padrão lexicais do sistema.

Vocabulário: busca ser representativo de um universo de discurso – que compreende, por sua vez, *n* discursos manifestados -, pelo menos; configura uma norma lexical discursiva; os vocabulários técnico-científicos e especializados buscam situar-se ao nível de uma norma linguística e sociocultural (...); o vocabulário fundamental, por sua vez, busca reunir os elementos constitutivos da intersecção dos conjuntos-vocabulários de uma comunidade, ou de um segmento social.

Glossário: pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado numa situação de enunciação e de enunciado, numa situação de discurso exclusivo e bem determinada; o glossário *latu sensu* resulta do levantamento das palavras-ocorrências e das acepções que têm num texto manifestado; deve recuperar, armazenar e compilar palavras-ocorrências extraídas de um único discurso concretamente realizado. Portanto, glossários se encontram geralmente no final de certos livros para esclarecer o significado de determinadas palavras ou expressões usadas pelos autores: as unidades que o lexicógrafo seleciona e as informações gramaticais e semânticas que sobre elas são fornecidas dizem respeito a um *corpus*, exteriormente delimitado, que funciona como discurso individual, como exemplo de um ato de fala produzido num dado tempo e lugar. A unidade-padrão dos glossários é a palavra.

Em Welker (2004, p. 25) encontramos as seguintes definições:

O vocabulário é o particular, o individual e o acessório. Há ainda outra perspectiva, a de “coleção de unidades”, em que o vocabulário se opõe a dicionário e glossário: o dicionário é a recolha ordenada dos vocábulos duma língua, o vocabulário é a recolha de um setor determinado duma língua e o glossário é o vocabulário difícil de um autor, de uma escola ou de uma época.

Após analisar comparativamente o que os referidos autores consideram sobre dicionário, vocabulário e glossário, Welker (2004, p. 26) afirma que “na prática, o termo *vocabulário* - no sentido de *livro de vocábulos ou termos técnico-científicos* - frequentemente é substituído por *dicionário*, de modo que existem dicionários de economia, direito, etc”.

Gonçalves (2007) nos recorda que na Idade Média os dicionários eram intitulados de *vocabulários, léxico, lexicon ou thesaurus*.

Segundo Faulstich (1990, p. 02), o glossário é “um inventário terminológico, de caráter seletivo, que tem como finalidade registrar e definir termos de domínios científicos, técnicos ou culturais, independentemente do suporte material em que se apresenta”.

Em resumo, em relação aos conceitos estabelecidos pelos referidos teóricos, a organização do *corpus* de nossa pesquisa caracteriza-se a partir da elaboração do vocabulário, de

caráter seletivo, que tem como finalidade registrar e definir vocábulos, no caso de nossa pesquisa, vocábulos e topônimos de pesca de domínios culturais. A seguir, trataremos, com mais detalhes, dos procedimentos metodológicos utilizados em nossa pesquisa e como estes procedimentos foram aplicados na organização de nosso vocabulário.

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Aspectos históricos sobre os vocábulos de pesca de Curuçá

De acordo com pesquisas sobre a ocupação da Amazônia (Macedo, 1988; Mendonça, 1759), do século XVI ao XVIII foram trazidos ao município de Curuçá índios para trabalharem no cultivo do algodão e do açúcar; estes vieram do médio rio Amazonas (AM), onde, hoje, está localizada a reserva indígena Andirá-Marau, no Estado do Amazonas, próxima da fronteira com o Pará. Conforme Fragoso (1992), os atuais índios Andirá da região de Manaus, apresentam como semelhança com os índios Andirá de Curuçá, possivelmente, somente a origem histórica, visto que apresentam diferenças quanto à língua falada, costumes e tradições.

Conforme mencionamos anteriormente, os Andirá, habitante de Curuçá, de acordo com Morais (1860) e Mello (1995), têm origem tupi e, no século IXI, estiveram localizados às margens do rio Jauaperi RR. Esses índios migraram de Roraima para Manaus e para o Estado do Pará, onde, hoje, está localizado o município de Curuçá.

Registros históricos de Fragoso (1992) reforçam as indicações de Morais (1860) e Mello (1995) quanto à língua falada pelo povo Andirá que viveu em Curuçá até o início do século XX; tais pesquisadores ratificam o uso do nheengatu na região de Curuçá até, aproximadamente 1930, ocasião em que houve a independência política do município.

Muniz (1917) e Fragoso (1992) defendem que durante o começo do século XX, após a Revolução de 1930, Curuçá teve seu território ampliado em função da incorporação de novas terras que tinham como habitantes inúmeros portugueses e espanhóis. Nessa época, era comum o uso do nheengatu, de maneira que esta língua era ensinada nas escolas.

Atualmente, o nheengatu ainda sobrevive na memória da população local por meio dos léxicos de origem indígena que alimentam o patrimônio imaterial desta região tão rica e exuberante em sua fauna, flora e em seus vocábulos. Vocábulos que pretendemos apresentar de acordo como são reconhecidos por seus habitantes que os guardam em sua fala e em suas lembranças.

Conforme nossas pesquisas, não há registros que confirmem a existência de falantes do nheengatu no município de Curuçá, porém, há possibilidades de terem mudado sua auto

significação, ou seja, mesmo usando o nheengatu em diferentes rituais, não o reconhecem e não conseguem identificar sua origem. Alguns desses rituais encontrados durante nossa pesquisa foram:

- **O ritual de cura**, feito por benzedeiros, quando estes fazem uso de ervas medicinais no preparo de banhos que aplicam aos doentes durante a recitação de preces, possivelmente, em nheengatu; em nossa pesquisa de campo constatamos a existência um benzedeiro na aldeia dos Andirá, o qual tivemos o privilégio de entrevistar, porém, não foi possível o registro deste ritual.

- **O ritual do dia da iluminação (dia dos finados)**, quando os antigos moradores encontravam-se no cemitério da cidade, no dia dos finados, para recitarem, na língua de seus antepassados (possivelmente em nheengatu), preces aos falecidos, atualmente, não há moradores vivos que deem continuidade a esse ritual, que é citado pela comunidade, mas que se tornou extinto em sua prática.

Dessa maneira, mesmo fazendo uso do nheengatu, em alguns momentos, esses antigos moradores não reconhecem que língua era usada durante a prática de tais ritos, tão pouco, que são descendentes do povo Andirá, tão arraigados esses costumes e ritos estão incorporados às tradições e memórias do povo, que, mesmo reconhecendo-os como parte de sua identidade, perderam, no tempo, a origem de sua própria história.

Esperamos, por isso, devolver à comunidade de Curuçá essa parte de sua história que foi perdida, visto que, na década de 1990, o único cartório do município foi queimado, perdendo-se os registros dos primeiros moradores e inúmeras informações que, durante nossa pesquisa, em parte, resgatamos em Museus e Arquivos Públicos de Belém e, até mesmo, nas lápides do Cemitério localizado na região central de Curuçá.

Lima (1995, p 74), pesquisador nascido no município, esclarece-nos o seguinte sobre a origem indígena dos habitantes da região:

Sabemos, todavia, que o início do povoamento deu-se pelo descimento de índios para a Fazenda Curuçá. Não alcançamos registros históricos dos índios descidos pelos Jesuítas. Serafim Leite afirma que o núcleo principal foi descido do Rio Jarí, pelos padres. Hugo Fragoso nos expõe os índios Tucuju, Maniba e Conchinchina no Rio Jarí sob a direção dos padres franciscanos, após a divisão dos índios para as missões em 1693. Fragoso adverte que antes da divisão os Jesuítas atuaram no Rio Jarí.

A respeito das línguas indígenas amazônicas, Aryon D. Rodrigues (2001), em seu artigo *A Originalidade das Línguas Indígenas Brasileiras*, reflete que, a partir de 1532, com as capitânicas hereditárias, a língua geral ou nheengatu, foi amplamente propagada.

Segundo Rodrigues (2001), a língua geral foi baseada no tupinambá, que era utilizada por índios e não índios, sendo, portanto, a primeira influência recebida pelo idioma dos portugueses no Brasil. Tomando como base o período histórico de ocupação da referida região e os traços linguísticos encontrados no português falado, atualmente, na comunidade em estudo, acreditamos que os habitantes de Curuçá, no passado, eram falantes do nheengatú, sendo descendentes, em sua maioria, dos índios Andirá, que pertenciam ao tronco linguístico Tupi.

Dessa forma, a partir das referidas pesquisas históricas sobre a região de Curuçá e da situação linguística encontrada, atualmente, no local, consideramos que a origem da família linguística dos vocábulos em questão está ligada ao tronco linguístico Tupi, que pertence à mesma família linguística dos antepassados indígenas que povoaram a região em estudo.

5.2 ELABORAÇÃO DO PRODUTO LEXICOGRÁFICO:

5.2.1 Conteúdo dos verbetes

O percurso até agora estabelecido para a elaboração do produto lexicográfico se constituiu numa empreitada que requer esforços que se iniciaram com a concepção metodológica da pesquisa até a sistematização dos paradigmas do enunciado lexicográfico, levando em conta: a) os objetivos propostos; b) a dimensão numérica das *unidades-entradas* que comportaram sua micro-estrutura; c) seu *público-alvo* (docentes de Língua Portuguesa e Linguística, acadêmicos e, de modo geral, interessados na linguagem própria da cultura amazônica e suas heranças indígenas).

Nosso vocabulário de pesca conta com a presença de termos de identidade lexicais variados. Até o presente momento de nossa pesquisa contamos com, aproximadamente, 300 verbetes que pretendemos descrever e, quando necessário, também, ilustrar com registros iconográficos de nossa autoria e da autoria de pesquisadores da região amazônica.

Dessa forma, até o momento, coletamos 92 nomes de peixes, 10 nomes de crustáceos, 1 nome de larva, 3 nomes de ostras, 62 topônimos relacionados à pesca, 7 nomes de instrumentos de pesca, 7 nomes de plantas, 7 nomes de instrumentos de pesca, 5 expressões regionais.

Por se tratar de um trabalho lexicográfico de caráter transdisciplinar (Campos, 2009), nosso vocabulário tem como público-alvo variados usuários:

- Público leigo em geral;
- Estudantes brasileiros e de outros países de língua portuguesa;
- Educadores e profissionais de letras, biologia, história, ictiofauna, meio ambiente e outras áreas afins.

A **macroestrutura** de nosso vocabulário conta com aproximadamente 300 verbetes e corresponde à listagem dos itens lexicais registrados na forma de entradas. A obra lexicográfica pode apresentar, pelo menos, dois tipos de ordenação macroestrutural: *primeira* – entradas dispostas a partir de uma abordagem etnográfica; *segunda* – entradas organizadas, em um primeiro momento analogicamente (em campos nocionais – campos semânticos e/ou lexicais) e, posteriormente, retomando classificação utilizada pela referida população tradicional amazônica.

Quanto à análise dos dados lexicais encontrados nas entrevistas, foi realizado um levantamento do léxico observando os seguintes fatores:

- a) Identificação dos itens lexicais dicionarizados com sentidos equivalentes;
- b) Identificação dos itens lexicais dicionarizados com sentidos diferentes;
- c) Identificação dos itens lexicais não dicionarizados.

Em relação aos lexicógrafos consultados para o estudo dos termos presentes em nosso *corpus* (termos dicionarizados com sentidos equivalentes, termos dicionarizados com sentidos diferentes, e termos não dicionarizados) foram:

- a) Dicionário UNESP do Português Contemporâneo (2004);
- b) Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2007);
- c) Michaelis: Moderno dicionário da Língua Portuguesa (1998).

A **microestrutura** de obras lexicográficas, em regra, constituída pela unidade-entrada e pela definição, foi, em alguns casos, acrescida de informações complementares. Barbosa (1990), p. 4) tece as seguintes observações sobre as informações contidas na **microestrutura**:

Thesaurus, dicionários monolíngues, dicionários bilíngues, vocabulários técnicos, vocabulários especializados, glossários, etc., requerem programas diferentes e adequados aos seus universos. Em tais condições, indo além dessa estrutura mínima, o artigo do dicionário, segundo Vilela, pode conter: entrada + informação (etimológica/ortográfica/fonética/gramatical) + definição (ou explicação) + exemplos (ou aplicação da entrada em contextos).

Para a organização dos verbetes no vocabulário as entradas serão apresentadas em letras minúsculas, negrito, submetendo-as às seguintes organizações:

Fontes citadas

(RV) - Roberto Vilhena – *Peixes e camarões do litoral bragantinho – Pará-Brasil, 2005.*

(AGC) – Antônio Geraldo da Cunha

(LCT) – Luiz Caldas Tibiriçá

(SB) – Silveira Bueno

(VCM) – Vicente Chermont de Miranda – *Glossário Paraense: coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha do Marajó, 1968.*

(DUP) - Dicionário UNESP do Português Contemporâneo (2004);

(DHLP) - Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2007);

(MMDLP) - Michaelis: Moderno dicionário da Língua Portuguesa (1998);

Abreviaturas

(adj.) – Adjetivo

(Etim) - etimologia

(s.) – substantivo

(s.f.) – substantivo feminino

(s.m.) – substantivo masculino

(v.) – verbo

(v. int.) – verbo intransitivo

(Expres) – expressão linguística.

(TP) – topônimo

(TDSE) – termo dicionarizado com sentido equivalente

(TDSD) – termo dicionarizado com sentido diferente

(TND) – termo não dicionarizado

(m.q.) – o mesmo que. Representa que o mesmo peixe conhecido por meio de determinado vocábulo no município em questão é reconhecido por meio de outros vocábulos em diferentes regiões do Brasil.

(var.) – variação de (vars.) – variações de.

(P): pescador;

(P apos.): pescador antigo, aposentado;

(MART.): Marreteiro;

(ATRAV.): atravessador.

1- classificação gramatical, 2 - gênero, 3 – etimologia (quando necessário), **4 – definição, 5 - história** (quando necessário), **6 - comentários gerais** (quando necessário), **7 - referências** (quando houver citações de outras fontes).

1 - Classificação gramatical - A classe a que pertence cada verbete será indicada por abreviaturas. O critério de definição será estabelecido por meio do contexto em que o vocábulo insere-se;

2 – Gênero – optamos pela classificação de gênero sugerida por Câmara Jr (1977, p. 82), ou seja, pela classificação em nomes de um só gênero (masculino ou feminino) e nomes de dois gêneros, com ou sem flexão.

3 – Etimologia – nos vocábulos dicionarizados, faremos referência à origem lexical, como no exemplo do vocábulo *apapá*: ETIM tupi *apa'pa* – peixe;

4 – Definição - as definições estão sendo organizadas de acordo com os contextos de uso na fala da comunidade, por isso, pretendemos indicar ao consulente quando os vocábulos são dicionarizados com sentido equivalente ao da comunidade (VDSE), quando os vocábulos são dicionarizados, mas apresentam sentidos diferentes de os habitantes de Curuçá (VDSD), ou quando os vocábulos não são dicionarizados (VND). Quando for necessário apresentaremos o contexto de fala dos entrevistados como no vocábulo *najazeira*:

Najazeira (s): (VND), tipo de planta usada para construir o curral (vide curral), descrita pelos pescadores como um *bambu*, tal como um de nossos entrevistados

descreveu: **P** - “tem um talo que a gente chama de talo magro, é o braço de *najazeira*”. Também conhecida como *buritizeiro*, ou *inajá* – tem como nome científico *Mauritia flexuosa*.

5 – Histórico – quando necessário, acrescentaremos um comentário histórico ou, até mesmo, biográfico no caso de referências a nomes ou fatos ilustres, entidades mitológicas, nomes sagrados, entre outros topônimos (antropotopônimos, axiotopônimos, etnotopônimos, mitotopônimos, etc)

8 – Comentários gerais – quando pertinente, faremos observações quanto ao ponto de vista linguístico, botânico, biológico, entre outras áreas afins relacionadas aos vocábulos.

9 – Referências bibliográficas – quando houver citações de diferentes fontes, faremos uso das referências bibliográficas; nos vocábulos dicionarizados com sentido equivalente (VDSE) transcreveremos contextos encontrados nos seguintes dicionários e obras sobre línguas indígenas: - (VCM): Vicente Chermont de Miranda: *Glossário Paraense: coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha do Marajó, 1968*; (DUP): Dicionário UNESP do Português Contemporâneo (2004); (DHLP): Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2007); (MMDLP): Michaelis: Moderno dicionário da Língua Portuguesa (1998).

Quando na entrada dos vocábulos forem utilizados exemplos da fala dos entrevistados, faremos uma indicação das características sócio profissionais do informante, por meio da estrutura: profissão, idade, escolaridade. Inicialmente, indicados por meio das seguintes abreviaturas:

- **P** : pescador;
- **P apos.** : pescador antigo, aposentado;
- **MART.** : Marreteiro;
- **ATRAV** : atravessador.

Vejamos um exemplo em que identificamos as características do entrevistado para melhor compreensão do vocábulo-entrada. Este exemplo refere-se a um trecho do material linguístico gravado em dezembro de 2008 e transcrito no mesmo ano, temos o vocábulo *bubuia*, que foi analisado da seguinte forma:

- (...) e quando a maré tá de lança a gente deixa a rede de **bubuia** no mangal, passa o dia lá. -<Passa de semana>? Eles fico hospedado mesmo na canoa.

-(Mas, não tem lugar pra você descansar?)

-Não, pra tirador de camarão não.

-(...) Não tem esse costume.

(...)

-<Passa de semana>, é <passa semana> (...). Aqui a gente se diz assim:

Ê rapaz, eu vou...<vou pegar camarão na maré>, eu vou <passa semana> pro... pra maré. É assim que a gente se trata aqui.

- Eles tão de semana (...) eles só vem sábado, eles tão de semana. (P, 15/12/08).

De acordo com o contexto linguístico acima encontrado, assim alisamos o termo

bubuia:

Bubuia. (v. in): ação de flutuar na água; termo usado para as boias presas às redes de pesca.

NOTA 1: (s) é empregado tanto para o utensílio de pesca, como para o pescador.

NOTA 2: (adj) também empregado, atualmente na região de Curuçá, para designar atitude de indolência de alguém, exemplo: *ficar de bubuia*.(sem nada fazer).

6 VOCABULÁRIO

6.1 PEIXES E MARISCOS MEDICINAIS

Ao realizar nossa pesquisa de campo sobre os peixes e mariscos medicinais, tivemos como orientação os princípios de ética e de divulgação dos saberes populares apresentados pelo Museu Goeldi de Belém e da Universidade Federal do Pará.

Ambos os órgãos de pesquisa veem adotando, no município de Curuçá, o diálogo entre pesquisadores e moradores locais por meio da realização de oficinas, minicursos, confecção de cartilhas e outras iniciativas que busquem a formação do cidadão ecologicamente consciente, de modo que, eticamente, nossa pesquisa está comprometida com essa finalidade.

Em 2011, realizamos visitas aos pescadores entrevistados em 2010, a fim de levarmos o resultado de nossas pesquisas e informá-los sobre o que foi realizado até aquele momento.

Também, estamos comprometidos com entidades de ensino público local, para a publicação de cartilhas sobre a ictiofauna do município e a necessidade dos moradores de conhecê-la melhor para melhor preservá-la.

Dessa forma, apresentamos a seguir, um breve vocabulário sobre as espécies medicinais e como a população local as utiliza na cura e preservação de diferentes doenças:

Aratu: *s.m.*; espécie de caranguejo encontrado nos manguezais de Curuçá, os catadores de caranguejo da região descrevem que, entre os meses de outubro a dezembro, esses caranguejos *andam no mangal*, ou seja, é período da safra desta espécie. Segundo Graça Santana (2009), esse caranguejo apresenta coloração geral cinza-escura, arborícola, vegetariano, muito ágil e bastante perseguido pelo homem, que o tem na conta de saboroso alimento; designação comum a espécies de caranguejos da espécie dos (*Aratus pisoni*), de carapaça quadrada e acinzentada, capaz de subir com habilidade nas árvores do mangue, onde se alimenta e se acasala. Segundo Navarro (2006), *aratu* (s.) é um nome de origem Tupi que designa as várias espécies de caranguejos vermelhos dos manguezais. É considerado como alimento medicinal pela população, a qual extrai um pó de sua carapaça, que, após moqueado, socado e coado, é misturado a uma colher de mel de

abelha e um pouco de canela em pó, é usado como emplasto para peito, quando alguém está com asma.

Turu: *s.m* – nome de uma larva que vive no tronco de árvores do manguezal e é consumida, de diferentes maneiras, pelos habitantes da região: crua, temperada com sal e limão, cozida com temperos em forma de sopa, frita e consumida com farinha, ou como tira-gosto (crua, temperada com sal e limão) para acompanhamento de bebidas alcoólicas (cachaça ou cerveja). Segundo Graça Santana (2009), o nome científico dessa espécie é *Teredo SP*; de acordo com essa autora, é rico em cálcio e ferro. É uma fonte segura de alimento, sendo considerado pela comunidade como alimento medicinal, conforme descrição dos pescadores; como remédio é usado sobre forma de emplasto, feito com a ponta branca do turu, que após socada é misturada a um pouco de canela em pó. Depois é colocado no peito para acabar com a fraqueza. Os pescadores queixam-se dessa espécie, pois, ela causa prejuízos perfurando o casco de embarcações, como cupins em madeira molhada.

Tucunaré: *s.m* – peixe de escamas, segundo descrição dos pescadores locais, vivem em regiões de água doce, lagos/lagoas e na boca e beira dos rios. Formam casais e se reproduzem em ambientes onde constroem ninhos e cuidam da prole. É um peixe muito importante comercialmente na região, assim como os da sua espécie (tucunaré-açu; tucunaré-paca; tucunaré-pinima; tucunaré-pitanga; tucunaré vermelho), que costuma ser consumido assado ou cozinho em ensopados, pois a população considera sua carne como sendo saborosa e boa para pessoas que estão se recuperando de doenças e fazendo dietas. Segundo Navarro (2006, p. 398), o nome “Tucunaré” é de origem Tupi, representado os peixes da família dos *ciclídeos*.

Sapequara: *s.f* - nome de peixe do qual é extraído o fel para ser colocado em cima da ferrada de peixes venenosos, como o peixe Miquim.

Maraqunim: *s.m* – nome de uma espécie de caranguejo, de tamanho pequeno, considerado como alimento medicinal pelos moradores da região que com ele fazem o seguinte remédio caseiro: Retiram-se as patas, cozinham-nas e tomam-nas como caldo; esta receita é indicada pelos moradores como remédio para coqueluche (guariba).

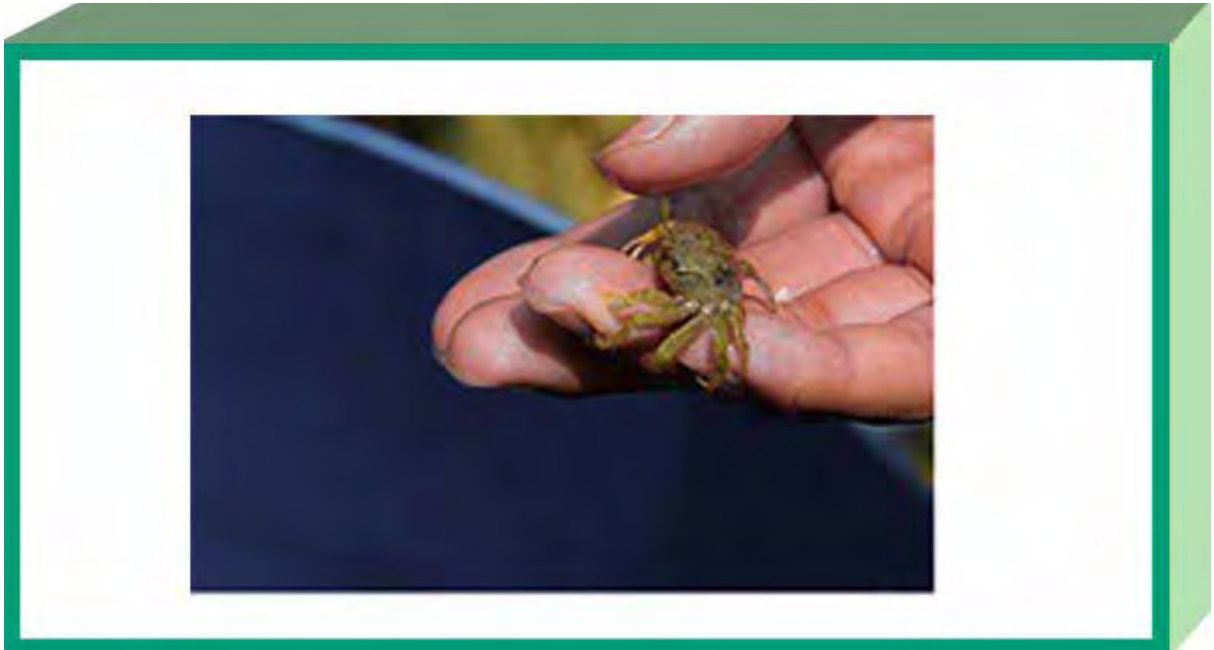


Imagem 5: Maraquanim
Fonte: Souza, H. 2010.

Sarará: *s.m* - nome de crustáceo da região que, por conter cálcio, é usado em diversos pratos típicos (sopas, farofas e caldos) para fortalecer os ossos e o cérebro das pessoas enfermas.

Sururu: *s.m*: nome de um molusco, parecido com o sarnambi, usa-se a carne dessa espécie, que é mais dura e escura que a do sarnambi, para fazer pratos culinários da região, tal como a “sopa para tirar ressaca”; segundo descrição de alguns pescadores, essa sopa demora 24 horas no fogo, até que a carne da ostra amoleça e solte um caldo escuro, cujos pescadores afirmam ser afrodisíaco e restaurador da energia; além do caldo, a carne da ostra é usada na sopa, junto com temperos, pimenta e farinha de mandioca. Segundo Graça Santana (2009), o nome científico dessa espécie é *Mytella charruana*. Também é considerado como um alimento medicinal, os pescadores descrevem um remédio caseiro feito com essa espécie, cuja carne é torrada e socada. Este pó é misturado com mel e dissolvido em água, para ser tomada diariamente com chá; a comunidade costuma usar essa receita, também, como remédio contra hanseníase.

Pirapema: s.m – nome de peixe de água salgada, é bastante apreciado pela comunidade local que prefere consumi-lo fresco, é pescado na pesca artesanal, com redes de emalhar e currais. Segundo Graça Santana (2009), pertence à família dos (*Megalops atlanticus*), sendo considerado, pela população local, como alimento medicinal. De acordo com descrições de pescadores, tira-se a escama, torra-se , soca-se e coa-se e, depois, mistura-se com mel de abelha ou chá . Esta mistura é indicada pela comunidade para combater asma e outros problemas respiratórios.



Imagem 6: Pirapema

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 73.

Chula: s.m – peixe encontrado nos igarapés, furos e na praia, em águas salobras ou quase doces, segundo descrição dos pescadores. Não há consumo local, é pescado na pesca artesanal, de arrasto camaroeiro, com tarrafas e rede de emalhar, mede, aproximadamente, de 12 a 30 cm, de cor parda e listas verticais escuras. TDS. De acordo com Graça Santana (2009), pertence à família dos (*Achirus achirus*). É considerado pela comunidade local como um *peixe curativo*, pois, segundo pescadores, quando as crianças nascem “barrigudas”, pega-se este peixe e batem-se três vezes com ele na barriga da criança e depois solta-se este peixe, ainda vivo, no mar, os pescadores acreditam que esta prática faz a barriga da criança voltar ao normal.



Imagem 7: Chula

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p 211.

Acari: *s.m.* – peixe de água doce, escamoso e pequeno que suporta águas ligeiramente salobras. É pescado em igarapés com rede de arrasto e puçá. Segundo descrição dos pescadores de Curuçá, é um peixe de pouco valor comercial por ser pequeno e de água doce. TDSE, segundo referência de Graça Santana (2009) é o **mesmo que** Bodó da família dos *Loricaridae*. De acordo com Navarro (2010), o nome acari é de origem tupi *uakar* e significa *sicupira-mirim*. Os pescadores locais indicam a seguinte prática para o tratamento de doenças respiratórias: se pega o acari, cospe-se três vezes em sua boca, em seguida, se solta o peixe vivo de volta ao mar.



Imagem 8: Peixe acari

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 104.

Baiacu arara ou nanã: (*s.m*) – variação de baiacu, segundo os pescadores de Curuçá, habita ambientes costeiros e mais profundos que as outras espécies, são vorazes e atacam outros peixes e invertebrados com muita violência, pois apresentam dentes em forma de serra, não são consumidos pela população local porque sua carne apresenta propriedades venenosas; m.q. baiacu-xaréu. Segundo Graça Santana (2009), pertence à família dos *Tetraodontidae*. A comunidade local indica-o como remédio para o combate das verrugas; segundo receita local, esfrega-se o baiacu vivo em cima da verruga e depois solta-o no mar.



Imagem 9: Baiacu arara ou nanã

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 217.

6.2 CAMARÕES

Aviú: *s.m* – espécie de camarão muito apreciado pelos habitantes de Curuçá que o consideram como importante para o comércio pesqueiro local. TDSE. Segundo referências bibliográficas de DMMLP e DHLP – é uma espécie de camarão pequeno da família dos Sergestidae, abundante na superfície das águas, depois das primeiras enchentes dos rios amazônicos, especialmente na região da foz do rio Tocantins. Fornece saborosos pratos na forma de sopas, guisados e fritadas aos quais o povo da região atribui propriedades rejuvenescentes.

Piticaia: *s.m* – espécie de camarão encontrada na parte mais externa do estuário, podendo entrar nos furos e canais-de-maré. TND. Segundo descrição dos pescadores, é uma espécie de camarão bastante apreciada pela população local, que costuma capturá-lo em águas calmas e costeiras, onde há fundos lodosos e arenosos de até 70cm de profundidade, sendo mais comum em águas rasas e salobras, raramente encontrado em água doce. Essa espécie de camarão, assim como as demais, costuma ser pescada, pela população local, com puçá de arrasto, tarrafa e com redes de

arrasto em pequenas embarcações. Segundo referência bibliográfica de Isaac e Santo (2005, p. 227), pertence à família dos Penaeidae.



Imagem 10: Camarão Piticaia

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 230.

6.3 OSTRAS: *s.f* – nome usado para grupos diferentes de moluscos que crescem, em sua maioria, em águas marinhas ou, relativamente, salgadas. Segundo Furtado; Santana e Silveira (2009), as ostras encontradas na região pertencem à família *Ostreidae*. Têm um corpo mole, protegido dentro de uma concha altamente calcificada, fechada por fortes músculos. Sua forma e sua cor variam de acordo com o grau de salinidade da água e das circunstâncias do ambiente.



Imagem 11: Ostras da região

Fonte: GUSMÃO, Elisângela, 2011.

Mexilhão: *s.m* – nome de uma ostra bastante apreciada na região, é encontrada no manguezal onde é extraída, com as mãos, por catadores. TDSE.

Sarnambi: *s.m* – espécie de ostra consumida na região. Segundo descrição de alguns catadores dessa espécie, usa-se a carne da ostra para fazer sopas, refogados e farofas. Com a casca, fazem-se diversos artesanatos, como colares e outros objetos.

6.4. CARANGUEIJOS E SIRIS

Há diversos tipos de caranguejo na região e os habitantes de Curuçá os classificam em seis grupos: Caranguejo-Uçá, Manicujá, Maraquanim, Aratu, Sarará Patrona e Guaiamun.

O grupo composto pelo tipo de caranguejo Uçá (*Ucides cordatus*) é mais comum e é por eles tido como normal; o segundo grupo é o do caranguejo Manicujá foge um pouco do padrão, pois, ao contrário do Uçá, possui as duas patas com tamanho semelhante.

O **maraquanim**, apresentado por nós como marisco medicinal, pertence a categoria de caranguejo que é classificado, pelos pescadores locais, como Minicujá.

Siri: *s.m* - nome de crustáceo consumido na região, descrição incompleta.

6.5 PEIXES NÃO CONSUMIDOS – TABUS ALIMENTARES

Os peixes são considerados como tabus alimentares pela comunidade local por diferentes motivos: alguns estão relacionados a antigas superstições que são transmitidas de geração em geração, outros por apresentarem teor tóxico em sua carne, escamas ou outros órgãos internos. A seguir, organizamos um vocabulário com os peixes mais citados pelos moradores como impróprios para consumo, e por isso, não são comercializados no município.

Amuré: *s. m* - peixe coletado manualmente é encontrado na parte mais interna do estuário e nos furos de igarapés, em águas salobras rasas, geralmente, com lama ou areia, não é muito apreciado pelos habitantes da região que por apresentar a carne dura e gordurosa, por isso usam-no como isca. TDSE. Segundo referencias bibliográficas de DHLP e DMMLP, é peixe da família *Eleotridae*, de corpo cilíndrico, cabeça achatada, com boca grande e oblíqua, olhos pequenos e altos, apresenta nadadeira dorsal e escamas uniformes, peixe de cor marrom com nadadeiras claras.

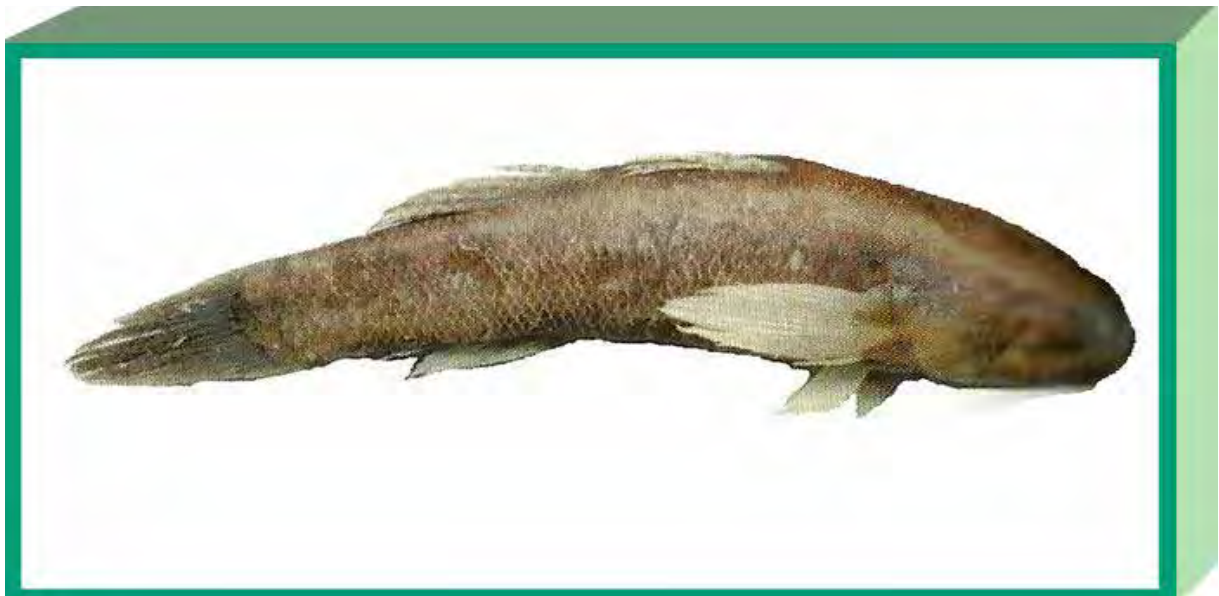


Imagem 12: Amuré

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 195.

Arogô: *s.m* - peixe de água doce, pouco apreciado pelos habitantes locais, segundo descrição, é um peixe de pele com a carne remosa (gordurosa) não recomendado para mulheres grávidas e pessoas com ferimentos. Segundo referências de Navarro (2006, 53), Aragô é um vocábulo de origem Tupi que deriva do termo *aragûasu*, isto é, chefe indígena.

Arraia: *s.f* - espécie de peixe pouco apreciado pelos habitantes de Curuçá, que não o recomendam para gestantes e pessoas com ferimentos por se tratar de uma espécie com a carne remosa (gordurosa). TDSE. Segundo referências de DMMLP e DHLP, *é uma denominação vulgar de peixes elasmobrânquios, da ordem dos Batóideos, que apresentam corpo achatado, nadadeiras peitorais bastante expandidas, cauda alongada e fendas branquiais situadas ventralmente; possuem na cauda agudo esporão, com o qual produzem dolorosos ferimentos aos seus perseguidores São animais marinhos em sua grande maioria, mas não são poucas as espécies que se adaptaram à água doce.* Várias espécies recebem nomes populares sem o designativo de arraia m.q: jamanta, ticonha, jalebiretê, marcela, treme-treme, viola, guitarra, borboleta ou simplesmente raia.

Arraia-baté: *s.f* - arraia encontrada em águas rasas (menos que 40 m de profundidade), em águas lodosas como mangues, segundo os pescadores de Curuçá, esta arraia alimenta-se de peixes, caranguejos e camarões. TND. m.q: arraia-manteiga.

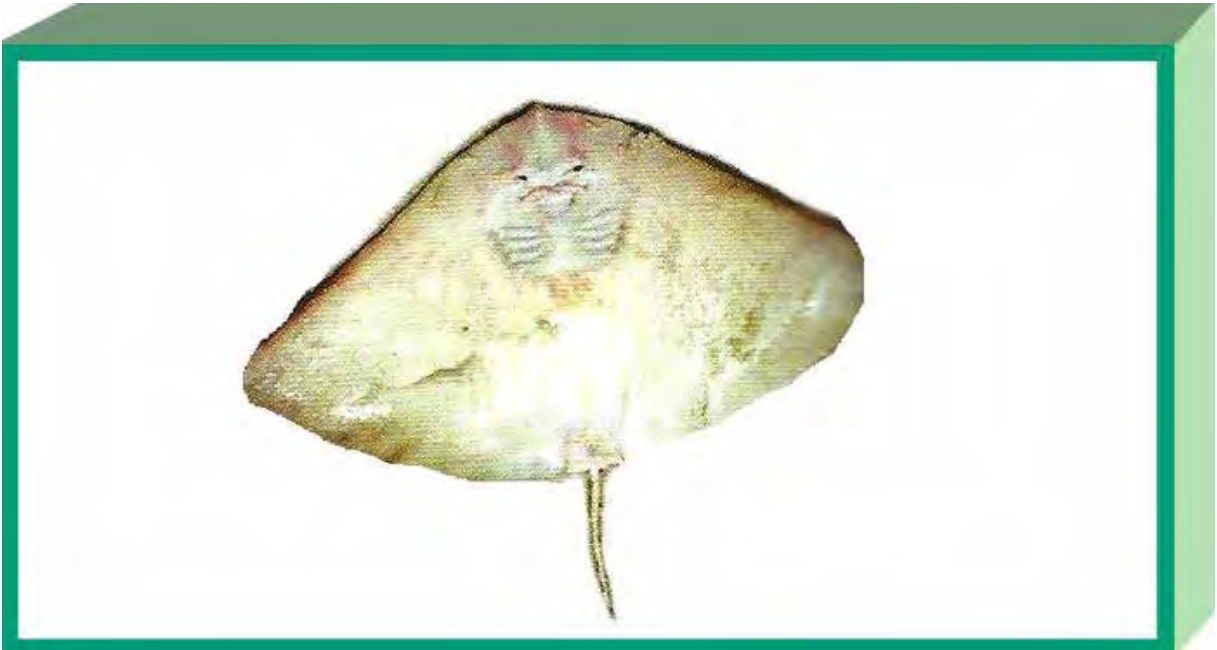


Imagem 13: arraia-baté

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 47.

Arraia-bicuda: *s. f.* - segundo os pescadores de Curuçá, normalmente, essa espécie de arraia é encontrada nas águas salobras e lodosas do manguezal em profundidades de até 25 m, os moradores da região afirmam que a carne das arraias não deve ser congelada, nem armazenada, por isso, evitam seu consumo, também por acreditarem que esta espécie de peixe apresenta alto teor tóxico. TND. *m.q.* arraia-morcego.

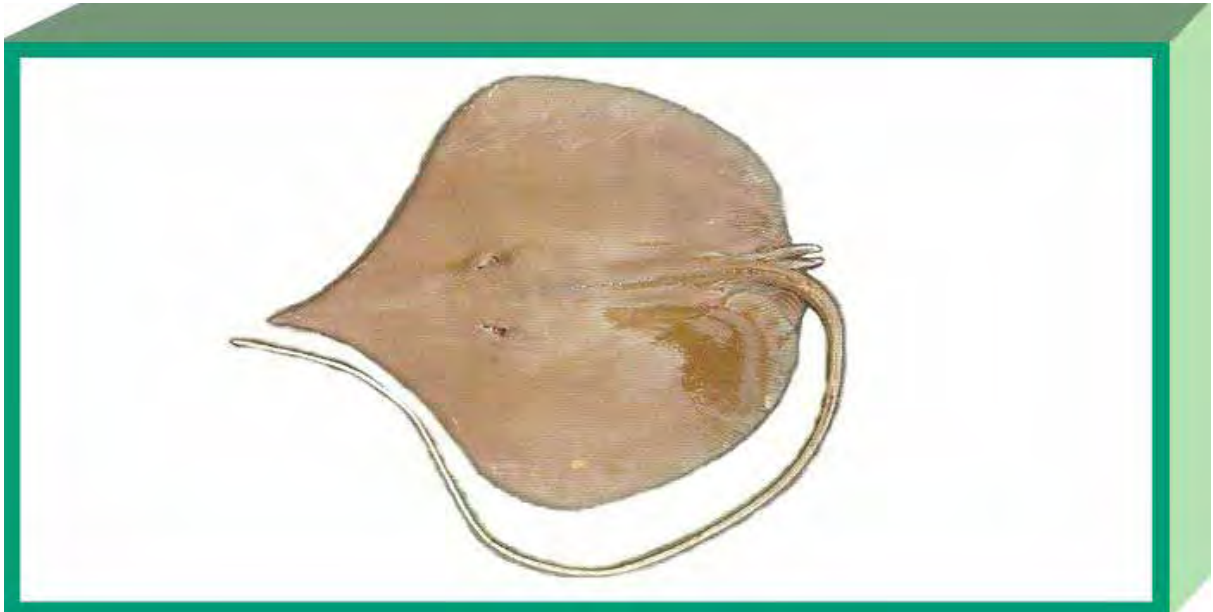


Imagem 14: arraia-bicuda

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 44.

Arraia-jereba: *s. f* - espécie de arraia de rosto ligeiramente projetado, nadadeiras pélvicas com dorso arredondado, apresenta uma calda com pequenos espinhos ao longo do dorso, de cor acinzentada ou parda, lado ventral de cor clara. Segundo os pescadores de Curuçá, a carne desta arraia não é boa para consumo após armazenamento. TND. *m.q.*: arraia-branca.



Imagem 15: arraia-jereba

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 45.

Baiacu ou mamaiacu: *s.m* – peixe encontrado tanto em águas salobras como em águas doces; não é consumido pelos habitantes da região e apresenta pouca importância para o mercado pesqueiro. Recentemente, começou a ser comercializado para os atravessadores de Belém como peixe ornamental. Também é conhecido na região como *mamaiacu*. TDSE – Segundo referências de DMMLP e DHLP:

“baiacu é um nome comum a vários peixes marinhos das famílias *Diodontídeos* e *Triodontídeos*. Podem inflar-se até atingir uma forma globular e flutuar na água com a barriga para cima. Alguns espécimes são altamente venenosos por possuírem nas vísceras e na pele forte irritante gastrointestinal. m.q. *cabeça-chata* (*Carcharhinus leucas*). O vocábulo *baiacu* é usado para indivíduo muito gordo, de baixa estatura. ETIM tupi *mbaya'ku* nome de diversos peixes”.



Imagem 16: Baiacu

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 216.

Baiacu de espinho: *s.m* – peixe não consumido pela população local. Recentemente, tem sido comercializado como peixe ornamental. Segundo descrição de alguns pescadores, chega a medir até 25 cm, habita em áreas lodosas como mangues, apresenta o corpo coberto de espinhos, com manchas escuras. É descrito como peixe venenoso pelos habitantes locais. TND. m.q. baiacu-de-lixa, baiacu nanã.

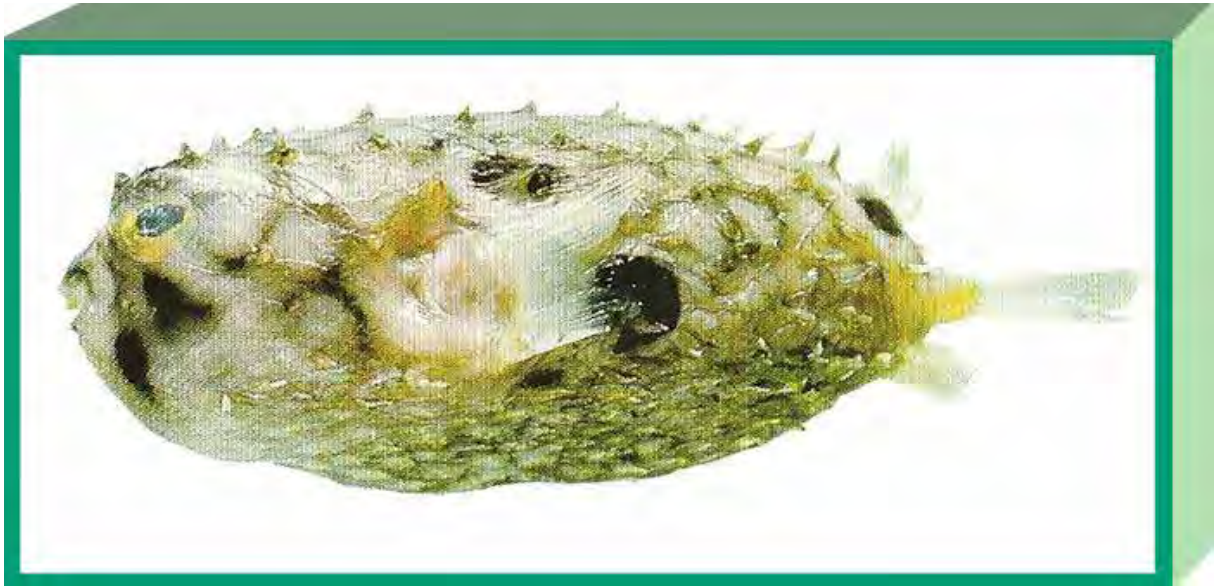


Imagem 17: Baiacu de espinho

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 220.

Baiacu-pinima: *s.m* - Segundo alguns pescadores, esta espécie de baiacu habita em águas rasas, em zonas de águas salobras sobre fundos arenosos e lodosos, em igarapés e manguezais. Chega a medir 30 cm e apresenta o corpo alongado e o dorso com linhas brancas, geometricamente, distribuído sobre pele pardo-esverdeada; é uma espécie altamente tóxica e não consumida pelos habitantes locais. TND. m.q. baiacu-pintadinho.



Imagem 18: Baiacu-pinima

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 218.

Coró: *s.m* – ver peixe-pedra. TDSD.

Jundiá: *s.m* – peixe de água doce, corpo coberto por pele cinza, não é consumido na região devido a uma crendice segundo a qual o peixe se transformaria em sapo; é pescado, ocasionalmente na pesca de curral e em rede de emalhar. Segundo referência de Espírito Santo e Isaac (2005, p. 98), pertence à família *Pimelodidae*, m.q. piabá. TND.

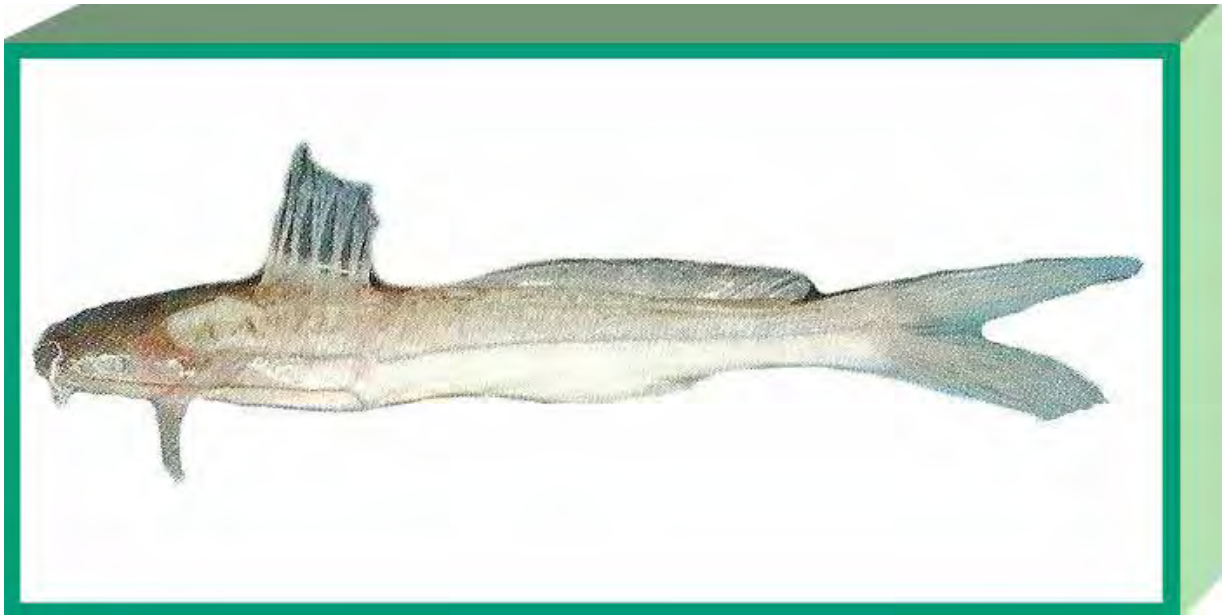


Imagem 19: Jundiá

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 98.

Miquim ou Niquim: *s.m* – nome de peixe de água salobre, habita regiões lodosas, de corpo alongado, é um peixe de pequena extensão, chegando a medir, no máximo, até 45 cm, é conhecido, também, como peixe-sapo. Segundo descrição de pescadores, essa espécie de peixe, apesar de pequena, apresenta boca enorme, quase vertical, com projeções carnosas nos lábios. Segundo Isaac e Santo (2005) pertence à família dos *Uranoscopidae*, nos olhos desse peixe, se alojam órgãos elétricos, derivados de músculos oculares e de um par de espinhos inoculares de venenos acima da base das nadadeiras. De cor variável entre marrom e cinza, apresenta numerosas manchas brancas. TND.



Imagem 20: Miquim ou Niquim

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 192.

Peixe-pedra: *s.m* – É considerado um peixe venenoso pela comunidade local. Segundo descrição dos pescadores, mede entre trinta e sessenta centímetros. Apresenta cor marrom-esverdeada, que confere ao peixe-pedra a capacidade de se camuflar entre as pedras em recifes tropicais, transformando-o num alvo fácil de ser pisado, acidentalmente, por muitos pescadores, que citam muitas situações de acidentes envolvendo essa espécie, pois na região dorsal desse peixe, há espinhos que liberam uma toxina venenosa cuja penetração na pele causa dor intensa. Segundo relatos de pescadores experientes na comunidade, dependendo da profundidade da penetração no

ferimento, pode ocorrer choque, paralisia e morte, se não for tratada nas primeiras horas. M. q. coró, caícanha. Segundo Isaac e Santo (2005), pertence à família dos *Haemulidae*.



Imagem 21: Peixe-pedra

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 164.

Piraíba: *s.m* – peixe encontrado em lugares profundos, poços ou remansos, saídas de corredeiras e confluência de grandes rios. Consideramos como tabu alimentar por ser um peixe pouco procurado pelos pescadores locais, pois, muitos acreditam que sua carne faz mal e transmite doenças, visto que as vísceras e músculos do corpo desse peixe costumam ficar repletos de parasitas. Segundo descrição dos pescadores locais, tem um corpo roliço e mais alongado, com cabeça grande e a boca ampla, tendo o maxilar ligeiramente maior que a mandíbula. Segundo Isaac e Santo (2005, p. 94), os barbilhões maxilares são longos, possui nadadeira caudal e sua coloração é, em geral, cinza escuro, levemente azulado no dorso e branca no ventre. Pode chegar a atingir mais de 2,8 metros e pesar até 200 quilos de peso. Os peixes dessa espécie com até 60 quilos são conhecidos como filhote, pertencem à família dos *Pimelodidae*.

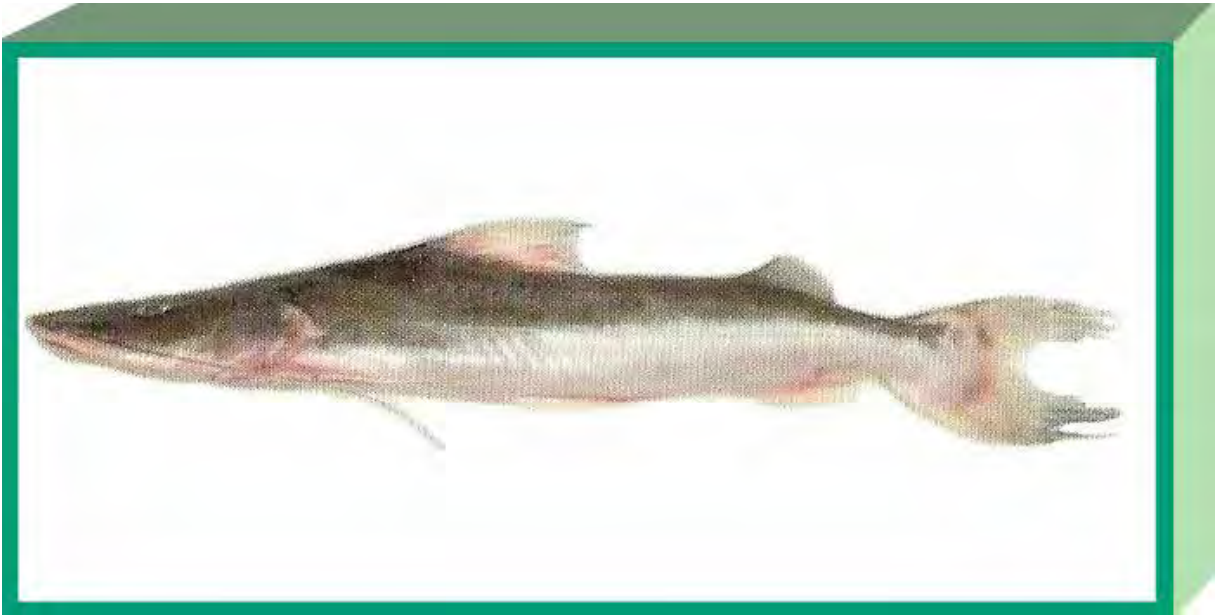


Imagem 22: Piraíba

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 94.

Timucu ou peixe-agulha: *s.m* – nome de peixe com ferrão na parte frontal. Durante as entrevistas esta espécie de peixe foi descrita como perigosa por conta de seu ferrão, sendo que ocorreram diversos acidentes com pescadores em contato com a nadadeira em forma de ferrão deste peixe. A seguir, um trecho de uma entrevista em que um dos pescadores descreve esta espécie de peixe:

P: Eu fui pescar camarão e um peixe chamado *timucu*, tu nunca viste?

Pesquisadora – Ainda não.

P: É um peixe que tem um bicão ele, esse peixe me furou e quase que eu morro. É, fiquei um tempão sem pescar e fiquei até surdo desse lado, sabe? (o pescador aponta o ouvido esquerdo), desse lado eu não escuto nada não.

Pesquisadora – Nossa! O senhor ficou surdo? Ele é um peixe de ferrão?

P: É, um bico grande que ele tem. Olha, isso eu nunca esqueço não. O *timucu* é um peixe antigo da região aqui.

Pesquisadora – Mais o senhor ainda continua pescando?

P: Continuo, sim.

Tacariuna: *s.m* – nome de peixe remoso, com espécie de ferrão na parte frontal, nome de origem tupi-guarani cujo prefixo “taka” significa: estaca, vara, e o sufixo “uma” significa negro. A etimologia da palavra segue a descrição feita pelos pescadores de Curuçá, que julgam este peixe

como perigoso para quem está enfermo. Vejamos o trecho de uma entrevista em que um dos pescadores descreve esta espécie.

P: São os peixes remosos, mas aqui o único peixe remoso dá no igarapé, nesse igarapé daqui, é o *tacariuna*.

Pesquisadora: *Tacariuna*?

P: O povo fala que o peixe de pele, de esporão, ele sempre é remoso, mas pra mim tanto faz, eu acho que não existe isso aí não.

Pesquisadora: Esse que o senhor falou o nome (tacariuna), esse o senhor não trabalha?

P: Esse eu não pego porque ele é mais de igarapé, é difícil pegar no curral.

6.6 PEIXES CONSUMIDOS

6.6.1 PEIXES DE ÁGUA DOCE

Bodó: s.m – peixe de água doce que, segundo Isaac e Santo (2005, p. 104) pertence à família dos *Loricaridae*, em *Curuçá* é o mesmo que Acari.

Karimatá: s.m – peixe de água doce revestido de uma pele, semelhante a um couro, duro e cinza, retirado quando consumido. Sua carne é bastante apreciada, mas apresenta muitas espinhas e um cheiro forte que a população chama de *pitiú*, por isso, os curuçaenses costumam comê-lo frito, nos quintais para que seu cheiro não exale no interior das casas, m.q. *tamuatá*. Segundo Navarro (2006, p. 381), “*tamuatá*” é um nome de origem Tupi, comum aos peixes da família dos *caliquitideos*, também conhecido como *tamboatá*, *caboje*, *camboatá*, *cascardo* e *soldado*. Estes dois últimos nomes, segundo os pescadores locais, tem origem na pele grossa e escura deste tipo de peixe.

Ituí: *s.m* – peixe de água doce, sem muita importância para o comércio de peixe local. Segundo Isaac e Santo (2005, p. 106), pertence à família dos *Sternopygidae*. Conforme Navarro (2006, p. 168) é um termo de origem Tupi em que o radical *itu* designa *grande* e o sufixo *i* designa *água*, sendo assim, acreditamos que o vocábulo ituí pode designar “peixe de grandes águas”, já que, conforme descrição dos pescadores, esse peixe é encontrado em rios de grande profundidade. m.q Ituvi ou Tuvi. TND.



Imagem 23: Ituí

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 106.

Jiju: *s.m* – peixe de água doce, pela descrição de alguns pescadores é “um peixe muito espinhento”, o que vai ao encontro da etimologia do próprio vocábulo, cujo sufixo “ju”, de origem tupi, que significa espinho. TND.

Pescadinha branca: *s.m* – peixe de água doce que ocorre, com frequência, na desembocadura dos rios, em águas rasas, alimentando-se de camarões e pequenos mariscos. Segundo descrição dos pescadores, é considerado um peixe medicinal por ter uma carne nutritiva e leve, por isso, é indicado para pessoas em dieta ou em recuperação de cirurgias e enfermidades. Chega a ter, no máximo, 21 cm, apresenta cor prateada, com o corpo coberto por pequenas escamas e dentes caninos grandes. É uma espécie muito apreciada pela sua carne branca e delicada, tendo grande

importância comercial, tanto na pesca de águas interiores como na costeira e estuarina. De acordo com Isaac e Santos (2005, p. 181), pertence à família dos *Sciaenidae*.



Imagem 24: Pescadinha branca

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 181.

6.6.2 PEIXES DE ÁGUA SALGADA

Os habitantes desta região valorizam muito mais os peixes de **água salgada**, pois Curuçá tem como característica de sua fauna pertencer a uma região de águas oceânicas onde, segundo os entrevistados, os peixes mais saborosos estão nas águas salgadas.

Agulha branca: *s.m* – peixe de água salgada, pescado com redes de emalhar, em pesca de arrasto, currais e tapagens. Segundo descrição dos pescadores, é peixe encontrado em grandes cardumes nas ilhas de Mutucal, Iriteua e Igaçaba. Bastante apreciado, os habitantes de Curuçá preferem consumi-lo frito quando ainda fresco, as ovas (ovos) são consumidas em forma de gibé, prato típico do norte, feito com farinha de mandioca e caldo de peixe. TDSE, segundo Isaac e Santo (2005) da família dos *Hemiramphidae*; apresenta o rosto alongado, formando um bico, com mandíbula escura, chega a medir 28 cm de comprimento, m.q. peixe-agulha.



Imagem 25: Agulha Branca

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 124.

Agulha preta: *s. m* – peixe de água salobra, é encontrado nos furos e próximo à praia de Pacamorena, é muito apreciado pelos habitantes de Curuçá porque desova o ano inteiro, parecendo existir dois períodos principais de desova, um no início e outro no meio do ano. TDSE. Segundo referencia de DHLP é o mesmo que peixe-agulha e agulhão.

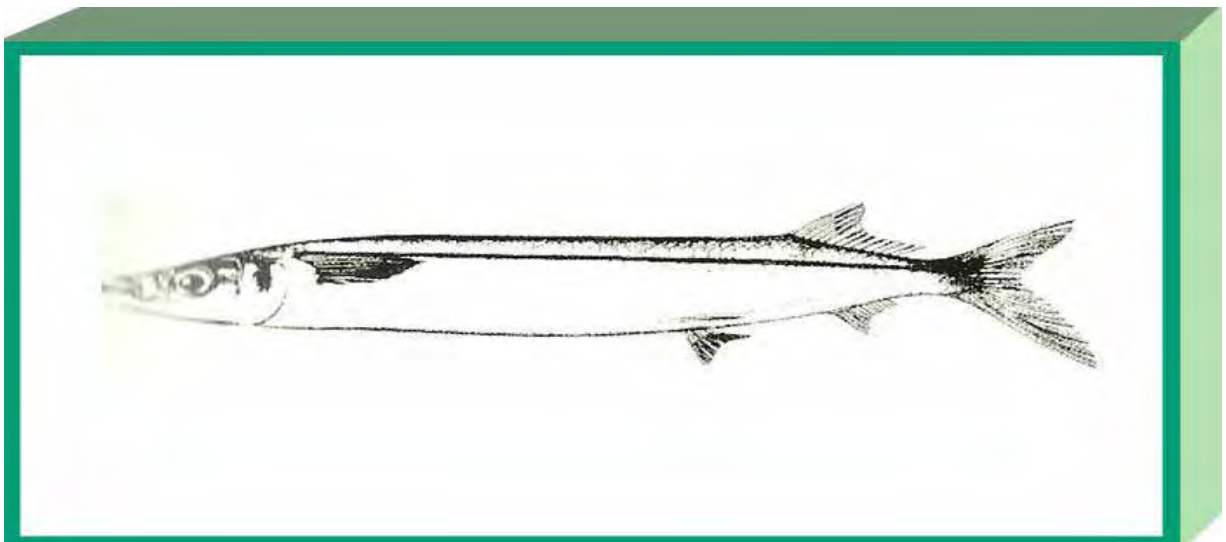


Imagem 26: Agulha Branca

Fonte: E. S, I, V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 122.

Apapá: *s. m* - peixe que vive em água tanto doce quanto salobra, m.q: apapuá e apapá. É muito apreciado pelos habitantes, tendo certa importância como recurso pesqueiro local. TDSE. Segundo referências de DMMLP e DHLP é um nome com que se designam na Amazônia as sardinhas de água doce, especialmente as da espécie *Pristigaster martii*, designação comum a peixes teleósteos, clupeiformes, dos gêneros *Pellona* e *Pristigaster*, marinhos ou fluviais; são sardinhas de corpo fusiforme e colorações geralmente prateada e amarelada. Peixe de até 16 cm de comprimento, prateado, com dorso escuro e ventre amarelado; m.q: pelada, sardinha-grande, sardinhão, savelha-mole, arenga, arenque, bode, cagona, sardinha-branca, sardinha-dourada, encontrados nos estuários do Amazonas e Orinoco e na bacia do Paraguai. Segundo referência de Navarro (2006), é um vocábulo de origem Tupi *apapûar* (v.) que significa *dobrar*.

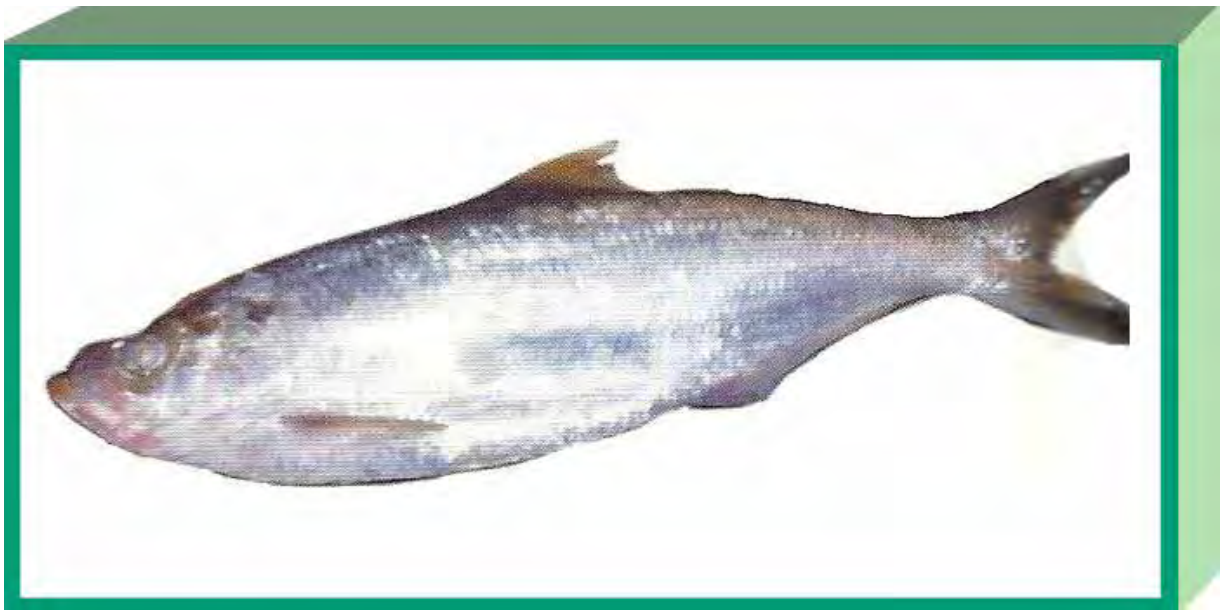


Imagem 27: Apapá

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 55.

Bacu: *s.m* – peixe de rio de águas salobras, apreciado pelos habitantes de Curuçá-Pa que afirmam estar cada vez mais escasso e, por isso, quando encontrado, é vendido a preço alto. TDSE. Segundo DMMLP e DHLP. Peixe fluvial, *doradídeos*, cujo corpo é revestido de espinhos e serrilhas. É muito conhecido e apreciado na culinária amazônica. Vars: do latim *bacus*-pedra: m.q. *botoado*. Podem medir até 1 m de comprimento, corpo pardo-amarelado, cabeça

quadrangular e nadadeira dorsal. Segundo Navarro (2007, p. 70) nome de peixe da família dos *doradídeos*, referência pejorativa a pessoa baixa e gorda.

Bagre: *s.m* – peixe encontrado, segundo descrição dos pescadores de Curuçá, tanto em águas rasas salobras dos igarapés como em lagoas e também no mar; sobretudo em águas arenosas e lodosas como as do manguezal. TDSE – Segundo DMMLP e DHLP *é um nome comum a grande número de peixes da subordem dos Siluróides, cujas características principais são a pele nua e a presença de barbilhões, de um a quatro pares, mais ou menos desenvolvidos; existem espécies de água doce e marinhas, mas estas, em certas épocas do ano, sobem os rios para a desova. É um peixe marinho (Tachysurus barbatus), rajado, m. q: surubim da Amazônia e do rio São Francisco.* Alcança um metro de comprimento e se caracteriza por apresentar a maxila inferior com um par de barbilhões em forma de fita; no Brasil ocorrem duas subespécies que diferem pelo número de raios da nadadeira anal, m.q. jandiá, jundiá, nhandiá, mandi-bicudo, também pode designar termo pejorativo para pessoa feia.

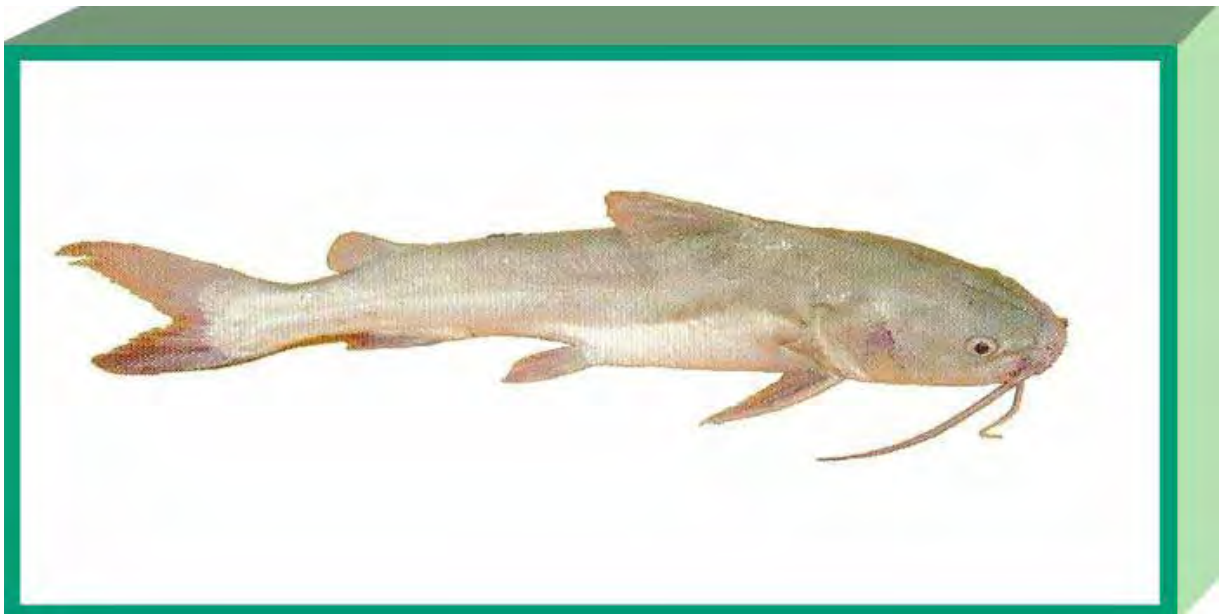


Imagem 28: Bagre

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 80.

Bandeirado: *s.m* – Peixe de águas salobras que, de acordo com descrição dos pescadores, vive em águas salobres e rasas. Conforme referência de Espírito Santo e Isaac (2005, p. 87) é uma espécie de bagre bem diferente dos demais porque apresenta um par de barbilhões sob o queixo, além disso, os barbilhões maxilares são achatados em forma de fita, e o primeiro raio da nadadeira dorsal forma um longo filamento – a “bandeira” da denominação popular. É muito apreciado na região e apresenta importância no mercado de peixes local. TDSE - Segundo DMMLP e DHLP, pertence à família dos *Bagres marinus*. O nome *bandeira* + *-ado* 'dotado de.', considerando a etimologia do nome e as definições existentes sobre este peixe, o nome *bandeirado* justifica-se como sendo *dotado de valor ou apreciação de sua espécie*.



Imagem 29: Bandeirado

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 87.

Barbudo: *s.m* – peixe de águas salobres, sem muita importância para o comércio de pesca local, segundo dados dos pescadores é peixe de pele e carne remosa (gordurosa). TDSE. Conforme DMMLP pertence à família dos *polinemídeo*, marítimo, com apêndices longos nos cantos da boca e que lhe justificam o nome popular, m. q. parati-barbado.

Bico doce: *s.m* – peixe pouco descrito pelos pescadores é comparado a um tubarão, descrito apenas pelos pescadores mais antigos que o relacionam a *lenda da mãe do rio*, uma narrativa de cunho mitológico que se passa na *Ilha de Aissima*, local onde, conforme narrativa, existem peixes da espécie bico doce. Segundo referências de DMMLP esta espécie é chamada de *tubarão-azul* e pertence à família dos *Prionace glauca*, m. q. peixe prata.



Imagem 30: Bico doce

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 159.

Birrete: *s.m* – peixe de pouca importância como recurso pesqueiro, é encontrado na parte mais externa do estuário, em águas salobres, segundo descrição dos pescadores é pescado com rede de emalhar, em pesca de curral e arrasto, chega a medir de 12 a 100 cm e pesar até 40 kg; apresenta corpo prateado, sem manchas e alongado, com nadadeiras amareladas. Segundo referência de Espírito Santo e Isaac (2005), pertence à família dos *Carangidae*. TND, m.q. carabel.



Imagem 31: Birrete

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 151.

Boca mole: *s.m* – Segundo referência de DMMLP pertence à família dos *Sciaenidae*, m.q. pescada.

Bragalhão: *s.m* – peixe semelhante a um bagre, de águas salobres, chega a pesar até 20 kg, é encontrada em alto mar, na ; m.q. bagre-branco. TDSE.

Cação: *s.m* – peixe de porte não muito grande, descrito pelos pescadores como sendo de corpo achatado e expandido lateralmente, marrom-escuro na parte superior e mais claro na região dorsal, habita águas salobres e profundas. TDSE. Segundo referências de DMMLP e DHLP é um peixe da família dos *Squatina argentina*, uma espécie de pequenas dimensões, frequente em águas costeiras, também chamado cação-frango ou cucuri, m. q. cação-bicudo, capim-açu, barroso, cação-raposa, cação-pena.

Caíca ou Tainha: *s.m* – peixe abundante na região, segundo Isaac e Santo (2005) pertence à família *Mugilidae*, é encontrado em zonas estuarinas de águas salobres, canais de maré, bem como igarapés, m.q. pratiqueira O nome “pratiqueira” tem origem na cor das escamas desse peixe que provoca um efeito prateado nas águas quando encontrado em grandes cardumes. É uma das

espécies mais importantes da região, por isso, é considerado como peixe de primeira categoria, sendo muito valorizado no mercado local, porque apresenta carne macia e muito saborosa, tendo, por isso, grande valor econômico na região. É pescado com redes de emalhar, tarrafa e em currais. TDSD.



Imagem 32: Caíca ou Tainha

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 113.

Cambel: *s.m* – Peixe comum em águas salobras rasas sobre substrato lodoso, tal como as regiões de manguezal. Chega a medir 20 cm, é descrito pelos pescadores como peixe de escamas rosadas, geralmente é consumido em cosidos e ensopados, quando sua carne torna-se macia e mais saborosa. É pescado, principalmente, na pesca artesanal, com redes de emalhar e na pesca de curral, m.q. cambéua, gambel. TDSD. Segundo Isaac e Santo (2005) pertence à família dos *Ariidae*.

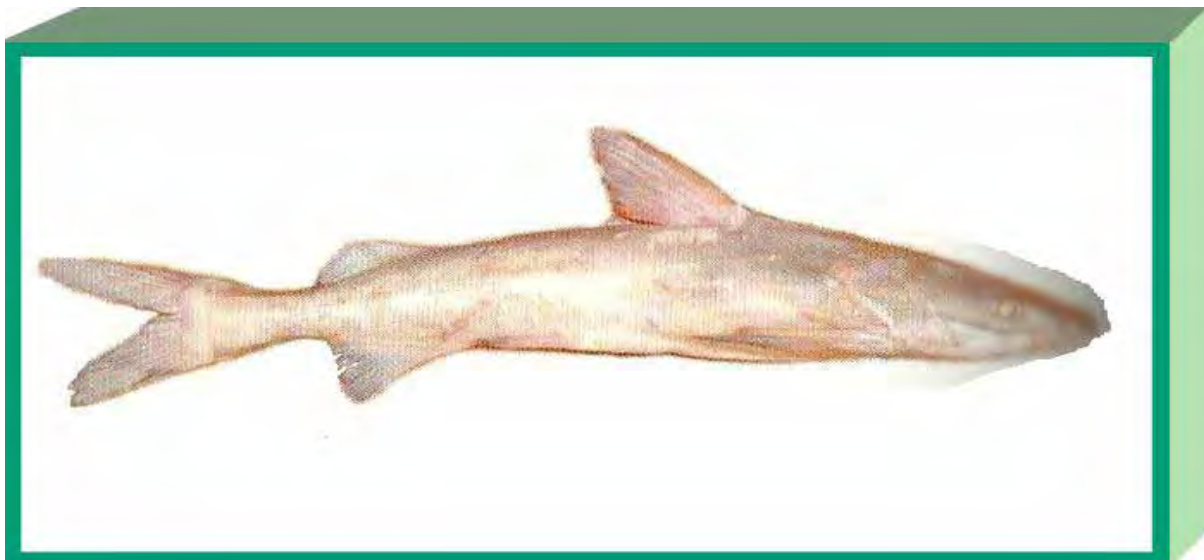


Imagem 33: Cambel

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 79.

Canguira: *s.m* – Peixe de hábitos marinhos pode chegar a ter até 20 cm, apresenta pequenas nadadeiras dorsais e ventrais, tem o corpo coberto de escamas prateadas. É consumido, geralmente, frito e pescado na pesca artesanal, com redes de emalhar e na pesca de arrasto do camarão. TDSD, m.q. Xaréu-poca; Rabo-duro. Segundo Isaac e Santo (2005) pertence à família dos *Carangidae*.



Imagem 34: Canguira

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 145.

Carauaçu: *s.m* – Ocorre na parte mais externa do estuário, podendo entrar na baía, chega a medir até 45 cm de comprimento. Segundo Isaac e Santo (2005, p. 157), este peixe tem como hábito deixar-se levar pela correnteza ao invés de nadar ativamente, pertence à família dos *Lobotidae*. Segundo descrições de alguns pescadores, tem o corpo alto, cabeça pequena e os olhos pequenos. Apresenta pele coberta de escamas de cor marrom, preto ou amarelo, podendo variar o padrão conforme o meio em que vive. É bastante apreciado pela população local, que costuma consumi-lo frito ou assado. É pescado na pesca artesanal e em currais. TDSE, peixe m.q. Carauá-açu, Prejereba, Piraca.



Imagem 35: Carauaçu

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 157.

Camurupim: *s.m* – peixe de, aproximadamente, 35 a 150 cm, chega a pesar até 25 kg, é encontrado em águas salgadas e superficiais, apresenta linha lateral de cor escura e muitas escamas. É apreciado pela população local que costuma pescá-lo com anzol, em pesca de curral ou rede de emalhar. Segundo Navarro (2006, p. 97) o termo *kamu'ri* é de origem Tupi e significa, o mesmo que Cumuré e Pirapema. TDSE, segundo referências de DMMLP e DHLP é peixe da família dos *centropomídeos*, m. q. robalo, bicudo, camuripeba.



Imagem 36: Camurupim

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 135.

Cangatá: *s.m* – peixe de águas salobras e profundas, também chamado mapará, chega a medir de 38 a 50 cm e pesar até 2,5kg. Apresenta certa importância para o mercado de peixe local, é um peixe de pele rugosa e cor prateada. Navarro (2006, p. 184), descreve o prefixo *kanga'* como sendo de origem tupi e significando *osso* ou *espinha de peixe*, por isso, acreditamos que o vocábulo *cangatá* designa peixe de muitas espinhas. TDSE. Segundo referência de DHLP pertence à família dos *Ariidae*, m. q. gurijuba, bagre-guri, mapará, croatá.



Imagem 37: Cangatá

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 85.

Canguito: *s.m* – segundo os pescadores da região, é um peixe pequeno e de água salgada, sem muito valor comercial na região. Segundo DMMLP pertence à família dos *Ariidae*, em outras regiões do Brasil é o mesmo que michole-de-areia, m.q. canguira. TDSE

Caquaritã: *s.m* – em Curuçá é o mesmo que *carapitanga*. TND.

Cara-suja: *s.m* – peixe de, aproximadamente 20 a 30 cm, de águas salobras, não é apreciado pela população local por ser um peixe com muitos espinhos de cor marrom-amarelado e nadadeiras escuras. É pescado, ocasionalmente, na pesca artesanal do camarão e com rede de emalhar. TDSD.

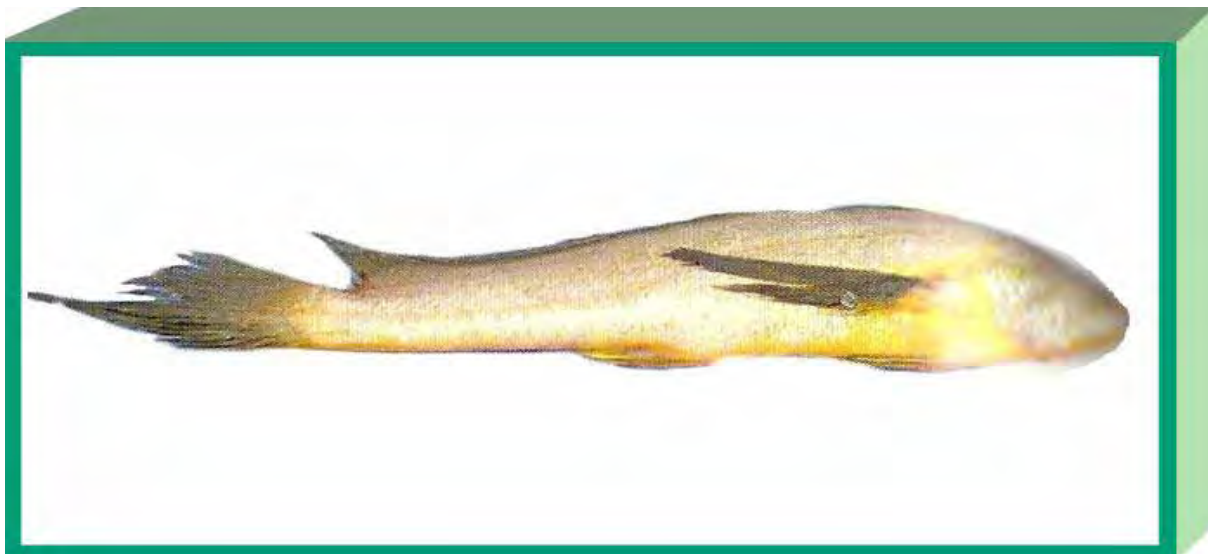


Imagem 38: Cara-suja

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 175.

Carapicu: *s.m* – peixe de águas salobras, de até 25 cm de comprimento, prateado, com o dorso esverdeado e o ventre branco, possui o corpo alongado e revestido por escamas com nadadeiras pélvicas e peitorais. TDSE. Segundo Espírito Santo e Isaac (2005) é um peixe da família dos *Gerreidae*, também chamado bico-doce. Segundo Navarro (2006, p. 189), o termo *carapicu* é de origem Tupi *akarapu'ku*, designação usada para 'peixe de mar'.



Imagem 39: Carapicu

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 160.

Carapitanga: *s.m* – peixe de águas salobres, vive em ambientes rochosos, mede, aproximadamente, de 20 a 90 cm, chegando a pesar até 2,5 kg. É um peixe muito apreciado pela população local, porém, como tem diminuído o número de sua espécie da região, grande é o seu valor comercial. É pescado em redes de emalhar e na pesca de arrasto, apresenta corpo robusto e arredondado, com escamas avermelhadas e nadadeiras amareladas. TDSE. Segundo DMMLP e DHLP, é um peixe da família dos *Lutjanidae*. ETIM de origem tupi que define um peixe, uma variedade da caranha.



Imagem 40: Carapitanga

Fonte: E. S. I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 153.

Carataí: *s.m* – peixe pequeno, de água doce, sem muito valor comercial e pouco consumido na região, conforme descrição dos pescadores mede até 15 cm de comprimento, apresenta dorso marrom, ventre mais claro e nadadeiras amareladas, geralmente, é consumido frito ou assado, é pescado na pesca artesanal. TDSE. Conforme DMMLP e DHLP pertence à família dos *Auquenipterídeos*. Segundo Navarro (2006), o termo *akarata'i*, é de origem Tupi e significa 'peixe de rio'. Em Curuçá é o mesmo que caravataí, garavataí, gravataí.



Imagem 41: Carataí

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 91.

Cavala: s.m – peixe predominante na parte mais externa do estuário de Curuçá, podendo entrar na foz do rio, apresenta grande valor comercial na região. Atinge até 1,5 metros de comprimento, chegando a pesar até 80 kg. Segundo Isaac e Santo (2005, p. 201) pertencem à família dos *Scombridae*.

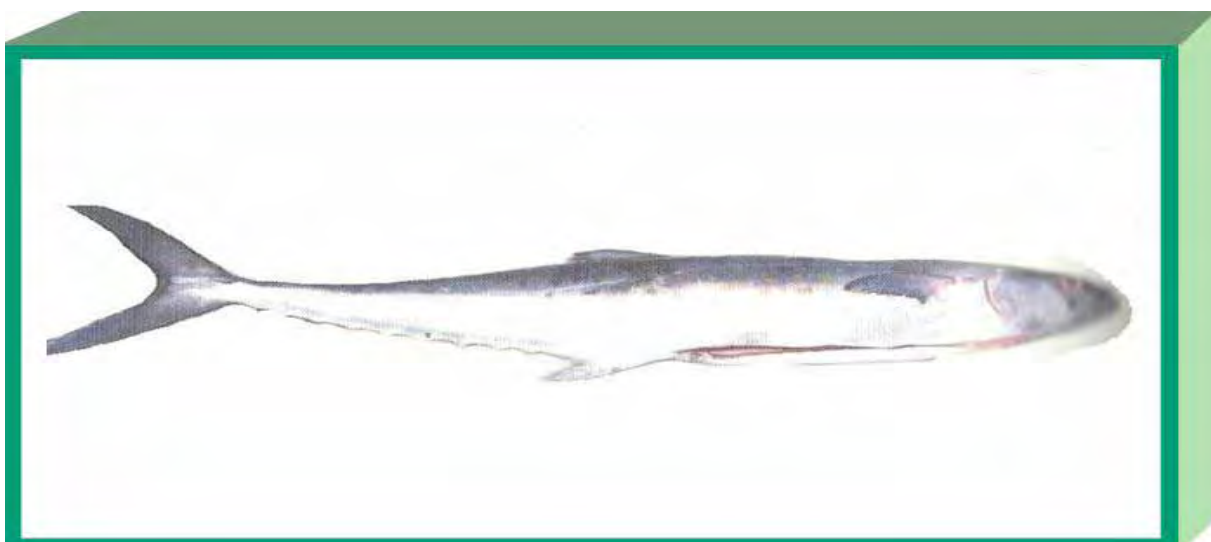


Imagem 42: Cavala

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 201.

Cioba: *s.m* – peixe de águas salobras, com cerca de 80 cm de comprimento, segundo descrição dos pescadores apresenta coloração olivácea no dorso, rósea nos lados e no ventre, mancha negra acima da linha lateral e nadadeiras avermelhadas, é bastante apreciado pela população local e apresenta importância econômica pela excelente qualidade de sua carne. TDSE. Segundo DMMLP e DHLP pertence à família dos *Lutjanidae*; m. q. pargo, vermelho.



Imagem 43: Cioba

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 154.

Corvina: *s.f* – peixe de águas salinas, segundo descrição dos pescadores é encontrado em furos ou igarapés e na parte mais externa das marés, mede, aproximadamente, de 25 cm a 100 cm e chega a pesar até 3,5 kg. Os habitantes de Curuçá afirmam que sua carne é de excelente qualidade, sendo pescado com redes de emalhar e na pesca de arrasto. TDSE. Segundo DMMLP e DHLP *é um peixe teleósteo perciforme, da família dos cienídeos, encontrado em diferentes ambientes, das Antilhas até a Argentina, sendo abundante no litoral gaúcho; com cerca de 70 cm de comprimento, corpo alongado e comprimido, de tonalidade prateada a marrom, dorso mais escuro e ventre esbranquiçado, estrias escuras e oblíquas no dorso e flancos que se prolongam até a linha lateral sinuosa, pequenos barbilhões abaixo da mandíbula*. Para os moradores da região, é espécie de grande valor comercial, em outras regiões do Brasil é o mesmo que. corvina, cururuca, cuíca, corvina-marisqueira, muracaia, murucalha, marisqueira.



Imagem 44: Corvina

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 173.

Croatá: *s.m* – nome de peixe que, no município de Curuçá, apresenta a mesma denominação que cangatá, já descrito anteriormente. TDSD. Acreditamos que o vocábulo Croatá apresenta origem tupi que deriva do vocábulo *caraguatá* < *karagwa'ta*, e significa 'gravatá', que é uma espécie de planta da família das *bromeliaceae*. Segundo descrição dos pescadores, o peixe *croatá* apresenta relação com a planta gravatá, pois tem o formato alongado e fino, tal como a folha da planta com o qual se parece.

Cururuca: *s.m* – peixe de 15 a 30 cm, aproximadamente, chega a pesar até 1,5 kg. Vive em águas salobres e rasas, de porte robusto, possui nadadeiras espinhosas e cor amarelo-prateado, geralmente, não é consumido pela população local, é capturado, artesanalmente, na pesca de camarão com puçá. TDSE. Segundo DMMLP, em outras regiões do Brasil, é o mesmo que *corvina* que significa *agitação de peixes por ocasião da desova*, pertence à família dos *sciaenidae*.



Imagem 45: Cururuca

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 174.

Enchova: *s.f* – peixe pequeno, de escama, de águas salobres, muito apreciado na região. sendo visto, pelos pescadores da região, em grandes cardumes. Segundo DMMLP e DHLP é semelhante ao arenque, da família dos *Pomatomídeos*. É muito procurado pela indústria de conservas e pastas devido sua carne saborosa. De tamanho médio, pode atingir cerca de um metro de comprimento e pesar até 12 kg, Apresenta corpo alongado, alto e comprimido, de coloração verde olivácea, com abdome branco. Segundo relato de pescadores, essa espécie ingere presas em quantidade correspondente à metade de seu próprio peso, principalmente, sardinhas, crustáceas e moluscos. É bastante apreciado na região, sendo consumido assado na brasa, frito ou em ensopados com farinha e pimenta. TDSD. Em outras regiões do Brasil é o mesmo que anchova, anchovinha, enchova-baeta, marisqueira, manjuba.

Gambel: *s.m* - nome de peixe de pele que vive em águas salobres, de cor prateada e corpo alongado, é bastante consumido na região. Segundo Espírito Santo e Isaac (2005), pertence à família dos *Ariidae*. TND, m.q. Cambel e Cambéua.

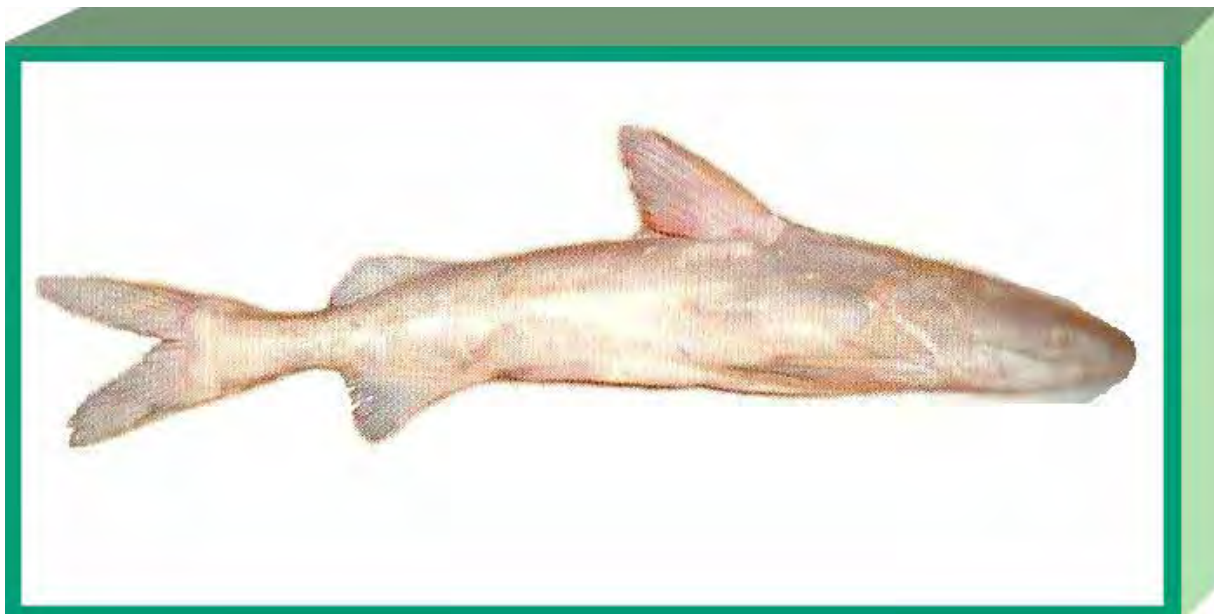


Imagem 46: Gambel

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 79.

Gó: *s.f* – peixe de, aproximadamente 41 a 50 cm, chega a pesar, até 2 kg, apesar de ser constante em águas salobres, ocorre, também, em águas doces. Segundo descrição dos pescadores locais, apresenta escama e numerosas espinhas. É muito consumido na região por ser um peixe bastante carnudo, possui grande valor econômico. É pescado, principalmente, com rede de emalhar, e na pesca de curral. Devido descrição dos pescadores, acreditamos que o vocábulo que “gó” pode ter variado do vocábulo tupi *gûa’a* que significa inchaço, calombo. TND.

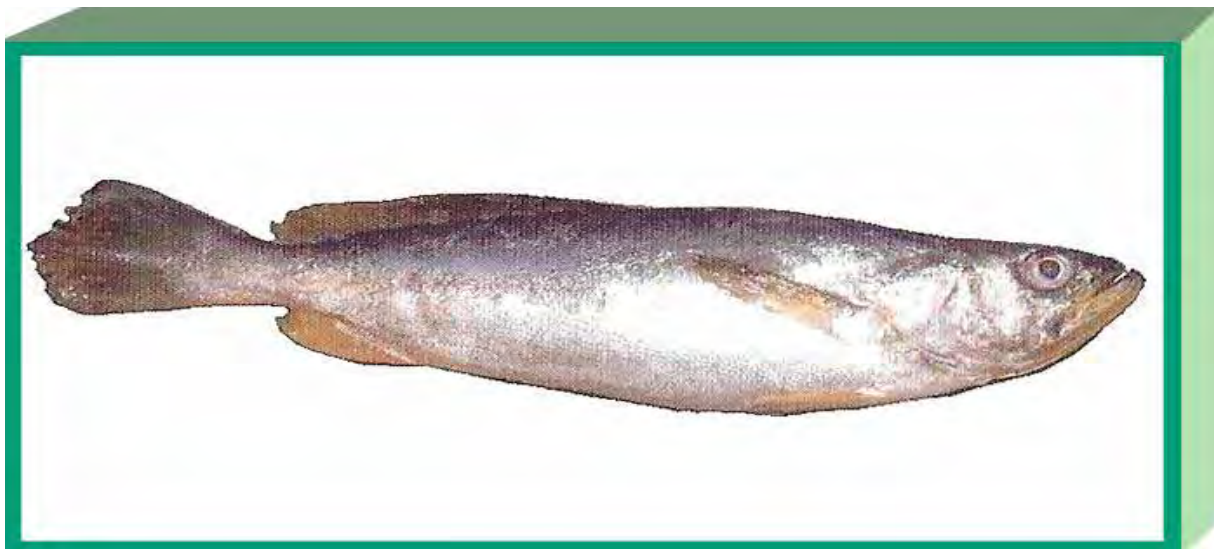


Imagem 47: Gó

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 176.

Gurijuba: *s.f* - nome de peixe de águas salobres bastante consumido na região devido à qualidade de sua carne, pescado em pesca artesanal e com rede de amalhar. É uma espécie de bagre da família dos *Ariidae*. TDSE, m. q. gruijuba, gurejuba, bagre-guri. ETIM de origem tupi. Acreditamos que se trata da derivação de *gûarugûa* que significa “espelho” em tupi.

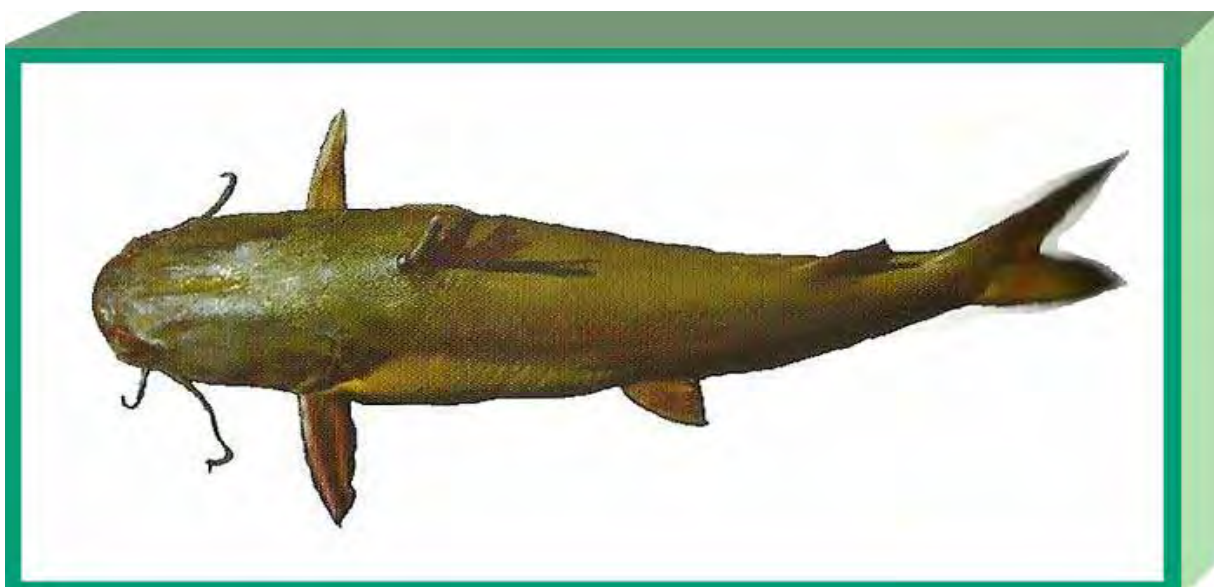


Imagem 48: Gurijuba

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 81.

Jitiri: *s.m* – nome de peixe de águas salobres, habita em fundos pedregosos, de corpo alongado com escamas e nadadeiras escuras, segundo os pescadores da região não é um peixe muito consumido porque apresenta uma carne bastante dura, m.q. roncador, jiquiri. Segundo Espírito Santo e Isaac (2005), pertence à família dos *Haemulidae*. TND.

Jiquiri: *s.m* – peixe m.q. jitiri. TND.

Jurupiranga: *s.m* – nome de peixe de água salobra, que, segundo descrição dos pescadores, apresenta nadadeira dorsal em forma de ferradura, e nadadeira próxima à cabeça em forma de cone. Tem pouca importância como recurso pesqueiro na região, porque, segundo os moradores da região, é um peixe de muitas espinhas, é pescado artesanalmente com puçá, espinhel e curral. Segundo Espírito Santo e Isaac (2005), pertence à família dos *Ariidae*. TDSE.

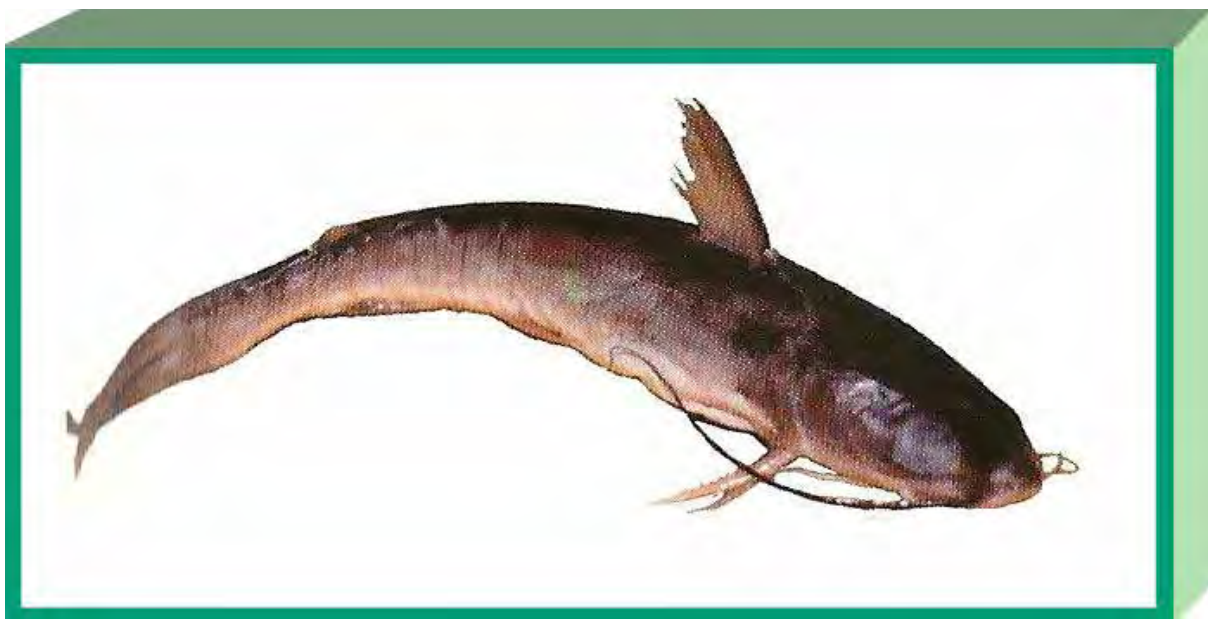


Imagem 49: Jurupiranga

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 86.

Linguado: *s.m* – nome de peixe de águas salobres, habita regiões de manguezal, de corpo alongado. É um peixe de pele, pouco consumido na região, é pescado, principalmente, na pesca artesanal. Segundo Espírito Santo e Isaac (2005), pertence à família dos *Achiridae*. TDSE.

Manjubá: *s.m* – nome de peixe m. q. sardinha-pela. TDSE.

Manjubão: *s.m* – nome de peixe, m.q. sardinha dentuça. TND.

Mero: *s.m* – nome de um peixe de águas salobres, bastante apreciado pela comunidade local, de tamanho largo, chega a medir até dois metros de comprimento. Segundo Espírito Santo e Isaac (2005), pertence à família dos *Serranídeos*. TDSE.

Merinho: *s.m* - nome de peixe da mesma família do Mero. Difere-se deste por ser um peixe de menor proporção. TND.



Imagem 50: Merinho

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 171.

Paru: *s.m* – peixe encontrado em águas costeiras rasas, os pescadores de Curuçá afirmam que costumam capturá-lo em mangues, rios costeiros e sobre fundo de areia e cascalho, tendo o corpo arredondado alto e comprido, geralmente, de cor cinza-pérola, com barras pretas verticais. Segundo referencia de Isaac e Santo (2005, p. 188), pertence à família dos *Ehippidae*. Geralmente, é pescado com redes de emalhar e na pesca de arrasto do camarão, pois, na região, não apresenta grande importância pesqueira.



Imagem 51: Paru

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 188.

Pescada: *s.m* – nome de peixe encontrado em profundidade de até 100 m, sobre fundo de areia ou lama. De acordo com Isaac e Santos (2006, p. 171) pertence à família dos *Sciaenidae*. m. q. boca-mole. É bastante apreciado pela comunidade local que costuma capturá-lo na pesca de curral, com redes de emalhar e na pesca industrial. Segundo descrição dos pescadores, apresenta carne saborosa sendo considerado como peixe de primeira qualidade, isto é, no mercado, é um dos peixes mais caros. Vejamos um trecho de entrevista com um antigo pescador de Curuçá:

Porque, logo quando eu comecei a pescar os peixes tinha classes, nós conhecia os peixes pela classe deles, tinha os peixes de 1^a, 2^a e 3^a classes. A **pescada** é primeira classe, o **camurim** é 1^a classe, a **enchôva** é 1^a classe.



Imagem 52: Pescada

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 171.

Piaba: *s.m* – segundo a população de Curuçá, é um peixe que costuma ser encontrado em áreas estuarinas formando cardumes, apresenta nadadeira alta, “igual uma antena grande”, descrevem os pescadores da região, que apreciam sua carne frita, consumida como tira-gosto, entretanto, não apresenta relevância no comércio da pesca local, m. q: mandií. Segundo Isaaca e Santo (2005, p. 97) pertence à família dos *Pimelodidae*.



Imagem 53: Piaba

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 97.

Piraca: *s.m* – peixe que também é conhecido pelos moradores como Caruaçu ou Prejereba, peixes já descritos anteriormente.

Pintado: *s.m* – mesmo que surubim nome de origem tupi *suru'bi*, que significa "pintado", nome que descreve suas manchas escuras transversais. É uma espécie fluvial de couro com hábitos noturnos. Segundo descrição dos pescadores é bastante apreciado na região, apresenta cabeça achatada e grande tomando boa parte do corpo, sua cor é cinza-parda, com ventre esbranquiçado e pequenas manchas pretas arredondadas, inclusive nas nadadeiras. Geralmente, habita o fundo dos rios e tem longos barbilhões, apresentando uma carne de excelente qualidade, normalmente, atinge 1m de comprimento, pesando entre 6 kg e 8kg. É capturado, sempre com cuidado, pois possui espinhos nas nadadeiras. Quando fisgado, procura esconder-se em tocas sob as pedras e paus.

Piramutaba: *s.m* – peixe muito apreciado pela comunidade local. Segundo descrição dos pescadores, pode ser encontrado na desembocadura dos rios e estuários; é carnívoro e muito voraz, formando grandes cardumes e podendo ser capturado em grandes quantidades na pesca

artesanal, com anzóis, curral, espinheis e redes de emalhar. É alvo da pesca industrial para exportação. Segundo Isaac e Santo (2005, p. 96), pertence à família dos *Pimelodidae*,



Imagem 54: Piramutaba

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 96.

Puruca: *s.m* – peixe pequeno, chegando a medir 60 cm, é encontrado em águas rasas, sobre fundos de lama e areia. É bastante apreciado pela comunidade local, que costuma capturá-lo com redes de arrasto de fundo na pesca do camarão, currais e, também, com redes de emalhar. Segundo Isaac e Santo (2005, p. 179), é da mesma família que o peixe corvina, ou seja, à dos *Sciaenidae*, porém, difere-se quanto ao tamanho menor e quanto ao nome científico *Micropogonias furnieri*.



Imagem 55: Puruca

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 179.

Pacamum: *s.m* – segundo descrição dos pescadores, esse tipo de peixe é encontrado em substratos lodosos rasos, principalmente em regiões salobras, podendo entrar em águas doces. Tem escamas muito pequenas inseridas na pele, a cor varia de marrom a cinza, mais escuro no dorso e cabeça, sua carne não é muito apreciada pela população local, que, quando a consome, prefere-a frita, consumida como tira-gosto. Segundo Isaac e Santo (2005), pertence à família dos *Batrachoididae*, m.q. peixe-sapo ou pacamão.



Imagem 56: Pacamum

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 109.

Pacú: *s.m* – Segundo descrição dos pescadores, atinge 15 kg de peso. Geralmente é pescado com vara de bambu, fisgada com frutos ou pesca apoitada com isca de caranguejo. Peixe de escamas e corpo comprimido, apresenta coloração uniforme, castanho ou cinza escuro; o ventre é mais claro, amarelado quando está vivo. Segundo Isaac e Santo (2005) pertence à subfamília *Serrasalminae*, que também inclui as piranhas.

Peixe-agulha: *s.m* – ver agulha-preta.

Plampu: *s.m* – peixe de escamas, segundo descrição de pescadores, apresenta corpo arredondado e comprimido, a coloração do dorso é azulada ou esverdeada e a do ventre prateada, chega a alcançar mais de 1,20 m de comprimento total e 40 kg; porém, na região de Curuçá, é mais comum encontrar peixes dessa espécie com até 50 cm e 2 kg. Sua carne é muito apreciada pela comunidade local, que costuma consumi-lo assado, frito ou em caldos com pimenta e farinha d'água. Segundo Isaac e Santo (2005), pertence à família *Carangidae*.



Imagem 57: Plampu

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 150.

Pratiqueira: s.m – ver Caíca ou tainha.

Prejereba: s.m – ver carauçu ou piraca.

Sarda: s.f – peixe pequeno, chega a medir cerca de 9 a 38 cm, possui pouca importância econômica na região, mas é geralmente consumido fresco, é pescado com redes de praia, currais e na pesca de arrasto para captura de camarão. Segundo Isaac e Santo (2005), pertence à família dos *Clupeidae*.

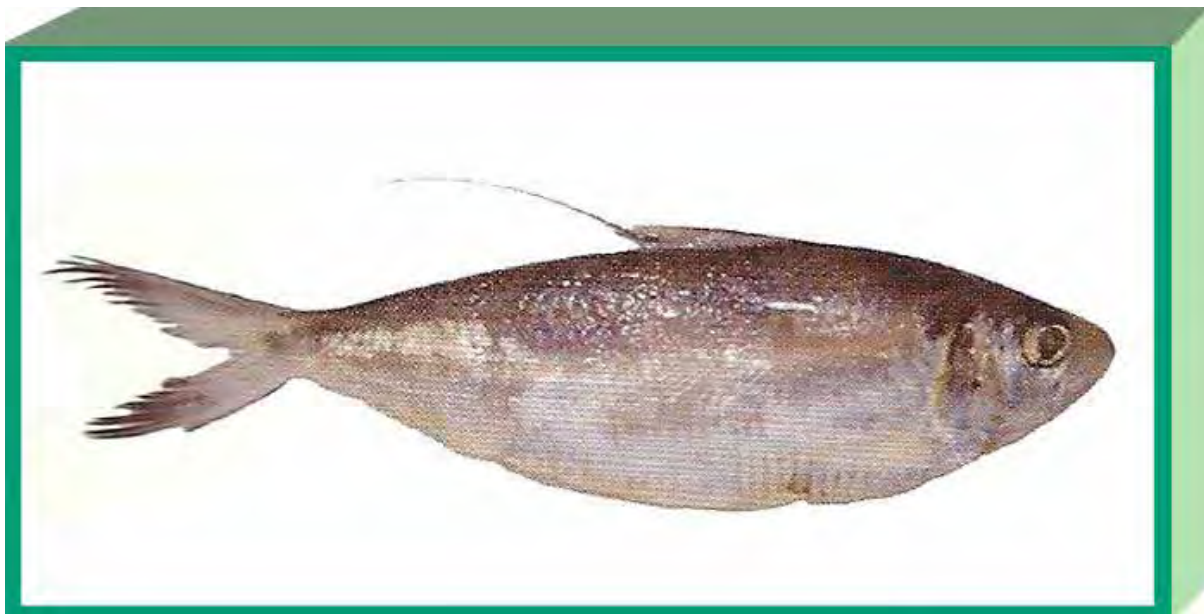


Imagem 58: Sarda

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 50.

Serra: *s.m* – bastante apreciado pela comunidade local, pois sua carne é considerada de ótima qualidade, chega a medir 125 centímetros e a pesar cerca de 8 quilos. É parecido com o peixe “cavala” em função do formato de seu corpo (daí o nome popular). A diferença é que é um pouco menor e possui outras cores. O serra tem dorso verde-azulado brilhante. Esse peixe, raramente, é encontrado sozinho ou aos pares, pois vive em cardumes. Geralmente é pescado com redes de emalhar e com com espinheis com isca viva. Segundo Isaac e Santo (2005), pertence à família *Scombridae*.



Imagem 59: Serra

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 202.

Surubim: *s.m* – os moradores da região consideram como sendo o mesmo que pintado definido anteriormente.

Tamatá: *s.m* – Tamatá é uma variação de Kaimatá definido anteriormente.

Tainha: *s.f* – Tainha é o mesmo que caica definido anteriormente.

Tralhoto: *s.m* – segundo descrição dos pescadores, é uma espécie de peixe que vive na superfície das águas estuarinas salobras, na desembocadura dos rios e na maré baixa. Há relatos de que essa espécie pode ficar exposta ao ar durante algum tempo, apoiada sobre a lama úmida. É um peixe pequeno podendo medir de 20 a 30 cm, não sendo consumido pela população que costuma usá-lo como isca para peixes maiores, m.q. quatrolho. Segundo Isaac e Santo (2005), pertence à família dos *Anablepidae*.



Imagem 60: Tralhoto

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 126.

Uriceca: *s.f* – Os moradores consideram como sendo o mesmo que Uricica, peixe já descrito anteriormente.

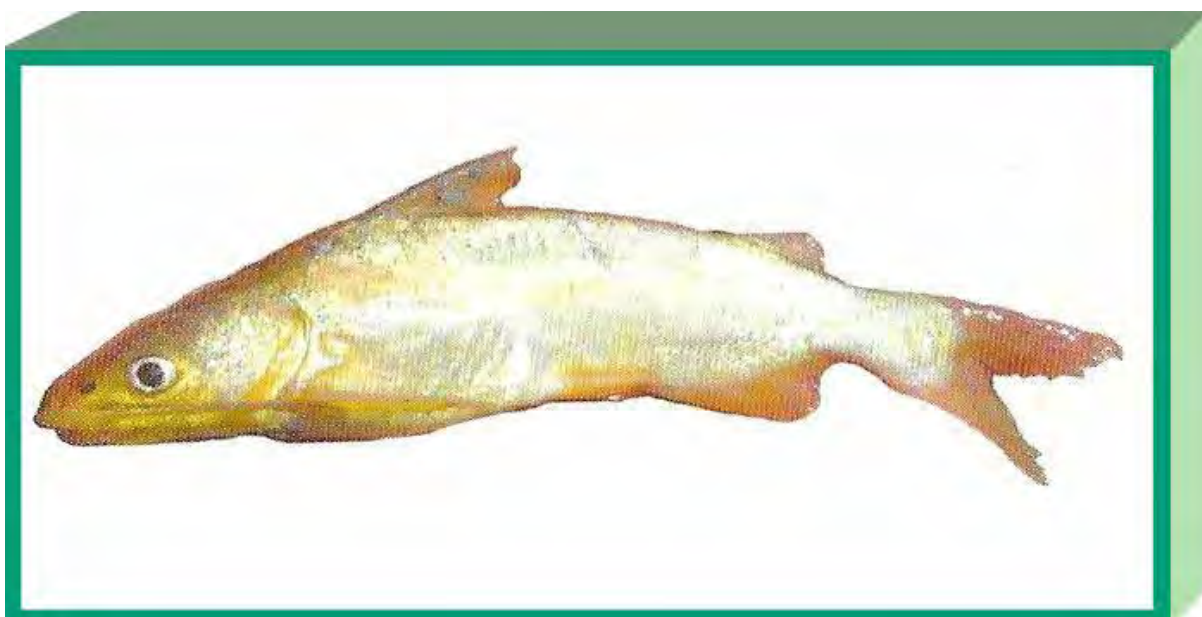


Imagem 61: Uriceca

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 88.

Robalo: *s.m* – nome de peixe de águas salobres, é encontrado em regiões mais externas do estuário, mede, aproximadamente, 35 a 150 cm e chega a pesar, até 25 kg, apresenta linha lateral escura e escamas prateadas. É muito apreciado e consumido na região, pescado em pesca artesanal, com anzol, em pesca de curral e com rede de emalhar, m.q. testa-de-ferro. Segundo Isaac e Santo (2005), pertence à família dos Centropomidae. TND.



Imagem 62: Robalo

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 132.

Urimatá: *s.m*: Segundo descrição de pescadores é um peixe de escamas ásperas e de coloração prateada, sua altura e o comprimento variam com a espécie, podendo alcançar de 30 a 80 cm de comprimento. É uma espécie que se alimenta de matéria orgânica e associada à lama do fundo de lagos e margens de rios. É capturada em grandes cardumes, tendo relativa importância comercial na região, principalmente, para as populações de baixa renda, pois não é considerado como peixe de primeira classe. Pertence à família dos *Prochilodontidae*. TND.

Uritinga: *s.m* – peixe de escamas e águas marinhas mais rasas que 20 m. Segundo descrição de pescadores, chega a medir de 56 a 100 cm de comprimento, é pescado na pesca artesanal, com puçá, espinhel e curral. Não apresenta grande importância para o comércio pesqueiro local que

considera sua carne como sendo muito “remosa”, ou seja, gordurosa. Segundo Isaac e Santo (2005) pertence à família dos Ariidae, TND.

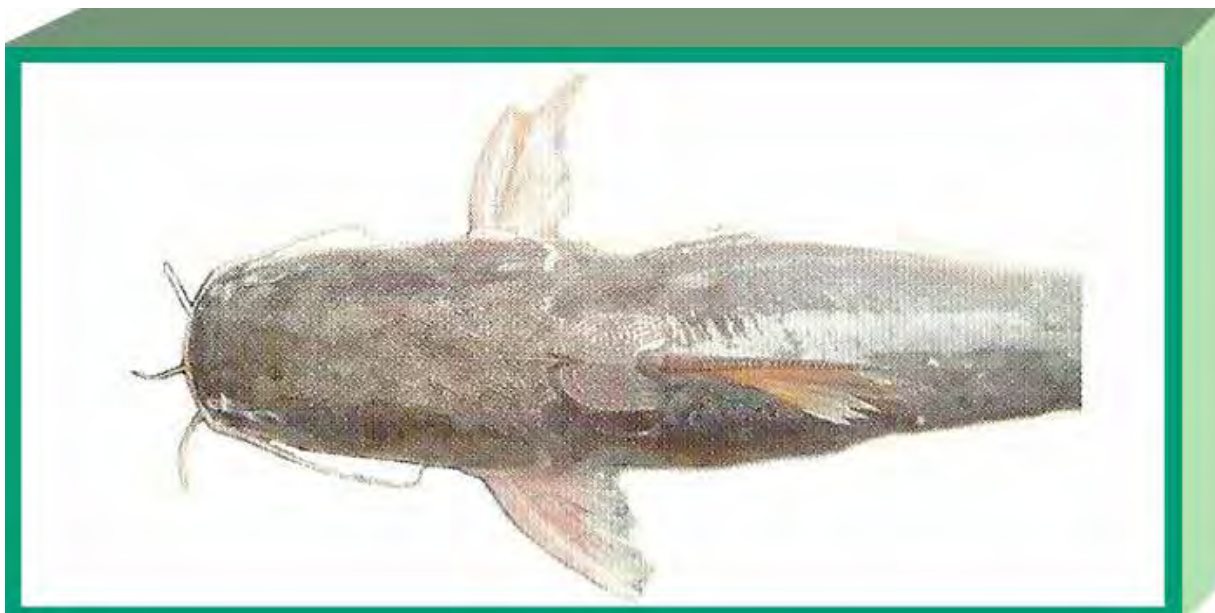


Imagem 63: Uritinga

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 84.

Xaréu: *s.m* – Segundo descrição de pescadores, é uma espécie de peixe de médio porte que habita águas salubres. Na fase adulta, chega a medir até 1 metro de comprimento e chega a medir até 25 cm. De cor amarelada e de carne branca com partes escuras, é um pescado muito apreciado na região, sendo de fácil comercialização. Segundo Isaac e Santo (2005) pertence à família dos *carangidae*. TDSE



Imagem 64: Xaréu

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 143.

6.7 TOPÔNIMOS RELACIONADOS À PESCA

6.7.1 MUNICÍPIO, VILAS, POVOADOS, BAIROS E LOCALIDADES RELACIONADOS À PESCA

Araquaim: *s.f* – nome de uma Vila da região, localizada à margem direita do rio Araquaim, onde se pratica a pesca de camarão e a agricultura da mandioca e a fabricação, artesanal da farinha. Segundo SB, AGC e LCT, vocábulo de ETIM tupi com radical *araguaí*: ave da família dos psitacídeos, espécie de maracanã + desinência sufixal de diminutivo - *im* que equivale no português a – im, - inho e – inha.

Caratateua: *s.f* - nome de um povoado da região de Curuçá onde há a pesca, em abundância, de camarões e peixes. É uma região bastante procurada no período das férias, devido a sua localização à beira do Rio Simôa, onde é praticada a pesca esportiva. ETIM tupi, segundo SB, AGC e VCM – o termo tem origem na aglutinação do radical *carataí* - peixe de rio a família dos

doralídeos – ou do radical *carutá* - espécie de bromélia de que os índios faziam corda e o sufixo *eua* que determina “lugar de”, ou representa abundância - Lugar de muito carutá ou carataí. TND.

Curuçá: *s.m* – nome de município do Estado do Pará localizado a 132 km da capital Belém; pertence à Mesorregião do Nordeste Paraense e a Microrregião do Salgado é, também, o nome do rio, com o formato de uma cruz, que atravessa toda a região de Curuçá. Por ocasião de sua colonização, os padres Jesuítas fundaram uma fazenda dando-lhe o nome de *curussá*, que em Tupi quer dizer *cruz*; mais tarde tornou-se o nome de uma feitoria e, por conseguinte, nome do Município. TND.

Curuperé: *s.m* – TP – nome de um bairro de Curuçá onde se pratica a captura de caranguejos e ostras como o mexilhão. ETIM tupi. Segundo LCT e SB o radical *curu* – representa ruga, dobra, coisa ondulada + o sufixo *peré* – que representa órgão interno. A origem e o sentido do termo estão relacionados à fundação deste bairro, no século 18, em que Jesuítas, aproveitando a quantidade de ostras e pedras existentes no lugar, construíram uma fábrica de sal, cujas ruínas foram encontradas por historiadores do município, em 2009. Essas ruínas demonstraram que a salina existente fora construída com cascas de ostras, pedras e óleo de baleia, informação que justifica o significado do termo “curuperé” como sendo um lugar de rugas formadas por ostras e pedras.

Iriteua: *s.f* (TP) – segundo Cunha (2007), é nome de um povoado de Curuçá, localizado no interior da Ilha do Mutucal, onde se pratica a pesca de curral e a extração de mexilhão e outros moluscos, extraídos do manguezal. Lá, também, é comum a fabricação, artesanal, da farinha de mandioca. ETIM de origem tupi, segundo SB o radical *iriri* significa uma variedade de ostra e o sufixo *teuá* determina “lugar de”, ou lugar de muita ostra. TND.

Itajuba: *s.f* (TP) – nome de um povoado de Curuçá onde, no passado, havia a extração de metais preciosos, tais como o ouro. Hoje, no povoado de Itajuba, é praticada a pesca artesanal e a agricultura da macaxeira e outras espécies. ETIM de origem tupi, segundo LCT o radical *ita* representa - pedra, rocha, penedo, rochedo, por extensão, ferro, metal duro que era comparado à

pedra pelos índios. O sufixo *juba* – de *yuba*, representa - amarelo-louro - *Itajuba* significa pedra amarela, ou seja, ouro. TND.

Itarumã: *s.m* (TP) – nome de um povoado de Curuçá onde se pratica a captura de camarão e a pesca artesanal. ETIM de origem tupi, que, conforme SB apresenta radical *i* – água, rio, líquido e sufixo - *tarumã* – fruta que dá em cacho, em penca e por extensão cocos, podendo designar o Rio dos tarumãs. TND.

Igaçaba: *s. f* (TP) – nome de uma localidade e, também, de um igarapé de Curuçá. ETIM de origem tupi, segundo V.C.M o vocábulo *ygassaba* é formado pelo radical “yg” = água e pelo sufixo *çaba* “urna funerária; pote, cântaro” , que representa urna funerária dos indígenas. TDSD.

Piquiateua: *s.f* (TP) - localidade, ETIM de origem tupi, segundo SB significa - lugar de muito piquiá. TND.

Murajá: *s.f* (TP) – nome de uma Vila da região, segundo Navarro (2007), tem origem no nome indígena *mura* que significa povo, gente do povoado.

Tucumateua: *s. f* (TP) – nome de uma Vila de Curuçá – ETIM tupi. Segundo SB e VCM – o radical *cumá* – representa o nome de uma árvore da família das apocináceas + o sufixo *teua* – que determina “lugar de”, ou representa abundância. Lugar de muito cumá. TND.

6.7.2 ILHAS

Areuá: *s.f* – ilha de pescadores da região onde se pratica a pesca de curral e de arrasto. Segundo SB, AGC e LCT, vocábulo de ETIM tupi com radical *aré:* tardo, demorado + desinência *euá:* arrote (s), arrotar (v), que equivale em português a um arrote demorado. TND.

Cajutuba: *s. m* (TP) – nome de ilha da região de Curuçá. ETIM. tupi – segundo (SB), (AGC) de “acayu”, a fruta amarela, fruta ácida muito usada para refrescos, fruto do cajueiro – sufixo “teua”, “deua”, representa abundância ou lugar de - lugar de muito caju. TND.

Marinteua ou Guarás: *s.f* (TP) – Ilha formada pelas praias do Marinteua, Cai’água, Caximbão e Romana, encontra-se às margens do Oceano Atlântico. Segundo LCT, *marinteua* tem origem Tupi e significa lugar de muito *marí* - árvore espinhosa da família das *leguminosas*.

Mutucal: *s.f* (TP) – ilha onde é praticada a pesca de curral, Etimologia – lugar de muita mutuca, ou mosquito. TND.

Pacamorema ou Pacamurema: *s.f* (TP) – nome de uma ilha da região onde se pratica a captura de camarões peixes e caranguejos. Segundo LCT, *pacamorema* tem origem no prefixo tupi *pacamõ* – peixe-sapo e no sufixo, também tupi, *rema* – fedido, ou seja, peixe-sapo fedorento.

Ipomonga: *s.f* (TP) – nome de uma ilha de Curuçá, segundo Cunha (2007), possui terras apropriadas para serviço da lavoura, mas sua maior extensão é formada por campos que servem para pecuária. A Ilha é cercada pelo Furo Grande e rio do Melo. ETIM de origem tupi, segundo SB significa *água viscosa ou rio de água viscosa*. TND. A Ilha do Ipomonga apresenta uma lenda, contada por antigos moradores e transcrita por Cunha (2007):

Os antigos diziam que, bem no porto de embarque e desembarque da Ilha do Ipomonga, existia uma pedra que só aparecia na baixa-mar dos lanços grandes, ela tinha um nome que nunca puderam decifrar, se alguém conseguisse ler as palavras gravadas nessa pedra, surgiria uma cidade que estava no fundo das águas, essa cidade estava encantada lá embaixo. Contavam os pescadores que, em frente ao porto desta Ilha, onde eles jogavam suas redes, ouviam cantos de galo, choros de crianças e outras vozes que eram ouvidas à noite pelos pescadores que ali pernoitavam.

Joao Lopes: *s. m* (TP) - nome de uma ilha da região localizada abaixo da Ilha do Pacamorema. TND.

6.7.3 PRAIAS

Abade: *s.m.* (TP) – nome de uma praia da região de Curuçá que, segundo dados do historiador Cunha (2007, p. 174) *era e ainda é, o ponto de atração dos habitantes da antiga Vila de Curuçá.* Fundado em 1920, Abade é uma região portuária, local de embarque e desembarque, tanto de embarcações como de habitantes que chegam de Ilhas afastadas.

Arrambado: *s.m.* (TP) - nome de uma praia de Curuçá onde se pratica a pesca de curral e de estaca. Recebeu este nome por conta dos arrombamentos (naufrágios) das embarcações de peixes que naufragaram nesta região. TSD.

Aissima: *s.f.* (TP) – nome de uma praia de Curuçá onde se pratica a pesca de estaca e de fuzaca, os pescadores descrevem como sendo um lugar onde já desapareceram muitos pescadores. Segundo lenda da região, em Aissima habita a mãe do rio, por isso, os pescadores preferem pescar nessa praia somente até às 18h, visto que à noite o local fica encantado pela mãe do rio. ETIM. Tupi, segundo Navarro (2007, p.69) *a'ysy* (s.) – significa mãe dos filhos, a esposa verdadeira. TND.

Bom Jesus: *s.f* (TP) – nome de uma praia onde se pratica a pesca artesanal, pertence à Ilha do Ipomonga que compõe um arquipélago de Ilhas da região do salgado. TNSD.

Bragança Grande: *s.f* (TP) – nome de uma praia, onde se pratica a pesca de curral e a pesca de arrasto, localizada em frente à Ilha de Fora, próxima à Praia da Romana.

Camaruteua: *s.m* - (TP) – nome de uma praia da região onde se pratica a pesca de arrasto. TND.

Candea: *s.f* - (TP) – praia da região onde se pratica a captura de camarão. ETIM tupi, segundo SB, VCM, o radial “Can” – “Canga” representa osso, caroço, galho, espinha de peixe e barbatana e o sufixo “deua” determina “lugar de”, ou representa abundância - Lugar de muito osso. TND.

Cipoteua: *s. f* (TP) - nome de uma praia e, também, de uma Ilha da região, localizada na região Norte de Curuçá, junto com outras praias, formam a embocadura do rio Curuçá. Etimologia de origem híbrida, segundo citação de SB, AGC, VCM o sufixo *eua* (tupi) representa – lugar de + radical – *cipó* (origem obscura), podendo variar de outro radical de origem tupi - *içá-pó* - que representa – a mão do galho ou cipó. Também é nome de uma espécie de planta que, segundo os pescadores da região, é usada como corda para amarrar embarcações pequenas, tal como as canoas. TND.

Marinteua: *s.f* (TP) – nome de uma praia da região. ETIM de origem tupi, segundo LCT significa - Lugar de muito *mari* ou *umari*. TND.

Sino: *s. f* (TP) – nome de praia da região que, também, pertence à Ilha do Ipomonga. TDSD.

Romana: *s. f* (TP) – nome de praia da região onde se pratica a pesca de estaca. TDSD.

Praia Grande: *s. f* (TP) – nome de praia da região, onde se pratica a pesca de arrasto, localizada na Ilha do Cipoteua. TDSD.

Praia do Paxicu (de baixo e de cima): são praias onde se praticam a pesca de curral e fuzacas, pertencem a Ilha do Pacamorema.

Sacaitéua ou Sacariteua: *s.f* (TP) nome de uma praia de Curuçá onde se pratica a pesca de curral. Faz parte da Ilha do Manguezal, pois, segundo Cunha (2007), ela se localiza nas redondezas da área de mangue de Curuçá.

6.7.4 FUROS

Furo: *s.m* – é uma espécie de rio. Segundo V.C.M é um pequeno canal de um rio, quando este fica dividido em dois braços, um dos quais dá este nome. TDSE.

Araguain: *s.m.*(TP) – nome de furo da região, onde se localiza um viveiro de aves da família dos *cracídeos*. Segundo Navarro (2007), *Araguain* é um nome de origem Tupi, que designa ave da mesma espécie encontrada nesta região.

Maripanema: *s.f* (TP) – nome de um furo da região. ETIM de origem tupi, segundo SB significa “*o marizeiro (árvore) improdutivo*”. TND.

Furo grande: *s.m* – TP – nome de rio da região onde é praticada a pesca artesanal com puçá de arrasto, tarrafa e canoa. TND.

6.7.5 IGARAPÉS OU RIOS

Igarapé: *s.m* – TDSE, segundo V.C.M representa um pequeno rio, riacho. ETIM tupi de *igara*, canoa, e *pé*, caminho, significando caminho de canoa, ou caminho d’água. TDSE.

Arapiranga: *s.m* (TP) - nome do rio localizado às margens da comunidade dos Andirá-Curuçá. ETIM. Tupi: o radical *ara*, conforme SB, LCT designa - dia, sol, luz, tempo, o sufixo *pira* – conforme abonação de AGC e S.B – designa peixe vermelho; pardo-avermelhado, também, pode designar *o dia vermelho, ou papagaio vermelho*. TND.

Croatá: *s.m* – TP- nome de igarapé. ETIM tupi. Segundo AGC variação do radical - *curuatá* ou *caraoatá* - peixe marinho da família dos escombrídeos; – variação de caraguatá - designação comum a diversas plantas da família das bromeliáceas. Também é o nome de uma planta da família das *Bromelia scarlatina*.

Cumarú: *s. m* – (TP) – igarapé. ETIM tupi, segundo LCT e AGC e a variação de *camuru* – espécie de planta da família dos *Coumarouma odorata*, fava odorífera que se usa para perfumar roupas, grande árvore do Brasil cujo fruto tem o nome de fava-da-índia. Nome que alguns índios da Amazônia dão ao *pacuaguassu* (espécie de peixe – Var. do pacu). TDSD.

Cumarim: *s. m* – TP – nome de igarapé. ETIM tupi. Segundo SB, AGC e LCT – variação de *cumari* – (s.f.) pimenta, aquilo que arde na língua, pimenta da família das terebintáceas + o sufixo - *im* - que determina o diminutivo. TND.

Cumandeteua – *s.m* – TP- nome de rio localizado na Vila dos Andirá. Segundo Navarro (2007), é um nome de origem Tupi que designa um lugar de muito cumã ou tucumã (árvore da família das apocináceas). TND.

Jandiá: *s.f* (TP) – nome de um igarapé de Curuçá onde os pescadores afirmam existir muitos peixes bagres, o que vai ao encontro da etimologia deste termo que, conforme Navarro (2006) é de origem Tupi e designa os peixes bagres da família dos *pimelodideos*. TND.

Jabotipucaia: *s.m* (TP) – nome de igarapé da região onde se encontram espécies de jabutis. ETIM de origem tupi, segundo SB – de “ya-u-ti”, aquele que não bebe ou *jaboti* + o sufixo *pucaia* – de “puçá”, o mesmo que saltar ou estalo, estouro, estalido da glote, estalido em geral; fazendo analogia ao nome indígena *sabiapoca*, espécie de sabiá que produz, ao final do canto, estalidos na garganta. Pode ser o jabuti que produz estalidos na garganta.

Jacitara: *s.m* (TP) – igarapé da região onde se encontram espécies de palmeiras chamadas de Jacitaras. ETIM tupi, segundo AGC o prefixo *yaci* - designa - lua e o sufixo *jassytara* - espécie de palmeira. Ao mencionarem este igarapé, alguns pescadores citaram uma lenda cujo enredo narra a história de uma índia que havia sido enterrada neste lugar e onde crescera a palmeira que leva o seu nome. TDSD.

Juçateua: *s.m* (TP) – igarapé da região. ETIM de origem tupi, segundo AGC - juçara - *jyssara* – palmeira da família das *ceroxilíneas*, de onde se extrai o palmito; - *teua* – sufixo que representa “lugar de” ou significa abundância. - Lugar de muita palmeira. TDSE.

Ipupura: *s.f* (TP) – nome de um rio de Curuçá. Segundo Cunha (1998), até a década de 1960, este rio era considerado a melhor fonte de água da região, devido à quantidade de enxofre e outros minérios que brotavam de seu leito. Atualmente, encontra-se abandonado e sem a devida

manutenção que deveria ser realizada pela prefeitura do município. ETIM de origem tupi, segundo SB significa a água fervendo, o ferver da água ou o rumor próprio de uma água que está a ferver. TND.

Itororom: *s.m* (TP) – nome de um igarapé de Curuçá. ETIM de origem tupi, que, conforme SB apresenta o radical *i* – água, rio, líquido mais o sufixo- *tororó* – barulhento, podendo designar o jorro d'água que faz barulho, ou Rio barulhento. TND.

Maú: *s.f* (TP) – nome de um rio. Segundo Navarro (2007) tem origem no termo *mbaú* que designa *comida* em Tupi.

Maruarí: *s.m* (TP) – nome de uma localidade e de um rio de Curuçá. TND.

Mãe grande: *s.f* (TP) – nome de um igarapé de Curuçá, segundo os antigos habitantes, esse nome tem origem na nascente (chamada de mãe do rio) que se localiza neste iguarapé. TND.

Marauá: *s.f* (TP) – nome de um povoado e de um rio de Curuçá. TND.

Marauzinho: *s.m* (TP) – nome de igarapé da região. TND.

Mocajuba: *s.f* (TP) – nome do rio mais importante da região. Segundo Figueiredo (2007), é formado pelo igarapé Pimenta e por outros igarapés menores, servindo de limite natural, a oeste, entre os municípios de Curuçá e São Caetano de Odívelas. O rio Mocajuba corre na direção Sudeste-Nordeste formando meandros, para depois tomar a direção Norte, até desembocar no Oceano Atlântico. ETIM de origem tupi, segundo SB *mocajúba* é o fruto chamado na região nordeste do Brasil– coco - *mucaiýba* – palmeira da família das *Cocosoídeas*. TND.

Pinobau: *s.m* (TP) - igarapé da região onde se pratica a pesca artesanal.

Pindabal: *s.m* (TP) – localidade; igarapé onde se encontram palmeiras que apresentam o mesmo nome, com as folhas desta planta os pescadores costumam fazer anzóis para a captura de peixes e camarões.

Pinheiro: *s.m* (TP) - igarapé onde se pratica a captura de camarões. TDSD.

Piraquera: *s.f* (TP) – nome de um igarapé e de um peixe encontrados na região.

Prauajú: *s.m* (TP) – nome de uma localidade e de um igarapé da região. TND.

Tijoca: *s.m* (TP) – localidade; rio, m. q. tijuco, o lameiro, o brejo, o lamaçal, mangal, como se fala em Curuçá.

Utinga: *s.f* (TP) – nome de um rio e de uma localidade da região onde se encontram espécies de árvores da família das *mimosidea*. Segundo Navarro (2007) *utinga* tem origem tupi e designa o nome da mesma árvore encontrada na região.

Uriteua: *s.f* (TP) nome de igarapé da região.

6.7.6 ESPÉCIES DE PLANTAS NATIVAS

Andiroba: *s.f* – TDSE - DMMLP e DHLP - an.di.ro.ba – ETIM – Tupi , segundo (AGC), (LCT), (SB), (VCM) o radical *ña'ndi* (óleo, azeite)+ o sufixo *'rowa* (amargo), designam um óleo amargo fruto da andirobeira, árvore de até 30 m da espécie *Carapa guianensis*, da família das meliáceas, nativa de regiões tropicais das Américas, espécie da Amazônia, com casca adstringente, madeira de qualidade, flores amarelas ou vermelhas e cápsulas com sementes de que se extrai óleo insetífugo, usado em lamparinas, para fabricar velas e sabão, contra a artrite e infecções de garganta; também conhecida como andiroba-branca, andiroba-do-igapó, andiroba-suruba, andirobeira, andirova, nandiroba da espécie *Fevillea passiflora* e *Fevillea trilobata*, m.q. ucuuba-cheirosa da espécie *Virola surinamensis*.

Araçá: *s.m* - TDSE - DMMLP e DHLP – fruta ácida da árvore de araçazeiro, do gênero *Psidium cinereum*, da família das *Melastomáceas*, com frutos amarelos ou avermelhados, comestíveis, muito apreciados. Segundo V. C. M é um arbusto brasileiro da família das *Mirtáceas* (*Psidium incanescens*), com folhas quase sésseis, medicinais, branco-pubescentes, flores brancas, grandes, e fruto que é uma baga grande, comestível, amarelo-pálida, com polpa de cor citrina; também chamada goiabinha, **m. q.** *araçanhuma e araçaiá*. ETIM tupi *ara'as*, radical *Aô*: roupa, vestimenta + *tassá* que em composição muda o *t* em *r*: *rassá*: listra, beta, cousa, atravessada, significando, em português *vestimenta listrada*.

Najazeira: *s.f* - tipo de planta usada para construir o curral (vide curral). Descrita pelos pescadores como um *bambu*, “tem um talo que a gente chama de talo magro, é o braço de *najazeira*”. Também conhecida como *buritizeiro*, ou *inajá* - nome científico - *Mauritia flexuosa*.

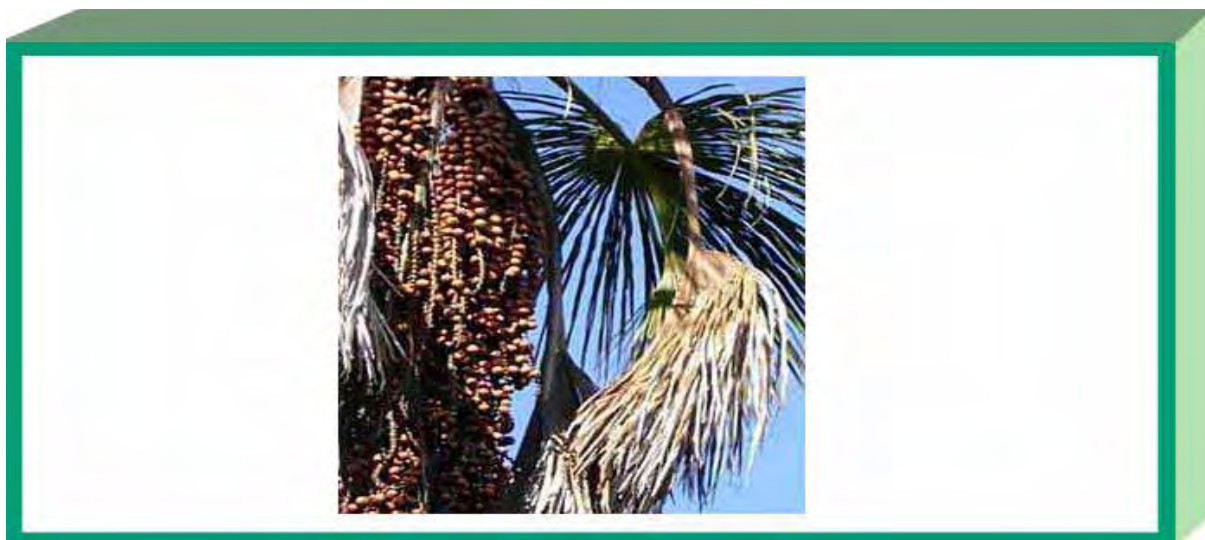


Imagem 65: Najazeira

Fonte: Gusmão, E, A. 2010.

Piquiá: *s.m* – nome de uma fruta semelhante ao pequi, também é nome de um rio da região. ETIM de origem tupi, segundo SB significa – de pele suja, gorduroso.

Pindá: *s.f* – nome de uma palmeira encontrada na região, segundo AGC pertence à família das *cocosoídeas*.

Pindobá: s. m – nome do coco da palmeira pindá.

Timbó: s.m - O timbó, conforme Barthem e Goulding (2007), é um tipo de planta que é misturada ao barro e colocada em pequenos igarapés ou lagos de várzea; é usado em leitos de rio pedregoso. Infelizmente, existem poucos registros sobre esse tipo de pesca, mas sabemos que os indígenas manuseiam o timbó artesanalmente sem oferecer danos ao meio ambiente.

Tucumã ou cumã: s.m – nome de uma árvore frutífera, cujos frutos são cozidos antes de serem consumidos, de cor laranja, tem em seu interior um pequeno coco, também bastante apreciado na região. Nome de origem tupi, segundo Navarro (2007), designa árvore da família das *apocináceas*.

6.7.7 INSTRUMENTOS E TIPOS DE PESCA

Arurana: s. f – TND, material utilizado para tecer instrumento de pesca, segundo VCM é o interstício do paneiro entre as talas que o tecem. Ex: “*com um paneiro de arurana miúda se gapuia tão bem como com o puçá*”.

Canoa: s.f – TDSE, segundo DMMLP e DHLP representa embarcação usada para pequenas pescas movida a remo, vela ou motor de popa, usada em pesca fluvial ou costeira, m.q. piroga, ubá. S de origem indígena obscura, podendo derivar de língua aruak .

Curral: s.m – tipo de pesca praticada na Ilha de Mutucal, descrita pelos pescadores como sendo feita a partir de vários tipos de madeiras, tais como talos de bambu, chamados de *talo magro*, talos feitos a partir do braço da *najazeira*, outras madeiras grossas, chamadas de *mourão* e outras madeiras mais leves como o sentatu e varas de bambú. TDSE, conforme DMMLP e DHLP é uma armadilha de pesca, com três compartimentos, de que há vários tipos, com denominações e formas diversas; cercado construído para a pesca perto da praia, em geral composto de três compartimentos e feito com varas que retêm o peixe quando as águas baixam; ETIM origem

duvidosa, talvez de origem latina - *currare, is* - 'circo para corridas de carros' < lat. *currus, us* 'carro'.

Espinhel: s.m – instrumento de pesca feito com rede de náilon. TDSE, segundo DMMLP e DHLP é um aparelho de pesca, constante de uma extensa corda da qual pendem, a espaços, linhas providas de anzóis.



Imagem 66: Espinhel

Fonte: E. S, I. V. *Peixes e camarões do litoral bragantino*. 2005, p. 8.

Puçá: s. m – instrumento de pesca feito com rede, apresenta o formato de um saco, com as laterais presas a hastes de sustentação, ou estacas. Os pescadores costumam prender o puçá a algumas bóias e pesos. A malha, geralmente, é tecida pelas mulheres dos pescadores, com fios de náilon retirados de cordas. Este instrumento é arrastado por duas pessoas, em áreas de pouca profundidade e serve, principalmente, para capturar camarões. Segundo Navarro (2006, p. 352) o vocábulo puçá é uma variação do vocábulo Tupi *pysá*, que significa *rede de pesca*.

Linha de mão: s.f – instrumento de pesca feito com linha de náilon e usada na pesca artesanal.

Rede: *s.f* - instrumento de pesca feita com diferentes tipos de redes e usada na pesca artesanal e industrial.

Tarrafa: *s.f* - segundo descrição dos pescadores, é um instrumento de pesca feito de rede, apresenta o formato de um cone, com pesos nas bordas e uma corda no centro do saco para que os pescadores possam retirá-la da água por meio desta corda. É usada na pesca de peixes pequenos e camarões que ocorrem junto à superfície ou em profundidades menores.

Usuá ou muzuá: *s.m* - é uma armadilha para peixes feita de varas finas de madeira do manguezal. Segundo descrição dos pescadores, existem dois modelos. Pode ter um formato semicônico, com uma entrada na extremidade que se prolonga para dentro num funil, ou ter aspecto semicilíndrico, com duas entradas: em ambos os casos, os peixes que entram não conseguem sair. Para atrair os peixes para o *usuá* são colocadas iscas como peixes, minhocas ou frutas. Esse tipo de instrumento de pesca está sendo cada vez menos usado pelos pescadores locais.

Pesca com Timbó: Tipo de pesca em que é usado veneno para peixe, ou *timbó*, como é conhecido entre os indígenas, era amplamente usado pelos povos indígenas e seu uso atual é restrito a algumas localidades como é o caso dos moradores da aldeia dos Andirá em Curuçá.

Pesca de Curral: O curral é uma armadilha usada na zona de marés, é feito de fibras de palmeiras e cipós e é construído perpendicularmente à praia, na zona de maré. Em geral, a profundidade da água não ultrapassa cinco metros na maré alta. Segundo Barthem e Goulding (2007), os currais podem ter até 50 metros de comprimento e são feitos de três partes principais. Paredes altas conduzem os peixes para a primeira câmara (espaço separado na armadilha), onde permanecem até a maré começar a baixar, quando passam para a câmara seguinte, que é mais baixa e geralmente circular. Os peixes ficam nesta câmara até a maré baixar, quando são retirados pelo pescador. Conforme constatamos em nossa pesquisa de campo, a Ilha de Mutucal, pertencente ao município de Curuçá-Pa, é onde mais se pratica esse tipo de pesca na região.

Pesca de arrasto: A pesca de arrasto, em comparação com os outros tipos de pesca citados, pode ser considerada como sendo quase industrial, visto que requer uma infra-estrutura e custos maiores, é um tipo de pesca praticada na região do Abade, local onde o município de Curuçá formou-se inicialmente e onde, hoje, encontra-se a maior quantidade de atravessadores e donos de barcos de pesca.

6.7.8 EXPRESSÕES REGIONAIS

Axi: *Expres.* - TDSE, segundo VCM corresponde a expressão enérgica de desdém ou de nojo. Ex; “*Axi! Tu estas todo sujo de lama*”. Segundo DMMLP e DHLP corresponde a interjeição da região amazônica que exprime repugnância, tédio, espanto, desdém ou mofa.

Bubuia: v. in.: ação de flutuar na água; termo usado para as bóias presas às redes de pesca. Empregado tanto para o utensílio de pesca, como para o pescador. Empregado, também, atualmente na região de Curuçá, para designar atitude de indolência de alguém, exemplo: *ficar de bubuia*. (sem nada fazer).

Currealista: *s.m* – pessoa que pratica a pesca de curral. TND.

Curuçense – adj. *m+f* – pessoa nascida em Curuçá-Pa. TDSE, segundo DMMLP relativo a Curuçá, cidade e município do Pará.

Pixê ou Pitiú: *s.m* - odor forte de peixe. Em Navarro (2006, p. 355), encontramos o vocábulo Tupi *pyxé*, que significa *queimado*, dessa forma, acreditamos que os vocábulos **pixê** e **pitiú** podem ter alguma relação com o odor desagradável de algo chamuscado, odor forte como o cheiro do peixe.

7 CONCLUSÃO

Como já dissemos inicialmente, o trabalho de investigação do léxico de origem indígena referente à atividade pesqueira na região de Curuçá é um passo importante para que seja reconhecida, analisada e documentada a origem de diversos termos lexicais pertencentes ao universo da pesca, dos rios, e da vida de tantos ribeirinhos da região amazônica.

Nosso *corpus* de pesquisa, descrito anteriormente, é composto de entrevistas, canções do folclore da região e topônimos relativos à pesca; as entrevistas somam um total de, aproximadamente, vinte horas de gravação; foram coletadas, também, dez canções populares e cerca de cinquenta topônimos encontrados na região.

A partir da pesquisa de campo e da observação participante, foi determinada uma amostragem com vinte informantes que receberam nomes fictícios. Os locais das entrevistas variaram de acordo com as situações encontradas e com os tipos de pesca, algumas entrevistas foram realizadas nas residências dos entrevistados, outras nos locais de pesca e outras nos locais de comercialização dos peixes.

Dessa forma, a análise linguística desse *corpus*, apontou-nos que organizá-lo em forma de vocabulário seria uma forma eficiente de apresentar ao leitor os conhecimentos e saberes tradicionais presentes nos vocábulos até então coletados. Visto que, no dizer de Welker (2004, p. 26):

O vocabulário é o particular, o individual e o acessório. Há ainda outra perspectiva, a de “coleção de unidades”, em que o vocabulário se opõe a dicionário e glossário: o dicionário é a recolha ordenada dos vocábulos duma língua, o vocabulário é a recolha de um setor determinado duma língua e o glossário é o vocabulário difícil de um autor, de uma escola ou de uma época.

É nesse sentido que a preferência pela fala rural em vez da urbana, neste trabalho, buscou refletir a percepção das mudanças a que o cotidiano linguístico está exposto e que revelam um contato com outros idiomas cada vez mais intenso, principalmente, nos centros urbanos. A fala rural, já expressando a presença da escola e dos meios de comunicação, será também acrescida de palavras oriundas de outras culturas que não aquelas com as quais forjou uma “matriz” linguística, cujas peculiaridades podem-se ver modificadas aos poucos, juntamente com parte da história e tradições da comunidade.

Por isso, espera-se que as informações geradas a partir desse estudo possam contribuir, ainda que modestamente, para a descrição em maior escala do léxico popular rural do português brasileiro.

Certamente, os conhecimentos apresentados na presente pesquisa indicam saberes de caráter interdisciplinar, úteis para a percepção e reflexão sobre os contextos sociocultural e ambiental para as comunidades que habitam o litoral brasileiro, em particular o litoral amazônico da região de Curuçá, zona costeira do Estado do Pará.

Sendo assim, mais do que nunca, é preciso valorizar as populações detentoras de conhecimentos milenares sobre a floresta. Populações tradicionais que têm formas bem definidas de se relacionar com a natureza, as quais garantem a sua conservação de forma eficaz. Esse fato revela rumos para conservação da biodiversidade, delimitados por mudanças de postura diante das práticas e dos conhecimentos das comunidades locais. Valorizar os saberes tradicionais indica que os caminhos da conservação não estão apenas nas mãos da comunidade científica enquanto detentora de conhecimentos, mas na relação saber científico e saber tradicional.

A relação pesquisa-comunidade não se esgota nas questões aqui apresentadas, pois, pretendemos seguir nossos estudos sobre o referido tema em novas ações que reflitam na vida da comunidade, retribuindo, às populações tradicionais amazônicas, os conhecimentos por nós apreendidos (por meio de promoções de oficinas culturais, publicação de apostilas e informativos que resumam o que discutimos neste estudo feito a partir da contribuição da comunidade local).

Dessa relação ficam algumas lições que valem a pena mencioná-las:

O inequívoco conhecimento que alguns nativos têm de seu meio ambiente e da biodiversidade que manejam. Esse conhecimento equivocado que parte da comunidade apresenta sobre seu próprio ambiente reflete-se na desvalorização que esses habitantes dão a toda riqueza com a qual estão acostumados a conviver. Poucos curuçães sabem que vivem em uma área que representa a segunda maior área contínua de manguezais do mundo, cobrindo uma área de, aproximadamente, 7.000 km² de florestas.

Por não saberem o real valor ecológico de sua região é que a parte da população de Curuçá tem feito uma apropriação de recursos naturais que ameaçam a conservação deste ecossistema único.

Os antigos habitantes lutam para levar a consciência da preservação para as novas gerações, pois, muitos jovens curuçães julgam viverem em um lugar “parado”, tendo como

sonho morar nas grandes cidades. Essa mentalidade reflete a ideologia consumista que é passada pela mídia, que é interpretada pelos jovens como sendo algo de valor a roupa de marca, o carro, o celular e outros produtos que parecem ser opostos ao estilo de vida próprio de quem vive na região.

Hoje, encontramos em Curuçá, a formação de grupos de moradores que lutam pela a manutenção da natureza e pela conscientização sobre o valor do manejo e do tempo da natureza em contraponto ao tempo cronológico da sociedade. Em 2002, foi criada a reserva ecológica “Mãe Grande” que é uma Unidade de Proteção Federal. Desde então, grupos como A Colônia dos pescadores de Curuçá, filiada a Federação de Pescadores do Pará e, também, grupos de pesquisadores do Museu Goeldi e da UFPA, têm organizado ações como a limpeza de áreas de mangue, formação e capacitação de agentes comunitários, etc.

Ações como essas têm favorecido a inserção da comunidade como atores sociais no ser e no devir da natureza e revelam o notável interesse da comunidade na busca de novos conhecimentos para a preservação da fauna e flora.

Durante a realização das entrevistas com pescadores e outros moradores de Curuçá, percebemos que existe um grande interesse desses habitantes sobre questões de gestão ambiental, impactos antrópicos e ecologia local. Durante muitas entrevistas, tivemos a satisfação de orientá-los sobre a riqueza da região onde vivem, sobre a história de seus ancestrais e outras questões que nos fizeram comprometer-nos em transformar nossa pesquisa em cartilhas e livros explicativos para esses moradores que tem o direito de conhecerem sua própria história.

Outra triste situação constatada em nossas entrevistas foi a reclamação da maioria dos entrevistados sobre a omissão do Estado do Pará para a profissão do pescador local. Muitos pescadores nos questionavam:

- Como nós não vamos pescar na época da desova se o governo não dá nenhum benefício pra gente fica nessa época?

O que responder a esses pescadores?

Outros desabafaram suas revoltas contra essa omissão:

- Trabalhei a vida toda e hoje to velho e não tenho nenhuma aposentadoria, por isso, vou morrer pescando, porque se não, morro de fome.

O que dizer a esse velho pescador?

Outros dividiram conosco sua dor de pescador doente:

- Fiquei surdo quando pescava, um peixe timicú furou o meu ouvido, me levaram numa rede pro hospital, fiquei um ano sem pescá, mas tenho que voltá pra maré assim mesmo, porque o governo não que me dá nenhm tostão.

Como não ouvir tantas histórias como essas e não se comover? não se revoltar? não se indignar. É por esses amigos pescadores e tantos outros moradores de Curuçá que realizamos essa pesquisa, não apenas para receber um título, mas para que eles tenham alguma melhoria de vida. Se nosso estudo puder ser um porta voz dessa gente querida para que o Brasil os conheça, os ouça, os veja, teremos cumprido nossa missão.

Sabemos que nossa pesquisa não apresenta o poder de acabar com tantos anos de omissão do Estado sobre o município de Curuçá e tantos outros municípios do Pará, mas, como educadores, buscamos, por meio do conhecimento, mostrar a cada um deles o valor que têm e desejamos abrir uma pequena janela para um futuro em que, cada um deles, busquem essa transformação tão sonhada e merecida.

8. REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. *A produtividade dos sufixos -ISMO e -ISTA no vocabulário político*. In: SEMINÁRIO DO GEL, XIV. Campinas, 1987. *Anais...* Campinas: Unicamp, 1987.

_____. *Glossário dos termos neológicos de economia*. São Paulo: Humanitas, 1998. (Cadernos de Terminologia, 3).

ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins – Projeto ATITO*. (Tese de doutorado). USP. 2006.

AVIZ, A. *A pesca no nordeste paraense: tensões, conflitos e mudanças no município de Curuçá-Pará*. Relatório Final de Pesquisa. Belém: CNPq/MPEG, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética*. São Paulo: Annablume, 2002.

BARBOSA, M. *A Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação*. In: Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia e I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científico. Brasília: IBICT, 1990, p. 153.

BARTHEM, R e GOULDIN, M. *Um Ecossistema Inesperado: A Amazônia revelada pela pesca*. Lima, Peru, Gráfica Biblos, 2007.

BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1993.

BASTOS, M. N. C. *Relatório sobre a visita técnica à Reserva Extrativista Marinha “Mãe Grande” de Curuçá*. Belém, Museu Paraense Emilio Goeldi/Programa de Estudos Costeiros, 2003.

_____. *Alterações ambientais na vegetação litorânea do Nordeste do Pará*. In: Ecossistemas costeiros: impactos e gestão ambiental. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, 2001. p. 29-38.

BENVENISTE, E. *Estrutura da língua e da sociedade*. In: Linguística geral. Campinas: Pontes, 1989.

BORBA, F. da S. *Introdução aos estudos lingüísticos*. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1971.

_____. (2003): *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora da UNESP

BOULANGER, Jean-Claude. Alguns componentes lingüísticos no ensino da terminologia. In: *Ciência da Informação/Terminologia: a disciplina da nova era*. Brasília, v. 24, n. 3, 1995.

BOSI, A. *Cultura brasileira*. 2. Reimpresso. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

BOSI, E. *O tempo vivo na memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 51

BIDERMAN, M. T. C. *O dicionário padrão da língua*. In: Alfa, v. 28/Suplemento, São Paulo: UNESP, 1984.

_____. *A ciência da lexicografia*. Revista ALFA, São Paulo, n. 28, p. 1-24, 1984.

BALL, Christopher. “Fazendo das línguas objetos: línguas em perigo de extinção e diversidade cultural”, *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 2005, n. 32.

CABRÉ, M. T. La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. In: *Ciência da Informação/Terminologia: a disciplina da nova era*. Brasília: v. 24, n. 3, 1995.

CAMPOS, M. D. (2001). *Etnociência ou Etnografia de Saberes, Técnicas e Práticas? Métodos de Coleta e Análise de Dados em Etnobiologia Etnoecologia e Disciplinas Correlatas*. Anais do I Seminário de Etnobiologia e de Etnoecologia do Sudeste, Instituto de Biociência – UNESP – Rio Claro, SP.

CARVALHO LAROCA, M. N. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes, 1994.

CARVALHO, J. G. H. de. *Teoria da linguagem*. Coimbra: Atlântica, 1973. Tomo I.

CINTRA, G. Filologia Bandeirante: registro de entrevistas. In: MEGALE, H. (org.) *Filologia Bandeirante - estudos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000. p. 163.

COSERIU, E. *Lições de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1980.

_____. *Teoria da linguagem e lingüística geral*. Rio de Janeiro: Edusp, 1970.

CLARE, Nícia de Andrade Verdini. *Metodologia de um trabalho lexicográfico*. In: Anais do XIII CNLF, Vol.XIII, nº 04. Rio de Janeiro, 2009.

CRUZ, Aline. *Fonologia e Gramática do Nheengatú: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*. Amsterdam: 2011. 652 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Livre de Amsterdam, Holanda, 2011.

CUNHA, Paulo de Tarso Monteiro. *Curuçá no Passado e Curuçá no Presente*. Belém-PA: Edição do autor, 2007.

DAPENA, J. P. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: ARCO/LIBROS, 2002.

DICK, Maria. Vicentina de Paula do Amaral. *O problema das taxionomias toponímicas: uma introdução metodológica*. In Separata da Revista de Letras. São Paulo, USP, 1975.p. 373-380.

DRUDE, Sebastian. 2006. *On the position of the Awetí language in the Tupí family.*” Em: *Guaraní y "Mawetí-Tupí-Guaraní*. Estudios históricos y descriptivos sobre uma família lingüística de América del Sur, por Wolf Dietrich e Symeonidis Haralambos (orgs.). Berlim & Munique: LITVerlag, 47-68.

_____ 2008. *Nasal harmony in Awetí and the Mawetí-Guaraní family (Tupi)*. Améíndia: revue d'ethnolinguistique améíndienne 32: 239 - 267.

EZQUERRA, M. A. *El trabajo del lexicógrafo*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA DA AMÉRICA LATINA, IX. Campinas, 1990. Anais. Campinas: Unicamp/IEL, 1990. p. 46-63.

FAULSTICH, E. L. de J. Metodologia para projeto terminológico. In: *Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia e I encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica*. Brasília: IBICT, 1990, p. 213.

FELBER, H. (1996) En memòria d'E. Wüster. In: CABRÉ, M. T. *Terminologia -selecció de textos d'E. Wüster* (trad. catalã de Anna C. i Galera e Teresa G. i Morell). Barcelona: Servei de Llengua Catalana - Universitat de Barcelona, p.17-29.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, M. S. de C. *Estrutura e Formação de Palavras: teoria e prática*. São Paulo: Atual, 1998.

FIGUEIREDO, E. Moura. *Uma estrada na reserva: impactos sócio-ambientais da PA-136 em Mãe Grande, Curuçá (PA)*. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) Curso de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Pará/Museu Paraense Emilio Goeldi/Embrapa, Belém, 2007.

_____. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina . In: *Ciência da Informação/Terminologia: a disciplina da nova era*. Brasília, v. 24, n. 3, 1995.

FUNAI < <http://www.funai.org.br> > Pesquisado em fevereiro. 2011.

FURTADO, L. G. et al. *Projeto Oficinas de Extensão e Capacitação na Reserva Extrativista Mãe Grande, por uma Gestão Solidária/RENAS-Fase III*. Belém: Museu Goeldi/Projeto RENAS, 2005.

_____. *Diagnóstico etno-ecológico da Reserva Extrativista Marinha Mãe Grande - Curuçá, Zona do Salgado-Pará. Relatório de Pesquisa*. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, 2003a.

_____ *Dinâmicas sociais e conflitos da pesca na Amazônia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003b.

_____ *Pescadores do Rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica*. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, 1993.

_____ *Comunidades tradicionais: sobrevivência e preservação ambiental*. In: D’Incao, M. A.; SILVEIRA, I. M. *Amazônia e a crise da modernização*. Belém: Museu Goeldi, 1994. p.67-74.

_____ *Problemas ambientais e pesca tradicional na qualidade de vida na Amazônia*. In: FURTADO, L. G. (org.). *Amazônia, desenvolvimento, sócioidiversidade e qualidade de vida*. Belém: NUMA/UFPa, 1997. P. 146-165.

_____ *Populações tradicionais litorâneas: conceito, apropriação e uso dos territórios & conflitos sociais*. In: *Anais do VI Workshop ECOLAB*. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, 2002. CD-ROM.

FRANCHETTO, Bruna. "Línguas ‘em perigo’ e línguas como patrimônio imaterial: duas idéias em discussão". *Revista do Patrimônio: Patrimônio Imaterial e Biodiversidade*. Manuela Carneiro da Cunha (org.). no 32/2005 (182-205) .Brasília: IPHAN/MINC.

FRAGOSO, H. *A Era Missionária (1686-1759)*. In: Hoornaert, Eduardo. *História da Igreja na Amazônia*. Vozes/CEHILA. Petrópolis, 1992.

FREIRE, J. R. B. *Línguas em contato na Amazônia: as línguas indígenas, o nheengatu e o português*. In: BARRETO, M. e A.C. P. SALGADO *Sociolinguística no Brasil-uma contribuição dos estudos sobre línguas e/de contato – Homenagem ao Prof. Jürgen Heye*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

FRÜBEL, Auri Claudionei Matos. *Glossário de neologismos terminológicos da saúde humana: uma contribuição para a descrição do léxico corrente do português do Brasil*. 227 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2006.

GALVÃO, E. *Santos e Visagens*. São Paulo: Emp. Gráfica da Revista dos Tribunais, 1955.

GENOVRIER, E. PEYTARD, J. *Linguística e ensino de português*. Coimbra:Almedina, 1983.

GIARRIZZO, T. *Importance of Mangroves for Fish: bases for the conservation and sustainable management of mangrove ecosystems in North Brazil*. 2007. 204 f. Tese (Doutorado em Ciências Naturais) – Universidade de Bremen.

GONÇALVES, Maria Filomena (2007): *As variedades dialectais no Vocabulário Portuguez e Latino (1712-1728) de D. Rafael Bluteau*. In: Actas del VI Congreso de Linguística General, III (Linguística y variación de las lenguas). Madrid: Arco/Libros, 2887-2897.

_____ (2007): *A marca lexicográfica “termo do Brasil” no Vocabulário Portuguez e Latino de D. Rafael Bluteau*. In: Alfa. São Paulo, 50 (2) – Homenagem a Maria Teresa Biderman, pp.205-228.

GUSMÃO, A. E. *As Figurativizações da Fé em O Discurso da Corda, de Benedicto Monteiro*. Dissertação de Mestrado em Linguística-UNIFRAN/Franca, 2008.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

IBGE. Censo demográfico < <http://www.ibge.gov.br> > Pesquisado em jun. 2010.

LAFACE, A. *et al. Estudos Linguísticos e Ensino de Línguas*. São Paulo: Arte e Ciência, 2006.

LE GOFF, J. *Memória*. In *História e memória*. 5. Ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003, p.419-476.

LOPES, E. *Fundamentos de linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1985.

LOUREIRO, Paes. *Cultura Amazônica uma poética do imaginário*. Belém: CEJUP, 1995.

MÁCOLA, G e ROBRINI, M. *Ilha dos Guarás (Mariteua) - Município de Curuçá - Pa: aspectos físicos, meteorológicos. & oceanográficos*. In: Cartografia, Hidrografia e Digitalização & Grupo de Estudos Marinhos e Costeiros. Ed. Companhia Docas do Pará – CDP, Belém-Pa, 2004.

MARCUSHI, Luiz Antônio. *O que é língua falada e qual a sua gramática? Desfazendo alguns equívocos*. In: Congresso Internacional de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: 2004.

MACEDO, M. de Nazaré Guimarães. *A caminhada da Catequese na Paróquia de N^{ra} S^{ra} do Rosário, de Curuçá-Pa-Br*. Trabalho de conclusão da graduação do curso de Educação religiosa – UFPA, 1988.

MENDONÇA, M. C. *A Amazônia na Era Pombalina: Correspondência do governador e capitão-general do Estado do Grão Pará e Maranhão Francisco Xavier de Mendonça Furtado - 1751-1759. 2º Tomo*. Coletado no Arquivo Público de Belém-Pará em janeiro de 2010.

MELLO, Paulo Thiago de. *Viagem Amazônica/Os índios Maués*. In: Ecologia e Desenvolvimento. Ed. Terceiro Mundo Ltda. Rio de Janeiro, 1995.

MIRANDA, Vicente Chermont de. *Glossário Paraense. Coleção de vocábulos peculiares à Amazônia*. UFPA. Belém, 1968.

MORAIS, Pe. José de. *História da Companhia de Jesus na extinta Província do Maranhão e Pará*. Publicada por Cândido Mendes de Almeida. Typographia do Commercio. Rio, 1860.

MORIN, E. *La Méthode I, La Nature de La Nature*. Paris, Seuil. 1977.

MOORE, Denny, FACUNDES, S. e PIRES, Nádia. *Nheengatu (Língua Geral Amazônica), its history, and the effects of language contact*. IN: M. Langdon (Ed): *Proceedings of the Meeting of the Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas*. Berkeley, July 2-4, 1993, pp. 93-118.

MUNIZ, P. *Colonização e imigração no estado do Pará (1616-1916)*. Belém, 1917.

NAVARRO, E. A. *Dicionário de Tupi Antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. (Tese de Livre-docência). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de São Paulo – USP. São Paulo, 2006.

PAULA, Maria Helena de (2007). *Rastros de velhos falares – léxico e cultura no vernáculo catalano*. (Tese) - Doutorado em lingüística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

QUEIXALOS, F e LESCURE, R. *As Línguas Amazônicas Hoje*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000.

RAZKY, Abdelhak. *O Atlas Geo-sociolingüístico do Pará: abordagem metodológica*. In: *A Geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998.

RODRIGUES, Aryon D. 1953. *Morfologia do verbo Tupi*. Letras, Curitiba (Tupinambá).

_____. 1958. *Classification of Tupi-Guaraní*. International Journal of American Linguistics.

RONDEAU, G. *Introduction à la terminologie*. Québec, Gaetan Morin, 1984.

SAPIR, E. *Lingüística como ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1975.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. 5. ed. corrigida e aumentada. São Paulo: E. Nacional, 1987.

_____. *Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX e os processos da ethnographia indígena no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria J. Leite, 1915.

ESPÍRITO SANTO, R. V e ISAAC, V. J. *Peixes e camarões do litoral bragantino*, Pa-Br. Belém: MADAM, 2005.

SCHANK, G. e SCHWITALLA, J. 1980. *Gesprochene Sprache und Gesprächsanalyse*. In: H. P. ALTHAUS; H. HENNE e H. E. WIEGAND. *Lexikon der Germanistischen Linguistik*. 2a ed., Tübingen, Max Niemeyer, v. 2, p. 313- 322.

UNESCO. *Convenção para a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural*. Paris, 17.out.-21.nov.1972. p. 1-3. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000114.pdf>>. Acesso em: 15.maio.11.

_____. *Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial*. Paris, 17.out.2003. Tradução portuguesa. Disponível em: <<http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PTPortugal-PDF.pdf>>. Acesso em: 15.maio.11.

VILELA, M. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Almedina, 1979.

WELKER, H. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*: Brasília: Thesaurus, 2004.

9. ANEXOS

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM OS PESCADORES DE CURUÇÁ-PA.

1ª ENTREVISTA.

**Transcrição da entrevista com os pescadores João e Joana: Curuçá-PA.
20 de dezembro de 2008. Realizada na residência dos entrevistados.**

ELIS: Oi Dona Joana e Seu João. Primeiro eu quero agradecer por vocês me receberem aqui na casa de vocês pra me ajudar nesse trabalho sobre Curuçá. Eu posso gravar a nossa conversa?

JOANA E JÃO: Pode sim.

Elis: Eu vou gravar porque depois eu não vou me lembrar de tudo o que a gente conversar, então eu vou gravar. Eu queria que a senhora falasse tudo que vocês sabem e lembram sobre a atividade da pesca, sabe Seu João e Dona Joana. O nome dos peixes que vocês mais costumam pescar, os instrumentos que vocês usam, como a tarrafa esse que vocês estão fazendo agora. Quanto tempo vocês demoram para pescar, por exemplo: se vocês pescam mais à noite, porque tem muito pescador que fica a madrugada inteira pescando, né?.

Joana: Tem vez que a gente vai, aí a maré ta boa pra pescar à noite, é mais pra alvorada, tem vez que a gente sai pra pescar aí a água ta muito clara, aí a gente não pesca de dia, pesca à noite.

Elis: Por que? porque quando a água ta clara pode prejudicar a pesca?

Joana: não, é porque aí o peixe vê a rede.

João: é pros peixes não verem a rede.

Elis: Ah! À noite disfarça mais.

João: É o horário da pescaria, entendeu como é?. Porque o horário da pescaria o pessoal falam que o peixe pode cair mais na rede e o horário impróprio não pega muito peixe, a gente pega a rede e o peixe recua e à noite o peixe não foge muito à noite se a lua ta muito clara.

Joana: quando é noite de luar... se não for noite de luar é bom a gente pescar à noite.

Elis: Será que a lua tem a ver também, por exemplo, quando a lua tá muito cheia.... vocês pegam mais peixes?

Joana: Não, não a lua cheia não é muito boa pra pescar.

João: Não, a lua cheia é ruim pro pescador porcause que a maré corre muito, a maré corre muito e já não dá pra gente *butar* a rede. Quando a maré ta baxiiinha.e já ta passado do horário, a gente vai *buta* a rede assim, fica ruim, é melhor pescar então quando ta de dia porque a água é suja e engana bem o peixe.

Elis: aí disfarça pro peixe não vê a rede.

João: é, disfarça pro peixe, depende muito do horário.

Elis: as fazes da lua influenciam também na pesca? Conforme a lua assim, vocês podem me explicar?

João: influência, influência, a lua, conforme a lua, é o seguinte, quando ela ta assim de lua a maré ta no início pra gente pescar dentro de rio e é ruim, e se a gente quiser pescar mais peixe tem que ir mais fora se quiser pescar um peixe melhor.

Elis: Na maré.

João: Sim, na maré e aí não dá, porque tem as pedras e o pau e rasga a rede e a maré corre muito e aí não dá pra pescar. Fora, na praia, dá pra pescar melhor porque é livre.

Elis: Por exemplo, Dona Joana e Seu João, têm a lua cheia, a lua nova a lua...

Dona Joana: quarto crescente.

Elis: É, então, conforme essas suas como é a pesca de vocês?

Joana: A gente pesca conforme a lua, aí faz a pescaria, por exemplo, quando *a maré ta de lanço*, eles diz que a maré ta de lanço porque é *maré grande*, lua cheia constantemente é lanço.

João: É lanço...

Joana: Então a maré corre muito, então a gente tem que deixar ela vazar, ficar baixa pra gente *puder*

Elis: E quando ela vaza já é outra lua?

Joana: Não, não. Quando ela vaza a maré abaixa.

João: Quando ela vaza é vazante, e fica baixa a maré e aí ta calma a maré.

Joana e João falam ao mesmo tempo da maré vazante, é um momento em que se percebe o envolvimento do casal em relação as características da maré, um elemento simbólico para os habitantes da cidade de Curuçá.

Joana: Não vê que ela enche e vaza? aí quando é mais tarde ela enche de novo? Pois é a gente deixa ela vaza, quando ela baixa, ai a gente vai *redar* porque a gente não bota a rede quando ta a

maré correndo muito, a não ser que a gente vai também arrastar, *bubuia*. Se quiser pescar de *bubuia* e tiver bastante peixe, coloca a rede, camarão grande de *bubuia* que aí ela leva e a gente pega peixe.

Elis: De *bubuia* vocês saem da canoa e ficam na maré?

Joana: Não, a gente bota a rede e fica na canoa, a gente vai levando, a maré vai levando a rede e gente vai seguro nela.

Elis: Dentro da canoa?

Joana: Dentro da canoa.

Elis: Eu não entendi o que é *bubuia*...

Joana: A gente coloca a rede, começa a coloca lá...

Joana e João falam ao mesmo tempo tentando explicar o que é ficar de bubuia.

João: A gente coloca a rede e ela fica na água, ela não funda... Porque quando a maré ta alta não dá pra fazer isso porque ela (a rede) rasga.

Joana: É, rasga...

João: Quando a gente ta de *bubuia*, a rede ta com as boinhas, e aí atravessar ela (a rede) e amarra na canoa aqui (*mostrando uma rede que ele e Dona Joana estavam tecendo*). E aí a gente fica dentro da canoa, e vai levando... Vai embora, até terminar de pescar.

Elis: Hum...

Joana: Tendo bastante peixe...

João: É assim,

Joana: Mas quando ta devagar de peixe, tem pouco peixe... Aí não dá *na bubuia*, a gente tem que deixar a maré vazar, e aí constantemente uma pescaria dessas a gente deixa a maré vazar é melhor de morta, quando é lua minguante, que a maré é de morta. É quarto crescente que ela é *de morta*. Ela (maré) não cresce, ela (maré) não fica grandona, ela (maré) não corre muito. Quer dizer que quando ela baixa, aí a gente pega o peixe melhor porque ela não corre muito. Quando é *de lanço*, *maré grande*, aí a maré leva o peixe.

Elis: Hummm!

Joana: A maré vaza aí ele (peixe) vai embora junto. Porcause que a maré de lanço, ela arrasta muito o fundo, aonde tiver fundo, o peixe vai junto. Quer dizer que a gente não vamos pegar, não adianta aprofundar a rede ali *no lanço* que não tem peixe, ai, ai... por isso que a gente pega mais quando *a maré ta de morta*

Elis: A senhora começou a pescar quando Dona Joana?

Joana: Assim uns vinte anos pra trás.

Elis: há já faz muito tempo que a senhora pesca, né?.

Joana: é... tem.

Elis: E mesmo a senhora sendo mulher, tem muitas outras mulheres que pescam?.

Joana: Bastante.

João: Tem muita mulher agora.

Joana: Ichi, tem até, tem até... não digo assim... que eu não sei expressar.

Elis: Eu não sabia.

Joana: Eu vou com ele (Seu João) até lá no rio, até lá fora (fora da cidade de Curuçá) com ele (João) perto do canal de navio eu vou com ele (João), agora tem várias mulher que pesca aí, mas muitas delas ainda não foi.

Elis: Aí vocês vão de canoa? Como é que vocês fazem, por exemplo, vocês entram aqui (*a casa deles fica perto da maré, eu aponteí naquela direção*) de canoa, ou como é que é, me explica.

Joana: Eu vou de barco.

JOANA E JOÃO: Tudo bem, mas o teu trabalho vai falar sobre o que mesmo?

Elis: Vou pesquisar sobre a origem do município, lá onde começou, não foi na margem do rio Cumandeteua?

Joana: Sabe o Cumandeteua João? Pra ir assim, aí tem até ouro cerrado pelas beiradas. Tem ouro porque os padres Jesuítas foram pra lá, e vinha até os piratas atrás desse ouro.

Elis: Eu sei que eu falei com o seu Tácio, ele escreveu um livro que fala disso, e esse senhor já tem quase 100 anos. E ele conheceu o meu bisavô, e ele falou que o meu bisavô morava perto do rio Cumandeteu. Morava lá, ele cuidava de uma roça lá, ele era roceiro. E de lá que veio a minha família e eu pensei que lá que tinha essa tribo de índio, então não era, a senhora que me deu a informação.

Joana: é por isso que dizem “índios andirás”, é porque é de lá. Os jesuítas desembarcaram ali (Cumandeteua) e ficaram enterrando uns negócios de uns ouros, eles enterravam porque se os piratas vinham, aí eles matavam eles. Tinham uns piratas nessa época, eles vinham e se eles não enterrassem eles tomavam tudo o que eles traziam.

Elis: poxa, mas porque que hoje em dia não tem mais nada lá, né?

Joana: E aí tem gente que diz que achou já, e tem gente que diz que tem (ouro) ainda. Mas essa turma de hoje, eles não ligam mas pra nada, inclusive eles não acreditam.

Elis: Dona Joana agora lá está só mato?

Joana: É, ta só mata. Inclusive essa terra agora é da prefeitura. E eles não deixam cortar nada lá. Se não o pessoal já tinha acabado tudo pra fazer carvão.

Elis: e se eu quiser ir amanhã lá eu posso conseguir autorização pelo menos pra eu entrar?

Joana: Não, é mata, mas não é mata fechada. Tem o caminho aí pra andar. Os pessoal entra pela mata, pegam pau pra fazer negócio de casa, se a prefeitura não tivesse encima, já estava desabado. Essa parte assim onde está um lugar até onde caiu um negócio de um pau, que até já foram na prefeitura e disseram que pode tirar, então lá, o pau caiu pra esse lado. Mas esse lado daqui, andando lá, ainda tem negócio de planta. Tem Tajá, sabe João aqueles Tajás? Espada de São Jorge. Eles plantavam que só. O pessoal plantavam, tem essas mulher que gostam de plantar.

Elis: E a prefeitura tomou tudo?

Joana: Não, agora não é, tomou... Assim, quer dizer, já que os pessoal saíram tudinho aí passou pra mão da prefeitura, também se não tivesse o pessoal já tinham acabado tudinho, derrubado tudo, acabado até o rio (Cumandeteua).

Elis: Dona Joana e Seu João, eu posso tirar uma foto de vocês?

Joana: Pode sim.

Elis: Obrigada, depois vamos ver como ficou a foto.

2º ENTREVISTA - 2009– Abade-Curuçá.

Duração da entrevista: 11 min.

Local: Praia do Abade, em frente ao barco do pescador.

Elis: Nós estamos aqui no Abade, município Curuçá. Hoje é dia 14 de 01 de 10, vamos entrevistar o seu José Ribamar. Qual a sua idade?

J.R: Eu tenho 33 anos.

Elis: O senhor é daqui de Curuçá?

J.R: Sou nascido e criado aqui.

Elis: Quem foi que lhe ensinou a pescar, quem lhe ensinou a sua profissão?

J.R: Eu aprendi com meu avô, meu pai e meus tios, aprendi com eles.

Elis: Onde o senhor costuma pescar, qual o lugar que o senhor mais pesca? Maré? Rio?

J.R: Eu pescos mais na maré.

Elis: Qual o tipo de peixe que o senhor mais tem pescado?

J.R: os tipos de peixe? Eu pesco mais **peixe-serra; gó, charel**, mas eu pesco mais é **peixe-serra**.

Elis: **Peixe-serra**, ele é um peixe de água doce ou salgada?

J.R: Ele é peixe de água salgada ele.

Elis: É peixe de pele?

J.R: Ele tem escama ele é peixe de escama.

Elis: E qual é o peixe mais procurado e consumido aqui?

J. R: Todos os peixes são procurados aqui, é o **peixe-serra, bandeirada, charel, uritinga, chova, gó**.

Elis: Tem algum peixe que não é mais encontrado aqui, que existia antes e agora não tem mais?

J.R: O peixe que ta sumindo mais aqui é a **tainha**.

Elis: É só a tainha ou o senhor lembra de algum outro peixe?

J.R: **a pescada** também deu uma boa sumida, **charel, a gó** também ta sumindo.

Elis: Tem diferença dos peixes de água doce pros peixes de água salgada?

J.R: A diferença é a pescaria, o gosto dele é diferente, tem muita diferença aí.

Elis: Até a pesca de água doce é diferente da pesca da água salgada?

J.R: É sim.

Elis: Quais são os principais peixes de água doce?

J.R: Peixe de água doce ta difícil aqui pra nós.

Elis: E os de água salgada?

J.R: Os de água salgada são os que eu falei ainda agora: **serra, charel, pescada, corvina, tainha**, são esses aí.

Elis: Quais os principais instrumentos de pesca, os materiais que o senhor usa pra pescar?

J.R: **Rede, barco, isca**, isso aí (o pescador aponta para os instrumentos ao seu lado).

Elis: O senhor tem a sua própria canoa pra pescar?

J.R: Tenho, eu tenho esse barco aí. (o pescador aponta para o barco).

Elis: Quais os nomes dos lugares que o senhor pesca?(rios, praias)

J.R: Eu pesco aqui na **praia do Espardarte, Salinas, Bragança**, por aí tudo a gente anda.

Elis: E Igarapé, o senhor costuma pescar em igarapé?

J.R: Igarapé eu não pesco não.

Elis: É mais nas praias.

J.R: É mais pra fora aí.

Elis: Qual é o lugar que o senhor mais tem pescado mesmo?

J. R: Aqui na **praia do Espardarte, na praia da Romana**.

Elis: E qual o melhor tempo que o senhor acha pra pescar, que dá mais peixe?

J.R: É ruim esse mês agora de janeiro, fevereiro, só começa a melhorar lá pro mês de maio, em diante, junho.

Elis: Por que o senhor acha que é ruim esse tempo agora pra pescar?

J.R: Porque o peixe agora esses tempos ele desce, aí a partir de junho ele começa a subi porque quando ele sobe fica melhor pra pescar.

Elis: Porque também ta mais alta a maré... Tem alguma época pro senhor que é ruim pra pescar?

J.R: Esse mês agora (janeiro) é meio ruim pra pescar, fevereiro, março, até abril é ruim.

Elis: Por que o mês de abril.

J.R: Porque a água doce vem pra cá esses tempos e o peixe vai embora lá pra baixo, aí pro Maranhão.

Elis: Ah... Ta! Então muda a água?

J.R: É, muda a água e o peixe é salgado, ele não gosta, ele vai embora, ele tem que ir de Bragança-Pa, pra lá.

Elis: Aí tem que ir pra mais longe pra poder pescar?

J.R: É... e a gente tem que ir pra lá. Sábado eu já vou pra lá, porque o peixe já ta devagar aqui.

Elis: Vocês têm que ir pra mais longe.

J.R: Aí quando chega junho o peixe vem subindo pra cá de novo.

Elis: Como é que o senhor vende o seu peixe? E na feira? Na casa das pessoas? Onde é que o senhor vende o seu peixe?

J.R: Eu vendo aí perto do mercado aí, no mercado mesmo.

Elis: Mas o senhor vende pros comerciantes, pros atravessadores?

J.R: Eu vendo pro rapaz que é um comerciante, ele leva pra Castanhal. Ele deixa um pouco aí e leva um pouco pra lá.

Elis: A ta, entendi. Eu já perguntei e o senhor disse que tem o seu próprio barco, né? E o senhor pesca sozinho ou pesca com mais alguém?

J.R: Nós somos cinco, esses aí pescam comigo (o pescador aponta alguns homens que estavam costurando a rede em frente ao barco).

Elis: Ah... ta! E como está a pesca aqui hoje? O senhor acha que a pesca está melhor do que era antes?

J.R: Ta mais difícil agora.

Elis: Por quê?

J.R: Antes era melhor porque tinha mais peixes.

Elis: Hum, hoje o peixe ta mais difícil.

J.R: Ta mais difícil.

Elis: Mais o senhor acha que está diminuindo o peixe por quê?

J.R: Não tem peixe porque tem muita rede, né? Antigamente não tinha essas redes, não tinha tanto pescador, agora já tem muita rede.

Elis: Também já tem muito pescador agora, né?

J.R: Tem muito pescador.

Elis: O senhor acha que também foi por causa da poluição que diminuiu o peixe?

J.R: Os pescadores dessa forma ai, o que eles não catam eles estragam, jogam fora.

Elis: Eles têm um barco maior?

J.R: Nós pesca com quase 1.000 Mil metro de rede eles pescam co 15.000 Mil.

Elis: É ... Realmente, é difícil.

J.R: E nós não estraga nada, né? O que nós pega tudo nós trás, mas eles não, só pegam os melhor, os peixes caem na rede e morrem tudo, peixe graúdo, peixe pequeno, morrem tudo.

Elis: Eles acabam matando também os filhotes, não respeitam.

J.R: É, matam os miúdos, como eles vão poder crescer, pra vir di novo, né?

Elis: Fora a poluição que eles jogam no rio que o peixe come aquilo e acaba morrendo também, né?

J.R: Acaba mesmo, é o que ta acontecendo aqui.

Elis: Então antigamente era bem melhor?

J.R: Olha, antes a gente pescava era bem ali e trazia 200, 300 pescado (o pescador aponta pra maré), agora a gente passa é bem oito dia no mar pra poder pescar 20, 30 pescado.

Elis: Diminuiu muito, né?

J.R: Bastante, viu?

Elis: Eu quero fazer agora não é bem uma pergunta, eu quero saber qual foi o momento na sua vida de pescador que foi mais importante pro senhor, uma história interessante que aconteceu durante a sua pesca.

J.R: O que eu me alembro que eu mais gostei nessa minha vida de pescador foi quando eu tava no meu barco e eu joguei a rede e só numa *redada* eu enchi o meu barco e vim embora. Foi uma coisa que eu nunca me esqueço disso.

Elis: Quando foi que aconteceu isso?

J.R: Hi... já faz uns 20 anos atrás, isso aí, ainda tinha muito peixe.

Elis: Só numa jogada...

J.R: Só numa puxada nós *enchemo* o barco e deu mais de três toneladas, aí nós *viemo* embora.

Ainda aconteceu isso umas duas ou três vezes isso.

Elis: Chegou, vendeu tudo e pronto, acabou, né?

J.R: Agora não, a gente passa é uns 12 dia e num passa nem de 200 Kg, rrrs.

Elis: É... como mudou as coisas, né?

J.R: Mudou muito sim.

Elis: O senhor tem idéia de onde vem os nomes desses peixes?

J.R: Olha, eu não tenho nem idéia de onde vem os nomes desses peixes não.

Elis: Mais o senhor sabe que já é muito antigo, né?

J.R: Olha, são antigo issos aí sim, vem do mar.

Elis: Muito obrigada. Agora, se o senhor permitir eu posso filmar e fotografar o senhor fazendo a sua rede?

J.R: Pode, pode sim.

Elis: Obrigada, ta.

3º Entrevista – Ilha do Mutucal.

Duração da entrevista: 14min e 50 seg.

Local: residência do pescador.

1º Elis: Qual o seu nome e a sua idade?

Afonso, minha idade é 40 anos e meu nome é Afonso José Monteiro.

2º Elis: O senhor e daqui de Curuçá?

A: Sou nascido e criado aqui, vivo aqui há 40 anos que é a minha idade.

3º Elis: Quanto tempo o senhor é pescador?

A: Pescador eu sou faz 15 anos.

4º Elis: Quem foi que ensinou a sua profissão?

A: Foi por conta própria olhando meus irmãos, meus pais e aí eu dei continuidade.

5º Elis: Foi a sua própria família?

A: Com certeza.

6º Elis: Qual é o tipo de peixe que o senhor tem mais pescado ultimamente?

A: Agora no momento é **uritinga, gurijuba, a corvina** e a **pescada amarela** também, que é os peixes que ta mais agora no verão é quando dá mais essas quatro qualidade de peixes que dá mais.

7º Elis: Qual o peixe mais consumido aqui na região?

A: Aqui ninguém tem muita opção agora (verão), agora nessa época qual chegar a gente a gente vende e o pessoal consome, mas de preferência pro pessoal é a **corvina**.

8º Elis: É um peixe de água doce ou salgada?

A: De água salgada.

9º Elis: Ele é de escama? De pele?

A: A **corvina** é de escama.

10° E: Tem algum peixe que não está mais sendo encontrado, que está sumindo?

A: Com certeza, é um peixe conhecido como **pescadinha**, é a **gó**, esse a gente não encontra mais. Inclusive ontem, ta na época do **gó**, eu encontrei só três lá no curral. Num é mais como a gente pegava antes, que a gente pegava 100 – 150 kg, hoje a gente pega 3 – 4 peixe, esse peixe aí ta em extinção hoje pra nós, não tem mais.

11° E: Por que o senhor acha que a **gó** está sumindo?

A: Pelo o que eu sei é que essas redes de arrastão... porque o curral não espanta o peixe, o curral nunca vai buscar lá... 300 – 400 metros – 10 mil metros de distâncias, ele só fica localizado ali, e a rede não, ela tem como movimentar, então é isso que a gente acha que ta acabando o peixe **gó** aqui no nosso município, com certeza é a rede de arrastão.

12° E: O senhor acha que tem alguma diferença entre os peixes de água doce e de água salgada?

A: tem diferença sim, é porque são dois períodos aqui pra nós, tem o inverno e o verão. Quer dizer que chegando agora o inverno vem chegar o peixe de água doce pra nós aqui, que é a **dourada**, **piramutaba**, a **pescada amarela** que não é muito de água doce nem de água salgada é dum tipo de água temperada, água salubre que a gente chama. Então tem uma diferença sim, porque agora no momento não tem pescada amarela, a dourada ta pouca ainda, daqui um mês a gente consegue, e a **piramutaba** também, então a diferença é de água, não é nem dos peixes.

13° E: conforme a estação a água vai mudando e vêm outros peixes, é isso?

A: vem outra qualidade de peixe pra gente aí.

14° E: E quais são os principais peixes de água salgada? Pra gente fazer a diferença dos de água doce e dos de água salgada. Vamos falar primeiro os de água doce e depois os de água salgada, ta bom?

A: Olha, a **pescada amarela** ela tem a de água salgada-super salgada e de água temperada também, é um tipo de pescada de 10 – 12 kg, agora esse peixe que vem de água doce, água temperada, ela vem de 5-6 kg, são outros tipos de peixe, são mais pequenos, agora no momento o peixe de **água salgada** mesmo é a **pescada amarela**, é a **corvina**, a **uritinga**, é o **bandeirado**, o **charel**, são essas qualidades de peixe que dá no verão.

15° E: Entendi então o senhor acha que ta dando mais é o peixe de água salgada mesmo?

A: são os de água salgada.

16° E: e os de água doce.

A: vem mais pra fevereiro, começa a chegar.

17° E: Qual é assim os que não tem mais nesse momento (inverno), quais são os nomes do de água doce?

A: Geralmente tem só duas qualidades que chega pra nós aqui, é a **dourada** e a **piramutaba**.

18° E: Quais os nomes dos seus materiais de pesca, os instrumentos que o senhor usa pra pescar?

A: Aqui o instrumento de pesca nosso é o **curral**, só que nesse tipo de curral a gente pega vários tipos de madeira, é o **bambu**, tem um talo que a gente chama de talo magro, é o braço de **najazeira**, que é um produto que a gente tem aqui, madeira grossa que é o chamado **mourão**, outro mais leve que é o **sentatu**, é o **bambu**, **vara**, **mourão** e **sentatu**.

19° E: O senhor tem que ir fazer o seu curral, como é que o senhor vai pra lá?

A: Eu vou com o meu próprio barco mesmo.

20° E: O senhor pesca sozinho ou com outras pessoas?

A: Eu tenho dois rapazes que trabalha comigo, dono mesmo sou eu, mas tem um rapaz que trabalha comigo.

21° E: Qual a época ruim pra pescar?

A: A época que ta mais difícil pra gente aqui são dois meses, é outubro e novembro.

22° E: Por quê?

A: Por que o mar fica muito agitado e quebra o material de trabalho da gente, como o curral, essa época, assim é impossível trabalhar, até mesmo, até mesmo pra gente ir na praia é difícil a maresia são muito forte.

23° E: Acaba tendo pouco peixe.

A: Pouco peixe e a gente não consegue montar o curral porque acaba tendo prejuízo, tem que deixar passar como ta uma época dessa (janeiro) que o vento ta mais calmo.

24° E: O senhor acha que tem algum peixe ruim pra quem ta doente, pra quem teve filho? Proibido pra quem ta com problema de saúde?

A: São os peixes remosos, mas aqui o único peixe remoso dá no igarapé, nesse igarapé daqui, chama-se *tacariuna*.

25° E: *Tacariuna*?

A: Porque o povo fala que o peixe de pele, de esporão, ele sempre é remoso, mas pra mim tanto faz, eu acho que não existe isso aí não.

26° E: Esse que o senhor falou o nome (tacariuna), esse o senhor não trabalha?

A: Esse eu não pego porque ele mais de igarapé, é difícil pegar no curral

27° E: Como o senhor vende o seu peixe, o senhor pesca e depois como o senhor faz pra vender, pra comercializar?

A: No momento eu to comercializando por aqui mesmo porque a gente ta pegando pouco agora e a população aqui (Mutucal) é muito grande e eu sou o único no momento que tem curral então não tem como eu atravessar aí, mas na safra a gente o atravessador que é o marreteiro. A gente pega o peixe, pesa tudo e passa pro barco dele, do atravessador.

28° E: Tem algum preço que o senhor já estipulou pros seus peixes? De acordo com a qualidade? Do tipo?

A: tem.

29° E: O senhor podia falar assim, peixe tal custa tal.

A: A **pescada amarela** a gente ta passando ela a R\$ 6.00 o kg, a **corvina e a uritinga** R\$ 3.00, outro peixe que ta dando no verão é o **carachu** também é R\$ 3.00 o Kg. Esses daí é no momento que ta dando esses peixes, agora na safra ele chega os dois peixes que ele falei a **piramutaba** ela chega a R\$ 2.00 e a **dourada** tem classificação, ela tem pequena, média e grande, a pequena chega a R\$ 2.00, a média chega a R\$ 2.50 e a grande a R\$ 4.00 o Kg.

29° E: Como está a pesca hoje para o que foi ontem, melhorou, piorou?

A: Não, melhorar não melhorou não, é como eu te falei antes, talvez fosse mais fácil porque as pessoas mais idosas tinha mais vontade de trabalhar e hoje é raro a gente achar uma pessoa que queira trabalhar junto com a gente assim, não junto, mas compartilhando no momento de verão porque é muito quente e os barcos são mais pequenos e pra ir pra praia precisa de uma canoa bem possante pra agüentar a maresia e ter coragem também então é por isso que hoje a pesca ta ruim, não está boa por causa dos outros pescadores que eles abandonam o trabalho no verão.

30° E: Por que é um trabalho cansativo?

A: É um trabalho cansativo sim, é como o pessoal diz aí, o que ganha na safra consome no verão. Eu não, eu vivo desse trabalho, não posso parar.

31° E: É o sustento da sua família.

A: É o sustento mesmo, eles querem um peixe fresquinho, na hora e tem.

32° E: A última pergunta que eu vou lhe fazer não é nem uma pergunta, é um “causo” que o senhor achou mais interessante na sua vida de pescador.

A: Até hoje eu tenho uma lição de vida muito forte através da pesca, inclusive foi em 2009, (ano passado), foi um super ano pra mim eu nunca tinha conseguido o tanto que eu consegui em 2009.

Foi essa casa que eu mandei fazer, mandei construir, foi o meu barco bonito, grande que eu tenho, eu tava com um problema com a minha família e eu resolvi, foi um ano super bom, né?. Eu consegui muito, comprei um carrinho que eu tenho. Então pra mim não tem como esquecer.

33° E: Só com a pesca? Foi um ano de fartura?

A: Foi, eu consegui o equivalente a R\$ 85.000 numa safra, então pra mim é difícil esquecer.

E: Tomará que melhore cada vez mais, eu agradeço, são só essas perguntas e eu queria pedir a sua autorização pra tirar uma foto sua e da sua família. Assim que a pesquisa tiver pronta eu quero deixar um exemplar pra vocês aqui. Muito obrigada o senhor me recebeu aqui na sua casa com a sua esposa. Obrigada mesmo.

4ª Entrevista

Duração da entrevista: 13 min.

Local: Em frente a casa do pescador, local onde ele tecia, junto com outros pescadores, uma rede de pesca.

1 – Elis: Qual o seu nome?

Benedito da Conceição Silva.

2 – E: O senhor é daqui de Curuçá?

B: Sou nascido e criado aqui.

3 – Qual a sua idade?

B: 40 anos.

4 – Quanto tempo o senhor pesca?

B: 27 anos por ai.

5 – O senhor começou a pescar criança então.

B: Eu tinha uns treze anos.

6 – Quem lhe ensinou a pescar?

B: Meu pai.

7 – O senhor pode dizer os nomes dos lugares que o senhor já pescou e que o senhor ainda pesca? Rios, praias?

B: Posso sim, é o “**Furo grande**”, “**Praia Bom Jesus**”, “**Praia do Espardarte**”, tudo por aí.

8 – E os nomes dos rios e igarapés?

B: No **igarapé do Arãquaim, Praia Jó, Arãguá** e outros mais, só esses rios que eu pescava.

9 – O senhor lembra de algum igarapé que tinha na sua infância e agora não tem mais?

B: Tem sim, eu lembro de um que era aqui pertinho, o **igarapé da Jussara**, tinha antes mas agora não tem mais. Ele tinha umas pedras grandes, essas pedras sumiu ninguém sabe pra onde foi, nem pra donde. Secou, ta só barro, ta só barro hoje em dia.

10 – Verdade, ta assim mesmo. Eu queria lhe perguntar os nomes dos peixes de água salgada que o senhor mais costuma trabalhar.

B: É a **gó, corvina, bagre, uri-seca, peixe – pedra**. A gente conhece muito peixe ai da região.

11 – O senhor trabalha com peixe de água doce?]

B: Não.

12 – Tem algum peixe que o senhor acha que é ruim pra uma pessoa que ta operada, de resguardar?

B: Pra mim o peixe pior é o **tacariuna**. Ele inflama tudo pra valer, se a gente ta com alguma doença recolhida ele é capaz de botar tudo pra fora. Logo.

13 – Quais são os instrumentos que o senhor usa pra pescar?

B: **rede, linha de mão e puçá.**

14 – O senhor tem seu próprio material ou o senhor trabalho com outra pessoa?

B: Não, eu tenho meu próprio material.

15 – O senhor gosta mais de pescar sozinho ou com os seus amigos.

B: Eu pesco mais com os meus companheiros de pesca.

16 – Qual é a pior época pra pesca?

B: A pior época é o mês de dezembro, que já tá escasso o peixe e chove muito.

17 – Como está a pesca hoje em Curuçá do que já foi no passado?

B: Hoje? Esse ano até que não foi mal não, em 2009 também, eu espero que vá melhorar mais ainda.

18 – Mas o senhor acha que no início da pesca, quando o senhor começou a trabalhar, era melhor?

B: Era bem melhor, era mais farto o peixe.

18 – Era mais fartura e por que o senhor acha que tá faltando mais o peixe?

B: Eu acho que é *essa atividade de colônia* tá fazendo desaparecer mais o peixe.

19 – E o senhor acha que o pessoal tá sujando muito a maré?

B: Tá, surgiu muita pescaria aí que tá matando muito os peixinhos (filhotes), principalmente aquela rede de *taquari* aí que chamam, mata muito peixinho, aí eles (*os pescadores dessa prática*) jogam tudo na maré.

20 – A última coisa que eu estou perguntando pra todos os pescadores não é nem uma pergunta, é uma experiência, um caso que o senhor viveu na sua profissão de pescador, pode ser um perigo que o senhor correu, uma alegria que o senhor viveu, enfim, algo que o senhor nunca vai esquecer nesses anos de pescador.

B: Eu fui pescar camarão e um peixe chamado *timucu*, tu nunca viste?

21 Elis – Não...

B: É um peixe que tem um bicão ele, esse peixe me furou e quase que eu morro.

22 – O senhor ficou um tempão sem pescar?

B: É, fiquei um tempão sem pescar e fiquei até surdo desse lado, sabe? (o pescador aponta o ouvido esquerdo), desse lado eu não escuto nada não.

23 – O senhor ficou meio surdo? Ele é um peixe de ferrão?

B: É, um bico grande que ele tem. Olha, isso eu nunca me esqueço não.

24 – Ah! *Timucu*, Nossa...

B: É um peixe antigo da região aqui.

25 – Mais o senhor ainda continua pescando?

B: Continuo, sim.

26 – Isso que é pescador (*a pesquisadora sorri*). Olha, a última coisa que eu queria lhe pedir, por favor, era se eu poderia tirar uma foto sua, aqui perto da sua rede (*o pescador estava perto da rede de pesca, com outros pescadores*)

B: Pode sim.

27 – Muito obrigada.

5ª Entrevista

Tempo: 13 min.

Local: residência do pescador.

1 – Qual é o seu nome e a sua idade?

R: Roberto José da Rocha Silva.

2 – E a sua idade?

R: 50 anos.

3 – O senhor é daqui de Curuçá?

R: Sou, sou sim, nascido e criado aqui.

4 – O senhor começou a pescar com quantos anos?

R: Com 12 anos.

5 – Quem lhe ensinou a sua profissão?

R: Meu pai. Ele que pescava e eu aprendi com ele.

6 – Da sua família quem seguiu a profissão?

R: Da minha família só eu mesmo.

7 – O senhor lembra dos peixes de água salgada que é mais comum encontrar?

R: da água salgada tem o **bagre, ori-seca, pacamum, tainha, apapuá, bandeirada, peixe-pedra, gó, pescadinha branca**, e por aí vai.

8 – Água doce o senhor já trabalhou?

R: Não costumo trabalhar não, mas água salgada.

9 – Tem algum peixe que é ruim pra pessoa que ta operada, que ta de resgarde?

R: Tem sim, têm vários.

10 – O senhor pode dizer os nomes pra mim?

R: O peixe de cor, nenhum presta pra pessoa operada.

11 – Como é o nome desses peixes de cor?

R: É o **bagre**, é o **bandeirada**, principalmente o **bandeirada**, é o **uritinga**, **peixe de cor** nenhum presta, e os de escama são pior ainda.

12 – Quais são os nomes dos peixes de escama?

R: O **caquaritiã** não presta, o **camurim** não presta, têm outros que eu não lembro no momento.

13 – Qual o material que o senhor usa pra pescar, os seus matérias de pesca?

R: é a rede, a **tarrafa** e o **puçá e a canoa**.

14 – Quando o senhor pesca o senhor costuma ir sozinho ou o senhor vai com os seus amigos?

R: Tem tenho o meu companheiro que é o meu irmão.

15 – Além de pescar o peixe o senhor trabalha com camarão, caranguejo?

R: Trabalho, bem pouco mais trabalho, mas com o camarão.

16 – E qual é o material que usa pra pescar o camarão?

R: O camarão miúdo a gente usa é o **puçá** e pro camarão graúdo é a própria **rede** é uma rede feita pra pesca o camarão.

17 – E o senhor acha que é melhor, em termo de lucro mesmo, trabalhar com o peixe ou com o camarão?

R: O camarão ele dá mais lucro, pela seguinte forma, o peixe todo tempo tem, o camarão graúdo só dá na safra, ai a pessoa que só fica no peixe não ganha nada.

18 – E qual é o tempo da safra do camarão?

R: No verão, a partir de agosto até novembro.

19 – E o peixe o senhor acha que tem um tempo que fica pior pra pescar?

R: Tem sim, é agora nesse momento (janeiro), mas de qualquer maneira a gente indo a gente trás alguma coisa, mesmo tanto ruim.

20 – O senhor já pesca há muitos anos, o senhor acha que antes a pesca era melhor do que hoje?

R: Não, pra mim é normal, pra mim sempre foi bom, é que Curuçá tem uma época do peixe, de maio a junho, até julho, agosto dá pra pescar bastante, por causa da safra, mas todo tempo é isso pra nós.

21 – Sabe o que os pescadores têm falado muito pra mim é que esses outros pescadores, depois que eles colocaram essas redes grandes, começou a barrar a entrada do peixe pra cá, o senhor acha que isso é verdade?

R: Não, eu não acredito não que seja verdade, porque aqui no Bairro Alto não tem mais pescador, pra falar a verdade daqui desse bairro alto quem ainda é pescador sou eu e o meu irmão, que ta com a colônia (*sindicato dos pescadores*), tudo legalizado, quem trabalha mesmo com o peixe, a maioria aqui trabalha mais com o camarão.

22 – O senhor consegue sustentar a sua família como pescador?

R: com certeza, eu só dependo disso, se eu não for...

23 – E o senhor é feliz com a sua profissão?

R: Com certeza, eu sou feliz, não é que eu goste, é uma necessidade, mas a gente que é pescador gosta de trabalhar no rio.

24 – Como é que ta os preços dos peixes?

R: os preços é variado, pescada e a tainha é mais cara, é R\$ 7,00 o kg, o bagre é R\$ 4,00 o kg.

25 – E o camarão, como ta o preço?

R: o camarão eu não posso lhe informar porque eu não tenho ido muito pegar.

26 – A última coisa que eu queria perguntar é se na sua vida de pescador teve alguma história que o senhor nunca vai esquecer, algum perigo, uma coisa boa.

R: Perigo eu nunca passei assim tão grande. Mas coisa boa foi que a gente encheu a rede de peixe, faz uns 10 anos atrás, não demorou nem muito tempo essa pesca, eu nunca vou esquecer.

27 – Que ótimo, deve ter sido muito bom, mas seu Roberto, obrigada pela entrevista e se o senhor permitir eu gostaria de tirar uma foto sua com a sua família que me receberam aqui na sua casa.

R: Pode sim, vamos lá.

28 – Obrigada, viu.

6º Entrevista – Ilha do Mutucal

Duração da entrevista: 11min e 50 seg.

Local: residência do pescador.

1 Elis – A primeira pergunta é qual o seu nome e a sua idade?

Adilson: Meu nome é Adilson da Conceição Cereja e eu tenho 48 anos de idade.

2 – O senhor é daqui da Ilha de Mutucal?

A: Sou nascido aqui e faz 48 anos que eu vivo aqui.

3 – Quanto tempo o senhor é pescador e quem ensinou a sua profissão?

A: Quem me ensinou foi meu pai desde que eu era pequeno.

4 – Qual o tipo de peixe que o senhor mais costuma encontrar? O peixe mais encontrado? Mais comum?

A: Olha, aqui pra nós é o **charel, a corvina, a gó, uritinga e gurijuba** que a gente ainda pega umas quantas.

5 – O senhor já percebeu se tem algum tipo de peixe que não está mais sendo encontrado? Que tinha muito antes, mas que agora está sumindo?

A: Eu já percebi umas três espécies que a gente já não encontra muito, que é o “**cação**” porque pra gente pegar o cação a gente tem que viajar duas noites e dois dias pra fora pra encontrar, quando eu comecei a gente a pescar a gente enchia o barco só de “cação” todo dia.

6 – O “cação” é um peixe de água doce ou salgada?

A: salgada.

7 – Ele é de pele ou de escama?

A: Ele é de coró (*pele grossa*) esse peixe.

8 – E agora ta sumindo esse peixe?

A: Se a gente for contar com os aparelhos no barco dá uns dois graus de distância daqui, que é duas noites e dois dias.

9 – Aproveitando isso que o senhor falou, eu quero lhe perguntar quais os nomes dos peixes de água doce que o senhor conhece? São poucos aqui, né?

A: Eu conheci bem poucos aqui, que a gente trabalha mais na água salgada, mas o que eu sei que tem nesses igarapés por aqui é o “**jju**”, “**traíra**”, “**tamatá**” é só esses mesmo por aqui.

10 – E os de água salgada que são mais?

A: Os de água salgada é a “**tainha**”, “**uritinga**”, “**charel**”, “**gurijuba**”, “**pescada amarela**”, “**arraia**”, “**cação**”, “**bandeirado**”, “**gó**”, “**bagre**”, esses peixes aí são de água salgada.

11 – Quais os nomes dos materiais que o senhor usava antes e que o senhor está usando agora, os seus instrumentos de pesca?

A: Porque eu to trabalhando mais no **curral**, mas eu tenho um barco que pesca pra fora, e aí o material que a gente usa lá é **rede de nailow**, **rede grossa**, com a malha nº 48, malha grande, pega só peixe graúdo, “pescada”, assim esses peixes grande.

12 – *Tarafa* assim essas coisas o senhor não usa mais?

A: *Tarafa* eu não uso mais, eu ainda tenho uma aí que de vez em quando eu vou pescar é de malha 30 e 40.

13 – Agora é mais o curral pra pescar mesmo?

A: É, agora é mais o curral mesmo.

14 – Outra pergunta são os nomes dos lugares que o senhor já pescou? Nomes de rios, de praia, de igarapé?

A: Eu já pesquei em várias praias que eu já nem lembro, porque aí pra fora quando a gente vai pescar a gente não vê praia é só água e céu, uma praia que a gente sempre frequentou que quando a gente quer parar na beira é a praia do Marajó, lá o nome é “**Maruari**”, tem aqui a **Romana** também que a gente sempre ficava lá pescando, tem a praia do “**Camaruteua**”.

15 – Nome de igarapé que logo no começo da sua profissão o senhor ia pescar o senhor lembra?

A: o primeiro **igarapé** que eu pesquei foi o **pinobau**, é aqui mesmo no Mutucal, agora eu to pescando mais é no Curral que o nome da praia lá é **Bragança**.

16 – É Bragança mais é aqui em Curuçá?

A: É aqui em Curuçá, é só o nome da praia que é Bragança.

17 – Outra pergunta que eu vou lhe fazer é o tempo que o senhor acha que é um tempo ruim pra pescar?

A: Aqui pra nós a pescar no mês de agosto até o fim de dezembro é muito ruim a pesca.

18 – Por quê?

A: Porque o peixe faz descida e subida que a gente chama, né? Quando chega essa época agora de janeiro até julho vai dá muito peixe pra gente aqui, que aí o peixe ta descendo, né? A água doce vem trazendo o peixe de lá e quando chega essa época de agosto o peixe começa a voltar aí fica difícil pra gente aqui. Inclusive até pra comer peixe aqui tem que comprar lá no Abade porque aqui tem pouco pescador de fora, só de curral, mas não ta dando peixe essa época.

19 – Outra pergunta que eu quero lhe fazer é o preço dos peixes hoje em dia, os peixes que vocês mais pescam quanto é que tá, mais ou menos?

A: Como eu to lhe falando né, essa época a gente não pode nem dá preço porque a gente não tá pegando ele, né? Eu tenho esse barco aí que tava pescando (aponta para o lado de fora da casa onde está atracado o barco, a casa é na beira da maré), eu trouxe pescada amarela eu tirei R\$ 6,00 o KG. Ela passa 8 – 10 dias pra fora pra pegar isso, o meu barco tem urna, leva gelo.

20 – Passa 8 dias pra pescar?

A: É de 8 a 10 dias é o tempo que o meu barco passa pra fora, e ele tem trazido mais é pescada.

21 – A outra pergunta é como é que o senhor tá pescando, tá pescando sozinho, com os amigos?

A: Olha, a tripulação do meu barco são cinco pessoas.

22 – Tem uma equipe que lhe ajuda. Olha, a outra pergunta é como o senhor pode comparar a pesca hoje com a pesca no passado.

A: Eu não posso nem muito fazer comparação, porque como eu tava lhe falando, agora que vai dá o peixe, e a gente vai ver, se der mais do que no ano passado a gente vai ver se daqui pra agosto pode dá uma boa diferença, vê se foi melhor ou se foi pior.

23 – Mais o senhor acha que nos três últimos anos, 2007, 2008 e 2009 foi melhor do que era logo no começo, quando o senhor começou a pescar?

A: Não, não, como eu lhe falei quando a gente começou, a gente saía pra pescar e colocava a rede e aí com meia hora, quando a mulher pensava que a gente ainda tava indo, a gente já tava era tirando o peixe pro marreteiro aqui na beira de volta. Hoje não, é 8 – 10 – 12 dias que a gente passa pescando.

24 – Por que o senhor acha que está acontecendo isso?

A: Eu acho que é porque tem muito pescador de rede e o peixe vai ficando “escabriado”, entendeu? Ele vai procurando por onde não tem rede pra ele poder ficar. Ter peixe tem muito, só que ele vai ficando mais longe da gente, eu acho que a gente com um barco pequeno não chega nele. Tem essas empresas grande de pesca aí, eles vão lá onde tem peixe, quando eles vêm, eles trazem muito, 20, 30 tonelada de peixes, porque o barco oferece condições, mas a gente com o meu barco, eu pego 3 toneladas, eu não tenho condições de chegar lá, porque é 10 dias viajando pra chegar no peixe.

25 – É verdade, quer dizer que antes era melhor a pesca?

A: É, antes tava sim.

26 – Agora a última não é bem uma pergunta, é mais uma história, um “causo” que o senhor passou na sua vida de pescador (uma aventura, um perigo, uma alegria).

A: Eu queria contar que eu, quando tava com 5 anos de pescaria, pescava numa canoa que era velha, não tinha motor, aí eu peguei um temporão de chuva, no mês de fevereiro, com muito vento, muita onda e aí a canoa virou... Eu passei um dia e uma noite em cima d água com essa canoa. Quando eu me lembro assim, me dá até um arrepio. Eu perdi a canoa, perdi o remo, perdi os peixes, só não perdi a vida.

27 – E como o senhor fez pra voltar pra sua casa?

A: Quando já eram umas 5 horas da tarde, já tinha passado uma noite e um dia, um barco encontrou a gente e trouxe.

28 – E mesmo assim o senhor continua pescando, não desistiu?

A: É, não tem outro jeito eu não estudei e eu já tinha a minha família pra criar.

29 – Mais a sua profissão é importante também, a nossa de professor, a sua, todas são importantes, não é?

A: Com certeza.

30 – O senhor deixa eu tirar uma foto sua com a sua família que me receberam aqui na casa de vocês.

A: Claro, pode tirar.

31 – Muito obrigada pela sua entrevista, se Deus quiser eu volto aqui pra trazer o livro com as entrevistas e as fotos de todos os pescadores que eu entrevistar quando ficar pronto.

A: Ta OK!.

7° Entrevista

Duração da entrevista: 15min.

Local: Bairro Alto, residência do pescador.

1° A primeira pergunta que a gente sempre faz é o nome e a idade?

Acácio: Meu nome é Acácio de Souza Pereira.

2° Minha idade eu sou de 49, eu sou de 1949 (61 anos).

3° Seu apelido é Cacique, não é?

A: Sim.

4° Seu Cacique, o senhor é nascido aqui em Curuçá?

A: Sou nascido em um município de Curuçá, chamado *Pacamurema*, mas quando nós viemos pra cá, meu pai, minha mãe, (pro bairro Alto), eu era criança ainda.

5° Desde quando o senhor pesca, quando o senhor começou?

A: Desde o tempo da minha mocidade, eu pesco mais ou menos com a idade de 15 anos.

6° E quem ensinou a sua profissão?

A: Olha, quem ensinou a minha profissão foi o meu pai, ele trabalhava na lavoura, era lavrador, mas sempre que ele ia a gente ia com ele pegar o peixe.

7° Onde o senhor costumava pescar, era mais em rio, na praia, em igarapé?

A: O nosso aqui é o rio Curuçá, o rio Curuçá atinge os outros rios todinhos. Agora tem os lugares, se chama *Bom Jesus, Areuá, Pai Chico*, todos esses aí, são os rios que a gente trabalhava. Agora só que nós pescava, como se diz, sai do ponto de manhã, chegava mais ou menos 11h – 12h00, conforme a maré tava, mas a gente chegava no mesmo dia.

8° Igarapé o senhor costumava pescar?

A: Costumava, era no **Rio Curuçá** também.

9° A outra pergunta é qual o nome dos peixes que o senhor mais pescava?

A: Que eu me alembro, vamo começar é um peixe que a gente não encontra mais e que a gente não come, que é o “**baiacu**”, “**peixe-pedra**”, “**pratiqueira**”, “**pescada**”, “**Nero**”, “**tralhoto**”, “**pacamum**”, “**cuíca**”, “**bagre**”, “**uri-seca**”, e por aí vai os nomes dos peixes, tudo isso.

10° E qual é o mais consumido, o que o pessoal mais gosta?

A: Mais consumido aqui é qualquer um tipo de peixe, seja “**pescada**”, seja “**pratiqueira**”, seja “**peixe-pedra**”, seja “**pacamum**”, todo tipo de peixe. O que não se come aqui é esse “**baiacu**”, que o resto a gente pegando aí ta bom.

11° Seu Cacique, qual era o peixe que tinha muito no passado e agora ta acabando?

A: Olha, no passado, o peixe que nós tinha aqui que era muito, era a “**tainha**”, a “**pratiqueira**”, “a “**corvina**”, a “**gó**” que chamam.

12° O senhor acha que tem peixe de água doce pra cá?

A: Peixe de água doce é só onde tem o lago, lá tem peixinho de água doce.

13° O senhor lembra o nome deles?

A: Não porque eu não trabalhava com peixe de água doce. Sabe minha filha, eu pescava muito, mas agora eu to sem a minha canoa, quebrou e eu não tenho mais condição de pescar. A aí eu e a minha mulher fizemos essa vendinha, e isso aqui só dá malmente pra comer, porque tem época aqui que as coisas começa a piorá.

14° Inclusive seu Cacique, essa era a próxima pergunta que eu ia lhe fazer, qual é a época boa e a época ruim pra pescar?

A: É o mês que a sardinha vem de fora e trás muito peixe aí pra cá, os meses é agora esse mês de maio, junho, é um mês que a gente sossega porque a gente sai, a gente pega uma *tarrafa*, uma linha de mão e sai pra pescar sossegado.

15° E qual o mês mais ruim pra pescar?

A: Esse mês agora, dezembro, janeiro, fevereiro, por aí.

16° É dezembro, janeiro, fevereiro?

A: De primeira, todos os meses era bom pra pescar, agora não.

17° Ta mudando muito a maré?

A: O pessoal invade os lugares, tem gente trabalhando com rede grande, e os pescadores pequenos não consegue pegar muito peixe, eles passam 2 – 3 dias pra trazer 5 – 6 kg de peixe.

18° É mesmo, os pescadores que eu estou entrevistando dizem que está diminuindo a quantidade de peixes.

A: Mas tu sabes por quê? Eu vou lhe explicar. É um problema. Olha o camarão, eu me passei (*fiquei admirado*) ano passado deu camarão até sobrar, este ano não, porque tem um senhor acolá (*aponta para o fim da rua*), ele mais dois, eles usam um tipo de rede, é uma rede fininha, me disseram que eles cercavam o igarapé com esse rede e quando eles iam pegar já vinha 16 – 24 kg de peixe, só que esse mês não veio tanto camarão porque eles pegaram até os filhotes junto. Então é esse o problema, esses pescadores que usam essas redes, eles pegam até os peixes pequenos, jogam fora e trazem só os peixes grande. Eu ainda não vi, mas tem muita gente que já viu esses cara enterrar os peixes no igarapé.

19° É seu Cacique, é uma situação difícil, e aproveitando que o senhor ta falando dos instrumentos de pesca, dessas redes de hoje, quais eram os instrumentos de pesca que vocês usavam antes?

A: Os instrumento de pesca do meu tempo era a **tarrafa e a linha**. Depois foi entrando esses materiais de rede.

20° O senhor já falou da época boa e da época ruim pra pescar, mas o senhor acha que as fases da lua (lua cheia, lua morta, etc) influencia na pesca?

A: É o seguinte, a gente diz que meche e não mexe (*influência na pesca*) na lua cheia tinha mais peixes mesmo do que na lua morta, mas hoje em dia, com esse problema das redes, toda a fase da lua pro pescador pequeno, não tem jeito, ta difícil mesmo.

21° A outra pergunta que eu vou lhe fazer é em relação a venda dos peixes. Como é classificado os preços dos peixes? Os mais caros e os mais baratinhos.

A: O mais caro é a **pescada** aqui pra nós e tem outro peixe caro também que é a **Uchova**, aí vai baixando até chegar na **sardinha**.

22° O senhor acabou de falar que o senhor tem a sua canoa mais ele está um pouco quebrada, mas quando e sua canoa tava boa, o senhor ia pescar com os seus amigos ou o senhor ia sozinho?

A: Eu ia e convidava um colega, mas muita gente já não queria mais ir porque ia tirar a noite de sono e porque não dava futuro, então eu ia sozinho mesmo, muitas vezes eu ia sozinho.

23° Nessas épocas que o senhor foi sozinho já aconteceu algum acidente, alguma experiência ruim quando o senhor foi pescar?

A: Já aconteceu uma coisa que me deixou cercado de “mal”. Quando eu fui pra uma ilha donde era bom pra pegar sardinha, lá nessa ilha eu encontrei outros pescadores e a gente foi pescar de linha de mão, com a nossa isca. O que aconteceu? Quando chegou lá, que a gente entrou no rio

pra pescar, me deu uma dor, no joelha, nas pernas, e eu não consegui mais me mecher, aí me trouxeram pra casa de canoa, eu tive uma câimbra e fiquei sem poder me mecher mesmo, ainda bem que tinha outros pescadores lá que me trouxeram de canoa pra casa, se não eu tinha morrido lá no rio sozinho. Nessa minha vida de pescaria eu já passei vários perigos, até uma vez que eu encontrei um peixe que se chama *miquim*, esse peixe é venenoso e ele é pequeno, ele só *veve* (vive) enterrado na areia, tem o mesmo efeito da raia, a gente vai descalço e ele dá uma queimada na gente, ele não me queimou quando eu tava pescando? Desde dia eu só pesco calçado.

24° Seu Cacique, muito obrigada pela sua entrevista, eu só queria pedir a sua autorização se eu posso tirar uma foto sua perto dos seus instrumentos de pesca?

A: Claro, eu tenho todos os instrumentos de pesca, **rede, canoa, tarrafa**, pode tirar foto sim.

25° Obrigada por ter me recebido aqui na sua casa, quando o livro tiver pronto, eu venho aqui lhe entregar um, se Deus quiser.

A: Vai sim, Deus quer e boa sorte pra ti professora.

8° Entrevista

Local: Bairro Alto – Debaixo de uma arvora de mangueira, em frente à maré.

Duração da entrevista: 12 min.

1° Elis: Qual o seu nome e a sua idade?

Caciano: Meu nome é Caciano Garcia Palheta.

2° E a sua idade?

C: Eu tenho quase 80 anos.

3° O senhor é daqui mesmo de Curuçá?

C: Sou nascido e criado aqui.

4° Quanto tempo o senhor pescou?

C: Eu comecei a pescar com a idade de 12 anos e comecei a pescar com o papai e só abandonei a pescaria por causa de doença mesmo, mas eu ainda tenho amor à pescaria.

5° Então foi o seu pai que lhe ensinou a sua profissão? E Onde o senhor costumava a pescar? O senhor lembra dos nomes dos rios, das praias?

C: Aqui a praia do **Marajó, Arancuim, Pacamurema, Mucajutuba, o Furo Grande- Bom Jesus** que chamam, né? Eu já tive curral por lá também.

6° E nos Igarapés? O senhor costumava pescar em igarapé?

C: Pescava em igarapé, mas eu não me alembro dos nomes porque tem alguns que não tem mais.

7º Quais os tipos de peixes que o senhor mais costumava pescar?

C: “**tainha**”, “**corvina**”, “**pescada**”, “**bagre**”, “**peixe-pedra**”, “**uri-seca**”, “**charel**”, “**pacamum**”, “**gó**”, “**camurim**”, essa dava muito no curral.

8º E qual é o peixe mais consumido que o povo de Curuçá mais gosta?

C: No começo, quando eu me criei, era **a pescada, a tainha**, agora por esses tempos, não tem mais, qualquer um que pegar ta bom. O que cair na rede é peixe rrrrs.

9º Tem algum peixe que não está mais sendo encontrado?

C: As redes estão acabando com os peixes, a “**gó**” foi um peixe que começou a sumir.

10º E o senhor pescava mais os peixes de água doce ou de água salgada?

C: Água salgada, água doce eu não gostava de pescar, os peixes de água doce não são tão bons porque o peixe melhor que tem aqui pra nós é dos de água salgada.

11º E desses de água salgada quais são os principais?

C: É a **tainha, pescada, camurim, pratiqueira** todos esses são importante pra nós.

12º Quais eram os instrumentos de pesca que o senhor levava pra pescar?

C: Tarrafa, rede, canoa, curral, eu gostava mais de pescar com o curral.

13º E o senhor ia buscar a madeira pra fazer?

C: Eu tirava do mato o pau, talo, barro e ia montando o curral. Passava uma semana fazendo, que ia vê já tava pronto.

14º E qual é a época boa pra pescar?

C: Passou a safra, todo o mês é bom pra pescar. Junho, julho, agosto, até novembro são meses bons pra pescar.

15º E tem algum peixe que o senhor acha que é ruim pra quem está doente?

C: Tem, o **bagre, carataí, a gó** também. Tem um peixe escuro aqui pra nós, quando é de um dente você pode comer se tiver de parto, é o **espada**, se ele tiver de dois – três dentes não coma que pode fazer mal.

16º Quer dizer que pela quantidade de dentes a pessoa pode saber se o peixe é remoso ou não.

C: É, é só olhar pros dentes.

17º Quando o peixe é remoso ele é de escama ou é de pele?

C: o remoso é de pele. O peixe que não é remoso é **a tainha, a corvina, a pescada**, todos esses é peixe bom pra mulher de parto ou pra pessoa doente.

18º Esses peixes que não são remosos tem quantos dentes?

C: O **peixe pedra e a tainha** não têm dente, eles não tem dentes, tem um tipo cerra pequena na boca.

19º E na época que o senhor pescava o senhor tinha a sua própria canoa? Ou seu barquinho?

C: tinha **canoa, tarrafa, a minha rede**, tinha meus material e tenho até hoje.

20º E o senhor pescava sozinho ou o senhor ia com os seus amigos?

C: Quando dava certo eu ia com os amigos, quando começava a dar desculpa “nós vamos amanhã”, aí eu ia sozinho mesmo.

21º E a última pergunta não é nem uma pergunta, é mais se o senhor lembra de alguma coisa que aconteceu na sua vida de pescador que marcou a sua vida, um perigo, uma aventura, uma experiência boa.

C: Quando eu comecei a pescar, eu ia com o papai, mas eu não trabalhava, eu queria era brincar, depois que eu comecei com meus 15 anos pra frente eu comecei a trabalhar. E a coisa que aconteceu comigo foi a **cobra** que caiu no curral atrás de mim, era a **cobra grande**, eu peguei o meu remo a minha cona e fui me embora.

22º E como ela era? O senhor ainda lembra da cobra grande?

C: Ela é grande, é igual a uma jibóia, eu já vi essa cobra também no mangal, já vi surucucu. Cascavel também, mas eu sempre escapei dessas cobras, graças a Deus.

23º O último pedido que eu queria lhe fazer era se eu podia tirar uma foto sua pra colocar no nosso livro.

C: Pode, mas eu sou muito feio rrrrs.

24º Que nada, vai ficar bonito, obrigada pela sua entrevista.

9º Entrevista

Local: Bairro Alto - Curuçá

Duração da entrevista: 13 min

1º A primeira pergunta é qual o seu nome e a sua idade?

R: Meu nome é Osvaldo Clodovil Rangel.

2º E qual a sua idade?

O: Eu to com 81 anos.

3º O senhor é daqui mesmo de Curuçá?

O: Sou nascido e criado aqui em Curuçá.

4º O senhor começou a pescar com quantos anos e quem lhe ensinou a sua profissão?

O: Quem me ensinou foi meu pai e eu comecei a pescar com ele desde criança, desde os oito anos.

5º O senhor lembra os nomes dos lugares onde o senhor pescava? Dos rios, marés, praias?

O: Me lembro sim, era o **Aranquaim, Pacamorema, Campina e Soá.**

6º Eram praias ou igarapés?

O: Era tipo praia e mangal. Praia na frente e mangal pra dentro.

7º Igarapé o senhor pescava?

O: Pescava muito em igarapé. Tem o **igarapé palhal**, o **Botija**, e têm outros que eu não me lembro agora.

8º E os nomes dos peixes mais consumidos aqui, o senhor lembra?

O: Hi... tem muitos, é o **bagre, pacamum, pescada**, a gente só matava, salgava e depois vendia pro comerciante.

9º E qual os nomes dos peixes ruins pra pessoa que está de parto (teve filho), ou pra quem está doente?

O: **Pacamum, bagre, maroim**, agora a **pescada é boa** de comer até quando a pessoa ta doente, a **corvina, tainha, são tudo boa** de comer.

10º O senhor lembra de uma época boa pra pescar, a época do ano que é melhor pra pescar?

O: O melhor foi esse mês que passou, o mês de dezembro, janeiro, é um tempo que tem peixe lá pra baixo: **camaruteua, soá.**

11º E quando começa o verão e bom pra pescar onde? Porque esses meses de dezembro, janeiro são mais chuvoso.

O: Mas no verão é melhor pra pescar aqui nos nossos rios mesmos, esses rios que chamam **Marinteua, Cai n'água**, tudo é rio bom pra pescar no verão.

12º E quando o senhor pescava, qual o material que o senhor usava?

O: Eu usava o **espinhel, linha de mão**, os pescadores mais antigos usavam esse material ai.

13º O senhor usava curral pra pescar, seu Osvaldo?

O: Não, eu pescava no rio, com canoa, linha de mão e espinhel, eu pescava nas pedras, nos meios dos paus (*mangal*), na minha época era fartura, tinha muito peixe.

14° Que bom, não é seu Osvaldo, era uma época boa?

O: Era uma época de fartura, mas agora não é fartura, é *faltura*, falta tudo rrrrrsss. Agora falta peixe, a gente vai no igarapé, na maré, no mangal é só aquelas redes, cada rede grande pra pegar todo o peixe.

15° A última pergunta que eu vou fazer não é bem pergunta, é uma experiência sua que o senhor viveu na sua vida de pescador e o senhor nunca vai esquecer.

O: Eu me lembro do que aconteceu comigo e com o filho da minha irmã, eu em toda minha vida trabalhei muito com camarão, peixe, e aí eu passei a trabalhar pro japonês, um japonês que comprou uma área ali do mangal, aí esse filho da minha irmã foi trabalhar comigo, a gente pescava peixe e camarão pra esse japonês, mas o meu sobrinho não gostava desse japonês, eu falava pra ele “Olha, rapaz, tu tá precisando trabalhar, agüenta aí e ganha o teu dinheiro”, mas ele foi querer arrumar briga com o japonês e ele mandou o meu sobrinho embora, depois o meu sobrinho pegou a canoa e foi embora pelos rios, no meio do mangal, dêz desse dia nunca mais ninguém viu ele, ele sumiu no rio.

16° Poxa seu Osvaldo, que pena, e ninguém mais viu o seu sobrinho?

O: Não, diz que ele ficou encantado na maré, que a mãe d’água levou ele.

17° Nossa, que coisa né, mas seu Osvaldo, o senhor deixa eu tirar uma foto sua pra eu colocar na minha pesquisa sobre a pesca em Curuçá?

O: Deixo sim e boa sorte pra ti professora.

18° Obrigada, quando ficar pronto o trabalho eu venho aqui mostrar pro senhor, se Deus quiser.

O: Vai sim, Ele quer.

10° Entrevista

Local: Bairro Alto – Curuçá. (casa do pescador).

Duração da entrevista: 13 min.

1° A primeira pergunta é qual o seu nome e a sua idade?

R: Meu nome é Paulo eu tenho 39 anos.

2° O senhor é daqui de Curuçá?

P: Sou nascido e criado aqui em Curuçá.

3° Quem lhe ensinou a sua profissão?

P: A minha profissão eu aprendi com o meu avô, ele era pescador e eu aprendi tudo com ele.

4º E quanto tempo o senhor pesca?

P: Eu pesco dêz de os oito anos de idade, dêz de que eu me entendo como gente.

5º E já você pesca há tanto tempo, quais os lugares que você já pescou, os nomes dos lugares? Igarapé, praia, rios?

P: A gente pesca no **Bom Jesus, na praia do Espardarte, no Igarapé do Seco, no Areuá, na Praia no Soá**, nesses lugares aí tudo nós pesca.

6º Teve algum lugar que o senhor já pescou antes e que não existe mais, um igarapé que secou, um rio que não dá mais pra pescar?

P: Aqui na **Praia Jô**, a gente pescava muito lá, agora não ta tendo quase camarão, esse ano a gente não pescou lá.

7º Igarapé o senhor já chegou a pescar?

P: Lá no **igarapé do seco**, lá no **Curuperé, Igarapé do Sina**, todos esses igarapé a gente frequenta.

8º Agora eu quero lhe perguntar os nomes dos peixes de água salgada que o senhor mais costuma pescar?

P: É o **peixe-pedra, corvina, uri-seca, gó, tainha, pratiqueira**, são os peixes que a gente pega mais.

9º Peixe de água doce o senhor já chegou a pescar?

P: Não, quase nunca, é mais difícil a gente pescar esses tipos de peixes aqui.

10º E peixes que fazem mal pra pessoas que estão operadas, ou de parto, ou doente?

P: É a **tacariuna**, mas é peixe de escama ou de pele.

11º O senhor lembra de mais algum peixe de pele?

P: no momento não, eu sei que são vários.

12º Os instrumento que o senhor usa pra pescar, quais são os materiais que o senhor usa?

P: É mais o **espinhel, a tarrafa, a rede de pesca, rede de 5 cm, 30 cm, 35 cm, o usuá, a canoa, ou o barco**.

13º Como é o **usuá**? É um tipo de rede?

P: O **usuá** é utensílio feito de talo de **tucumanzeiro**, tipo uma caixa que o pescador usa, põe ela dentro do rio e depois o peixe entra. Agora não tão mais usando, usava muito antes, mas agora não tão mais usando.

14º E o senhor tem a sua própria canoa ao o senhor vai pescar com os seus amigos?

P: Não, eu tenho a minha própria canoa e o meu próprio material, mas às vezes eu pesco com os amigos, às vezes eu pesco sozinho.

15° E a época do ano que é melhor pra pescar?

P: A época do ano que é melhor pra pescar é o segundo semestre, é o inverno, é quando dá peixe em abundância, é quando a sardinha vem é trás muito peixe pra nós.

16° Os meses então é depois de quando?

P: é depois de fevereiro, março, abril, até junho, é o período que a gente pega mais peixe, porque a sardinha vem e trás outros peixes com ela, a sardinha é **comidia**.

17° E a época ruim que o senhor acha?

P: A época ruim é o verão, de julho pra cá, é difícil pegar peixe aqui.

18° E por que essa época é tão ruim pra pescar?

P: E olha..., há cinco anos atrás não era assim, tinha mais peixe, mais sardinha pra trazer outros peixes, e a sardinha assim como ela trás, ela leva.

19° Outra coisa que eu quero lhe perguntar e o valor (preço) dos peixes que o senhor falou?

P: A gente classifica muito pelo tamanho, fica assim, peixe pequeno, médio e grande, os maiores, geralmente é a **pescada, a corvina, peixe-pedra, tainha**.

20° Chega a ser quanto um peixe desse?

P: Dá pra vender a R\$ 3,00; R\$ 2,00, mas quando ta na época do verão, que não tem tanto, quando é inverno, tem mais gente pescando aí o preço cai.

21° E o senhor vendo o seu peixe pra quem?

P: Eu vendo aqui mesmo no bairro, quando eu pesco mais eu vendo pra atravessador, pro marreteiro.

22° E ultimamente o senhor está vendendo mais onde?

P: Eu to vendendo mais aqui no bairro, tem vezes que eu tenho que eu tenho que ir pescar bem longe porque por aqui ta dando pouco peixe.

23° E a última coisa que eu queria lhe fazer não é nem uma pergunta é mais uma lembrança de uma situação que aconteceu na sua pesca. Uma aventura, um perigo, que o senhor nunca vai esquecer.

P: Quando eu comecei a pescar, eu pescava muito com um senhor chamado Antonio, a gente vinha pescando pelo rio e ai fechou o tempo, e a gente não conseguia mais voltar porque não dava pra ver direito o caminho, ficou tudo escuro, e esse senhor, o Seu Antonio conseguiu guiar a

canoa, parece que ele via tudo no escuro e a gente conseguiu chegar. Eu nunca vou esquecer isso.

A experiência desse pescador.

24° E ele ainda é vivo esse pescador?

P: É sim, ele mora pra lá.

25° Que bom, eu vou lá conversar com ele também. Agora eu queria lhe pedir se eu posso tirar uma foto sua com a sua família aqui na sua casa.

P: Pode sim, claro.

26° Obrigada seu Paulo.

11° Entrevista

Local: Bairro Alto – Curuçá. (casa do pescador).

Duração da entrevista: 13 min.

1° A primeira pergunta é qual o seu nome e a sua idade?

R: Meu nome é Ovácio Leal Pinheiro eu tenho 51 anos.

2° O senhor é daqui de Curuçá?

O: Sou nascido e criado aqui em Curuçá.

3° Quem lhe ensinou a sua profissão?

O: Meu pai, eu comecei a pescar dès de criança, eu tinha uns 12 anos.

4° E quanto tempo o senhor pesca?

O: Quase 40 anos já.

5° E já você pesca há tanto tempo, quais os lugares que você já pescou, os nomes dos lugares?

Igarapé, praia, rios?

O: A gente pesca no **Furo grande (rio), na praia do Bom Jesus, Igarapé Homero, Igarapé Uririteua**, são esses lugares que a gente pesca mais.

6° Teve algum lugar que o senhor já pescou antes e que não existe mais, um igarapé que secou um rio que não dá mais pra pescar?

O: O que não ta mais dando pra gente pescar é o **Igarapé Homero, Candeia** esses já tão rasos.

7° Quais os nomes dos peixes de água salgada que o senhor mais costuma pescar?

O: É a **pescada, peixe-pedra, pratiqueira, tainha, bagre, a gó** que já ta desaparecendo a gente procura e não encontra mais pra pescar.

8° Esses são os peixes de água salgada, e os de água doce?

O: Os de água doce é o **surubim, tamatá, jijú, traíra, pintado que era o peixe** que a gente mais pegava de água doce.

9º E peixes que fazem mal pra pessoas que estão operadas, ou de parto, ou doente?

O: Esse é o **bagre** que ruim a pessoa comer quando ta doente, a **gó** também, tem uma **pratiqueira** que não é boa pra gente que ta doente, agora o **apuá** é ruim mesmo, dizem que a **uri-seca** também não é bom quando a pessoa ta de parto e a **bandeirada** também.

10º Os instrumento que o senhor usa pra pescar, quais são os materiais que o senhor usa?

O: Os material que eu uso pra pescar são a **tarrafa**, a **rede**, e o **puçá**, são esses material que eu uso.

11º E o senhor pesca sozinho ou com os seus amigos?

O: às vezes eu vou só quando eu levo a **rede** e o **puçá**, agora quando eu levo a **tarrafa** eu tenho que levar um companheiro comigo.

13º E a época ruim que o senhor acha?

O: A época ruim é lá pro verão, é a época das chuvas, é quando falta peixe pra nós aqui.

14º E quando começa a melhorar a pesca?

O: Quando começa a chover aqui, que é o inverno, aí aparece muito camarão, peixe, pra nós.

15º O senhor falou do camarão e do caranguejo, esses também fazem parte da sua pesca né?

O: É uma pesca diferente, a gente tem que meter a mão no mangal, essa pesca é mais na época das chuvas mesmo.

16º Outra coisa que eu quero lhe perguntar e o valor (preço) dos peixes que o senhor falou?

O: O peixe ta cada vez mais caro, o peixe mais caro aqui pra nós é a **pescada**, chega a ser R\$ 9,00 reais na época que não ta na safra. O **peixe-serra** ta R\$ 8,00 o Kg. O mais barato é a **gó** e o **peixe-pedra, bagre, esse a gente encontra a R\$ 4,00, R\$ 3,00 o Kg.**

18º O bandeirada é de pele ou é de escama?

O: É de pele.

19º E os peixes mais caros são de pele ou de escama?

O: Depende da safra, mas no geral o pessoal gosta mais de peixe de pele, por isso que esses peixes são mais caros.

20º Eu também quero lhe perguntar como está a pesca hoje e como era a pesca no passado?

O: Agora ta escasso o peixe, principalmente nessa época do ano (janeiro).

21º Por que o senhor acha que está assim agora?

O: Agora tem o problema das redes, tem redes de 500 metros que levam muitos peixes, aí não chega aqui pra nós que somos pescador pequeno.

22° A última coisa que eu gostaria de lhe perguntar é qual a lembrança que o senhor tem da sua vida de pescador que o senhor nunca vai esquecer?

O: Foi um peixe que me ferrou quando eu tava pescando camarão no rio.

23° E que peixe era esse?

O: Foi o peixe-bagre, ele tem um ferrão bem afiado que se a gente não prestar a atenção ele ferra a gente mesmo.

24° E o senhor teve febre, ficou doente?

O: Eu passei uns dias de cama, mas deu pra levantar denovo.

25° É mesmo, o senhor ta aqui contando o caso pra nós, não é? E continuou pescando?

O: Continuei pescando, não pode parar né, pescador tem que pescar.

26° É mesmo, agora eu queria lhe pedir se eu posso tirar uma foto sua com a sua família aqui na sua casa.

O: Pode sim, claro.

27° Obrigada seu Ovácio.

12° Entrevista

Local: Bairro Alto – Curuçá. (casa do pescador).

Duração da entrevista: 15 min.

1° A primeira pergunta é qual o seu nome e a sua idade?

R: Meu nome é Antônio dos Santos Dias, minha idade é 66 anos.

2° O senhor é daqui de Curuçá?

A: Sou nascido e criado aqui em Curuçá, nasci na praia.

3° Já nasceu pescando? E quem lhe ensinou a sua profissão?

A: Meu pai de criação que foi o meu avô, eu me acostumei a chamar ele de pai e ele morreu como meu pai.

5° Seu Antônio, uma das perguntas mais importante pra quem é pescador é nomes dos lugares o pescador já pescou, Igarapé, Rio, Praia?

A: Os lugares que eu já pesquei muito aqui foi **Praia Grande, Tamaruteua, Rio do Pacamurema, Rio do Areuá, Rio do Maruteua, Rio do Taperebá, Rio do Homero, Praia da Romana, Bom Jesus, Furo Grande**, todos esses lugares aí eu já pesquei.

6º Agora eu quero lhe perguntar os nomes dos peixes de água salgada que o senhor mais costuma pescar?

A: Porque, logo quando eu comecei a pescar, os peixes tinham classes, nós conhecia os peixes pela classe deles, agora não tem mais isso, tinha os peixes de 1ª, 2ª e 3ª classes. O peixe de 5ª classe agora é mais caro do que o de primeira, a **pescada** é primeira classe, o **camurim** é 1ª classe, a **enchôva** é 1ª classe. Agora vem a **tainha** que é 2ª classe, a **gó** é 3ª classe, o **charel** é 4ª classe, a **uritinga**, a **raia**, o **pacamum** é 5ª classe. Isso era antes, mas agora as pessoas não têm essa noção, a gente encontra peixe de 5ª classe até mais caro que os de 1ª classe.

7º E peixes que fazem mal pra pessoas que estão operadas, ou de parto, ou doente?

A: Aqui o que nós conhecemos é a **tacariuna**, é tipo um peixe **bagre**.

8º É peixe de pele?

A: É de pele, aqui nós consideramos como o peixe mais ruim pra quem ta doente. Também tem outros peixes como o peixe **gó**, mais tem dois tipos de **gó**, o de um dente e o de dois dentes, pra mulher de parto tem que ser de um dente.

9º Seu Antônio, o senhor já trabalhou com peixe de água doce?

A: Já.

10º O senhor lembra os nomes?

A: **Tucunaré, traíra, janudá, urimatã, aragô, piranha**, tudo isso eu já pesquei.

11º Seu Antônio, quais os instrumento que o senhor usava para pescar?

A: **Rede, linha de anzol**, e quando eu não ia com linha de anzol eu levava a **tarrafa**.

12º E o senhor tinha a sua canoa e o seu próprio material?

A: Tinha a minha canoa, era pequena, mas tinha, e os meus material também, aí a minha mulher faleceu e eu fui deixando, foi acabando as minhas coisas, ai foi o tempo que eu me aposentei e pronto, eu deixei de pescar.

13º E me diga uma coisa, qual é o peixe que ta desaparecendo, que ta difícil de encontrar hoje?

A: Têm muitos peixes que a gente já não vê, principalmente aqui no mercado, como a **pirapema**, o **caçã** a gente já não encontra também, a **tainha** e a **gó**, tem ano que dá e outros que não dá..

14º E a **pirapema** é de água doce ou salgada?

A: É de água salgada.

15º E porque o senhor acha que esses peixes estão sumindo?

A: Eu tenho pra mim que é muita consumação de rede, tem muita rede agora, porque o peixe vem de fora e ele não consegue chegar aqui porque essas redes grandes levam tudo. Principalmente a **pescada e a tainha** que eles levam tudo.

16º E o senhor percebe que teve alguma mudança na maré, teve algum rio que já desapareceu?

A: Tem muito igarapé que eu conheci que agora já tá tudo raso, a gente já nem entra mais. Agora esses tempo o **igarapé do Homero** que secou. Lá no **Bom Jesus**, um igarapé que eu pescava, tinha umas pedras grandes e dava muito peixe, agora levaram as pedras e já tá tudo seco.

17º E a última coisa que eu queria lhe fazer não é nem uma pergunta é mais uma lembrança de uma situação que aconteceu na sua pesca. Uma aventura, um perigo, que o senhor nunca vai esquecer. O seu Paulo mesmo daqui de perto que pescou muito com o senhor, ele me contou que vocês passaram um perigo, que o tempo começou a fechar e ficou uma escuridão e, mesmo assim, o senhor guiou a canoa e vocês conseguiram chegar.

A: Essa situação que o Paulo contou é verdade mesmo, mas mesmo assim a gente chegou e nunca me aconteceu nenhum acidente grave.

18º A última coisa que eu queria lhe pedir era se eu posso tirar uma foto sua com a sua família.

A: Pode sim, vamos lá.

26º Obrigada seu Antônio.

13º Entrevista

Local: Bairro Alto – Curuçá. (em frente a casa do pescador).

Duração da entrevista: 13 min.

1º A primeira pergunta é qual o seu nome e a sua idade?

R: Meu nome é Carlos Monteiro de Lima, eu nasci em 1947, eu tenho 63 anos.

2º O senhor deve ser da minha família porque a minha avô era Lima Alves.

C: Quem sabe, né?

3º O senhor é daqui de Curuçá?

C: Nasci e me criei aqui em Curuçá, aqui no Bairro Alto.

4º Quem lhe ensinou a sua profissão e desde quando o senhor pesca?

C: Desde os oito anos que eu pesco quem me ensinou foi o meu pai.

5º O senhor lembra os nomes dos principais peixes de água salgada?

C: os nomes dos principais peixes que eu pescava com o meu pai era **pescada, corvinha, peixe-pedra, cação, bandeirado, tainha** que a gente levava de tarrafa, **a pratiqueira** que vai entrar na safra agora em fevereiro.

6º E peixe de água doce, o senhor já chegou a pegar?

C: Nunca pesquei em água doce, pesca mais na água salgada mesmo.

7º Quais os nomes dos instrumentos de pesca que o senhor costuma usar?

C: Principalmente a **tarrafa** pra pegar a **tainha, a pratiqueira, o bagre**, pegar também o **apuá.que é um peixe** que a gente pega com a tarrafa, agora tem o **espinhel**, que é bom pra pescar o **cação**, era isso, **uritinga, gurijuba**, tudo isso a gente pegava por aqui com esses material. Agora as coisas mudaram, naquele tempo era só com a tarrafa e o espinhel.

8º E peixes que fazem mal pra pessoas que estão operadas, ou de parto, ou doente?

C: O **apuá** é um peixe remoso, o **bagre**, também, é um peixe remoso, porque ele é um peixe liso.

9º O senhor lembra algum peixe que existia muito no passado e agora está desaparecendo, que ta difícil de encontrar hoje?

C: Têm muitos, olha... sabe qual é o peixe que ta sumindo? É a **tainha**. O **jurupiranga**, é um peixe também que ta sumido, o **kaimatá**, é um peixe que a gente não encontra mais.

10º E os nomes dos lugares que o senhor já pescou, porque, com certeza, tem lugares que já não dá mais pra pescar, né? Nomes de Igarapés, rios, praias?

C: Rio de água doce que tu falas? Que eu me lembro era o **igarapé das pedras**, tinha o **autocaia**, todos esses sumiram, tem o rio **Cumandeteua**.

11º O senhor falou nomes de muitos peixes, de todos esses que o senhor falou, o senhor podia me dá uma classificação dos mais caros e dos mais baratos?

C: A **pescada** é um **peixe caro**, a **tainha**, a **uchova** é um **peixe muito caro**, a **gurijuba** é **mais em conta**, é oito reais o kg, e ainda ta caro. O **bandeirado** é cinco reais o kg, o **kamatá** é seis o kg. O **cação** tem de quatro e cinco reais. Não tem peixe barato como tinha antes quando eu ia pescar com o meu pai, a gente trazia uma cambada de peixe, não era assim calculado não, era uma ou duas cambada de peixes por três cruzeiros. Agora não dá pra comprar nem um peixe com um cruzeiro, também nem tem mais cruzeiro, agora é só real.

12° E a última coisa que eu queria lhe fazer não é nem uma pergunta é mais uma lembrança de uma situação que aconteceu na sua pesca. Uma aventura, um perigo, que o senhor nunca vai esquecer.

C: A única coisa que eu me lembro muito foi que eu e o meu compadre a gente ia chagando da pesca, assim, uma hora dessas (16h). Quando a gente ia chegando perto do rio “**rodoviá**” o tempo ficou tão violento que o céu ficou todo escuro. O pior é que a canoa tava cheia de camarão, peixe salgado, e do resto do rancho que a gente trazia da pesca. A minha sorte foi que eu pulei na água e eu vim sustentando a canoa pra ela não virar, e a gente veio nessa situação, quando foi umas seis horas da tarde a gente *enconstemo* lá no Abade e caiu um temporal, aí a gente esperou o tempo melhorar e veio embora. Foi a única vez também que a conteceu uma coisa dessas comigo.

13° Agora vamos ver como ficou a sua entrevista e se o senhor deixar eu tiro uma foto sua com o seu pessoal.

C: Vamo lá, eu quero ver essa entrevista minha. .

14° Entrevista

Local: Bairro Alto – Curuçá. (em frente à casa do pescador).

Duração da entrevista: 13 min.

1° A primeira pergunta é qual o seu nome e a sua idade?

R: Meu nome é Rodrigo Ragel Neves, eu vou fazer 55 anos.

2° O senhor é daqui de Curuçá?

R: Sou, nasci e me criei aqui.

3° Quem lhe ensinou a sua profissão e desde quando o senhor pesca?

R: Eu comecei a pescar desde a idade de 12 anos, eu nunca trabalhei em nem um outro serviço, só como pescador mesmo, quem me ensinou foi o meu pai.

4° E o senhor lembro os nomes dos lugares que o senhor já pescou? Nomes de Igarapés, rios, praias?

R: Eu já pesquei em vários igarapés, no **Bom Jesus**, no **Arãquaim**, no **Sacariteua** e no **Areuá**.

5° O senhor lembra os nomes dos principais peixes de água salgada?

R: Tem muitos peixes de água salgada, tem a **tainha**, o **bagre**, **pescada**, **camurim**, **uri-seca**, **pua**, **corvinha**, **peixe-pedra**, **charel**, o **pacamum**, **cação**, **bandeirado**.

6° E peixes que fazem mal pras pessoas que estão operadas, ou de parto, ou doente?

R: Geralmente são os peixes lisos que a gente chama o **bagre**, a **uritinga**, esses peixes de ferrão que são os peixes lisos, não são muito bom pra mulher que teve filho ou pra quem ta doente.

7º E peixe de água doce, o senhor já chegou a pegar?

R: A não, água doce eu nunca trabalhei, eu pesco mais na água salgada que é o melhor pra gente aqui porque aqui é a região do salgado.

8º E quando o senhor vai pescar quais os nomes dos instrumentos de pesca que o senhor costuma usar?

C: Quando eu vou pescar eu levo a **rede**, levo o **puçá**, a **tarrafa** e a **linha de mão** que a gente leva pra pescar.

9º E o senhor tem o seu próprio material ou o senhor pesca com os seus colegas?

R: Eu tenho o meu material, **rede**, **puçá** e **linha de mão**, só a **tarrafa** que eu não uso mais, mas quando eu quero usar eu mesmo faço.

10º O senhor gosta de pescar sozinho ou o senhor pesca com outras pessoas?

R: A pescaria de **camarão**, com o **puçá**, é a única pescaria que tem que ser dois, agora a pescaria de peixe, com rede, tarrafa e linha de mão se a pessoa quiser pescar só, a pessoa pesca.

11º E o senhor também trabalha com camarão?

R: Trabalho e é mais com camarão que eu tenho trabalhado.

12º Tem alguma época do ano que o senhor acha que é muito ruim pra pescar?

R: Tem, o mais ruim é no inverno porque chove muito, sabe? Fica muito ruim o tempo, fica escuro, chove muito.

13º E começa a melhorar quando?

R: Mais na época do verão, no mês de maio, junho.

14º O senhor lembra algum peixe que existia muito no passado e agora está desaparecendo, que ta difícil de encontrar hoje?

R: Olha, antigamente tinham quase todos os peixes, na época que eu comecei a me entender, que eu pescava com o meu pai, tinha muito peixe, e agora a gente vai pescar e já não pesca nem o que vai comer. Agora tem muita rede, barulho de máquina, lá onde a gente pesca lá no Bom Jesus passa 100 a 50 barcos motorizados. A gente ta na beira (beira do rio) e os barcos passam e é uma zoadeira e os peixes nem ficam mais por ali pela beira. Antes a gente achava peixe em qualquer época, agora é só por época mesmo (pela safra) que a gente ainda acha alguma coisa.

15° O que seria bom era que vocês recebessem uma espécie de aposentadoria na época que vocês não podem pescar, mas o governo nunca fez isso aqui em Curuçá, não é?

R: A única coisa que a gente ainda tem é quando a gente paga a colônia (sindicato) que a gente ainda recebe alguma coisa depois, mas nem todos pagam.

16° A gente que é professor a gente pega esses trabalhos e tenta escrever sobre essas coisas, porque a gente não é da política não temos como mexer nisso, mas se a gente ouvir vocês e escrever pra população ler, quem sabe as pessoas não conhecem mais a realidade de vocês e tentam ajudar. Mas que é errado não pagar o defeso pra vocês na época que vocês não podem pescar isso é.

17° Já que o senhor falou de como era no passado e como está hoje, me fale como está os preços dos peixes.

R: Olha o peixe ta caro. O mais barato que a gente encontra é a **araia**, que chaga a ser 3 a 4 reais, os outros peixes todos são mais de 5 reais o kg, mais caro que um kg de carne

18° E a última coisa que eu queria lhe fazer não é nem uma pergunta é mais uma lembrança de uma situação que aconteceu na sua pesca. Uma aventura, um perigo, que o senhor nunca vai esquecer.

R: Perigo, assim, eu nunca passei, mas sacrifício eu já passei muito quando eu fui pescar, na época que eu tive os meus filhos, eu tive nove filhos com a minha ex-mulher, e na época não tinha essas coisas de bolsa escola, salário maternidade, e hoje em dia tem e é um pouco de ajuda. Quando os meus filhos eram pequenos eu só tinha a pesca, e eu chegava a ir duas vezes na maré atrás de peixe, eu ia de tarde assim e chegava umas 9 horas da noite pra puxar camarão, aí quando era umas três horas da tarde, conforme a hora da maré eu ia de novo pra pegar peixe. Eu passei muito sacrifício pra criar os meus filhos.

19° Mas conseguiu criar os nove, todos estão vivos?

R: Graças a Deus todos estão vivos, já estão grandes, tem mulher, e a minha mulher, depois que ela arrumou emprego a gente se separou.

20° Mas que bom que o senhor conseguiu criar os seus nove filhos com a sua profissão honrada de pescador. Eu só quero lhe agradecer a sua entrevista e dizer que se o senhor quiser eu tiro uma foto sua e da sua família.

R: Bem que eu queria tirar mas os meus filhos não estão aqui comigo e eu tenho que cortar o meu cabelo.

21° RRRSS, que é isso, não precisa cortar o cabelo não, se o senhor quiser, pode mandar me chamar lá na casa da minha madrinha que eu venho tirar uma foto sua com a sua família.

R: Então ta, se os meus filhos vierem aqui depois, eu mando chamar a senhora, professora.

22° Então obrigada, eu aprendi muito com o senhor.

R: Boa viagem pra senhor e vai com Deus.

15° Entrevista

Local: Bairro Alto – Curuçá. (na casa do pescador).

Duração da entrevista: 111 min.

1° A primeira pergunta é qual o seu nome e a sua idade?

R: Meu nome é Manuel Mateus de Souza, eu tenho 76 anos.

2° O senhor é daqui de Curuçá?

M: Sou filho curuçaense, nasci em uma cidade chamada **Icaçaba**.

3° Quem lhe ensinou a sua profissão e desde quando o senhor pesca?

M: Quem me ensinou a minha profissão foram os meus irmãos, porque quando eles iam pescar eu ia com eles. Com nove anos eu acompanhava os meus irmãos já.

4° E o senhor lembro os nomes dos lugares que o senhor já pescou? Nomes de Igarapés, rios, praias?

M: Era **Bragança, Maluco, Tucú Preto** por assim.

5° Esses lugares eram aqui em Curuçá?

M: Na **entrada de São Caetano**, na **bocaina** que chamavam, **Taipú**.

6° Aqui em Curuçá o senhor lembra de nomes de Igarapé, praia que o senhor pescou?

M: Aqui em morei até na praia de **Sacariteua**, aí nós moramos na **praia do maluco**, todos esses lugares.

7° O senhor lembra os nomes dos principais peixes de água salgada?

M: Olha, eu fui até *curralista*, pescava com **Curral**, pescava até com **espinhel**, é... os nomes dos peixes que eu lembro é **Cação, arraia, pescada, tainha, pratiqueira, acari, pacú, bagre, uriseca**, tudo isso eu conheço.

8° O senhor trabalhou com peixe de água doce?

M: Não, com peixe de água doce, não. Eu só conheci os que têm lá em Belém.

9° E também com camarão, caranguejo, o senhor chegou a trabalhar?

M: Olha, camarão não, agora, caranguejo eu até pegava, camarão eu nunca peguei, nunca gostei de pegar.

10° Os seus instrumentos de pesca, quais eram os nomes dos seus matérias de pesca?

M: **Rede de pescar, tarrafa camaroeira, espinhel**, era esses.

11° O senhor tinha o seu próprio barco, a sua própria canoa?

M: Tinha tudo.

12° O senhor gostava de pescar sozinho ou o senhor ia acompanhado?

M: Eu ia com o meu irmão mais velho que eu chamava de pai que era o **satico**.

13° O senhor não gostava de ir sozinho?

M: Depois que eu construir a minha família, eu pescava ai dentro da **Camboa, Sacariteua**, por ai, eu já ia só.

14° O senhor tem uma idéia de como está a pesca hoje de como era no passado?

M: Não, agora ta muito ruim a pescaria em Curuçá, é muita falta de peixe, naquele tempo era muito farto, a gente levantava um curral era em até difícil pra carregar tanto peixe, agora não acontece isso.

15° Por que o senhor acha que está acontecendo isso?

M: É devido a situação nossa, da época, do tempo que modificou tudo, muita rede dentro do rio afugenta os peixes e as coisas vão duplicando, o mundo vai inda pra frente e as coisas ficam difícil mesmo.

16° O senhor acha que tinha algum peixe que existia muito no passado e hoje em dia ta desaparecendo?

M: Olha, quase todos, a **tainha** não se vê mais não, tem gente que trás do Marajó pra cá, o peixe que mais a gente vê aqui é a **bagre, uri-seca, o cação e a arraia**, são os peixes que ainda se vê, o resto ta sumindo mesmo. O pessoal daqui do bairro vão pescar e ta difícil de arrumar até o almoço.

17° Seu Mateus, tem algum peixe que não é recomendado pra mulher de parto, pessoa operada?

M: Olha eu acho que são alguns, pra uns são recomendados, pra outros já não serve, o **cação** é um peixe remoso, a **raia** também, o **bagre** também, também pra mulher que ta de parto como pra pessoa que ta com ferida.

18° Seu Mateus e qual é a época boa pra pescar?

M: Olha, a época boa é o inverno, que é quando aparece mais um peixezinho, o verão é escasso de tudo, fica mais difícil a pescaria. Isso era antes, né, mas hoje em dia, tá escasso até no inverno.

19° Das suas lembranças de pescador, tem alguma coisa que marcou a sua vida.

M: Olha, das minhas lembranças foi quando eu comecei a montar curral, que só dava peixe de primeira, eu aí pro geleiro e levava aquele bando de peixe, foi uma época muito boa da minha vida.

20° A última coisa que eu queria pedir era se eu podia tirar uma foto sua aqui na sua casa onde o senhor me recebeu?

M: Pode sim, claro.

21° Obrigada seu Mateus.

16° Entrevista

Local: Bairro Alto – Curuçá. (na casa do pescador).

Duração da entrevista: 111 min.

1° A primeira pergunta é qual o seu nome e a sua idade?

R: Meu nome é Raimundo Jorge Lima Leal, idade é 47 anos.

2° O senhor é daqui de Curuçá?

R: Sou, eu nasci e me criei aqui em Curuçá.

3° Quem lhe ensinou a sua profissão e desde quando o senhor pesca?

R: Faz bastante tempo que eu pesco uns 30 anos mais ou menos, me ensinou a minha profissão foi o meu tio e o papai que eu ajudava a entregar camarão e peixe, aí depois eu fui crescendo a também procurei outro tipo de serviço também pra ajudar. Geralmente, quando é tempo de inverno a gente sempre procura outros serviço em terra, porque em tempo de inverno chove muito e fica difícil pescar.

4° E o senhor lembro os nomes dos lugares que o senhor já pescou? Nomes de Igarapés, rios, praias?

R: Geralmente eu pesco mais na **praia de Bom Jesus, na praia do Areuá, Campina, praia Grande, a praia do Arrombado**, aqui no nosso **rio**, ali na boca, que a gente chama **Camboa**, ali embaixo que a gente diz, **no canalzinho**.

5° Igarapé, o senhor costuma pescar?

R: Igarapé mesmo não.

6° O senhor lembra os nomes dos principais peixes de água salgada?

R: **Corvina, caíca, cação, bandeirada, gó, tralhoto, mero, pacamum, gabre, plampu, formosa, peixe-pedra, arraia, pescada, tainha, pratiqueira, acari, pacú, bagre, uri-seca**, tem muito peixe.

7° Peixe de água doce o senhor costuma trabalhar?

R: Não, eu nunca trabalhei, mas eu conheço o **tamatá, jiju, tucunaré, pintado**, mas eu não conheço muito da água doce. Geralmente os peixes de água doce e os de água salgada não se misturam e pra nós tem mais os peixes de água salgada. Tem aí fora, aí pra perto do canal do navio, passando do Bom Jesus pra lá, tem um encontro de águas, água doce com água salgada e elas não se misturam, inclusive quando a água da chuva cai ela não se mistura com a água salgada ela (água da chuva) fica em cima.

8° Interessante, não é? E o senhor já chegou a trabalhar com caranguejo e camarão?

R: Caranguejo não, só com camarão, geralmente a gente pegava o camarão na praia, né? Esperava o marreteiro e passava pro marreteiro.

9° E quando o senhor pesca peixe, quais são os instrumentos, os materiais que o senhor usa?

R: A **rede** de 30 - 40 - 50 metros, esse tipo de rede.

10° O senhor tem a sua própria canoa?

R: Eu tenho a minha própria **canoa, a minha rede**.

11° E pra pescar camarão o que o senhor usa?

R: Eu uso o **puçá**, cada um pega de um lado e vai arrastando, não é uma pesca muito bacana não, e, geralmente não é valorizado, só tem valor pro marreteiro que pega da gente pra revender. É uma pesca muito sofrida, feita à noite. Já pensou, você tá dormindo, aí a maré começa a dá no lobo (fica cheia), aí o companheiro começa a bater na rede: “olha, companheiro, tá na hora.” Aí você sai da sua rede pra pisar na lama, de madrugada.

12° É... Difícil... E, me diga aqui, o senhor lembra algum peixe que não é recomendado pra mulher de parto, pessoa operada?

R: Ah... é o **tacariuna**, aqui no salgado, pra nós, o **bandeirado** também não é bom. É recomendado, mas peixe de escama, **corvina branca, pescadinha branca**, esses são bons pra quem tá com inflamação.

13° O senhor acha que tinha algum peixe que existia muito no passado e hoje em dia tá desaparecendo?

R: Tem, tem, tem muito peixe que ta sumindo, inclusive tem uma pesca aí de rede, rede miúda, assim como pega peixe que ta no igarapé, tudo que entra no igarapé é peixe miúdo, tudo quando é peixe, peixe miúdo, peixe grande, eles pegam, e na volta, quando ela fica cheia e vaza, aí é tudo, essa rede pega tudo, e os peixes miúdo que eles não querem, eles cavam um buraco e enterram, é uma tristeza pra nós isso.

14° E depois que começou a acontecer isso, qual foi o peixe que mais começou a sumir?

R: Olha, aqui pra nós, a gente é acostumado aqui no nosso igarapé quando era só o tempo de **tarrafa** que o pessoal pegava peixe mais com a tarrafa vinha muito peixe pra gente, o nosso igarapé é rico, mas só que o pessoal começou a colocar essas redes, todo tempo é esses redes, quando era o tempo do Antônio que era o nosso presidente da colônia aqui ele colocava quente, era proibido e o pessoal não colocava tanta rede. Nesse tempo tinha muito peixe, porque o peixe se criava. Quando é o tempo da piracema do peixe, o peixe sobe a cabeceira do rio pra desovar, e aqui pra nós não tem nada disso, a gente não tem uma ajuda do governo pra não pescar na época da desova. Tem lugar aí que quando é tempo da **piracema** o governo dá um salário pra pessoa não pescar, não é isso? E aqui pra nós não tem. A gente vive aqui da pesca e se a gente não for pescar como é que a gente vai manter a nossa família?

15° O tamanho dos rios de Curuçá é muito grande devia ter um benefício desse, isso devia ser uma coisa obrigatória pra vocês aqui. Mas me diga uma coisa, tem uma época que seja pior pra pescar?

R: É no verão aqui pra nós é meio ruim de peixe. Agora os meses ricos pra nós aqui é nos meses de março pra maio. Maio – Junho é o tempo que a sardinha vem aí de fora e trás muito peixe.

16° E me diga uma coisa, o senhor falou o nome de muitos peixes, o senhor tem uma relação dos mais caros e dos mais baratos?

R: Pra nós o peixe **mais caro é a pescada, uchova**, são os peixes de primeira, tudo é caro né, hoje em dia você vai no mercado a gente já prefere comprar o frango e a carne do que o peixe. Em Belém ta mais barato o peixe do que aqui em Curuçá. Eu me lembro que na época de 60 -70, tinha um senhor, hoje ele já é falecido, o nome dele era Oto, ele tinha um barco a motor e pescava pra fora, eles iam pra lá e vinham cheio de peixes, então a gente tinha um mercado de peixe aqui na praça, então ele trazia o peixe fresquinho pra pessoas aqui nesse mercado. Todo mundo comprava com ele, nesse tempo era barato o peixe. Hoje em dia não, o peixe que vem aí de fora,

o pessoal já passa pro marreteiro. É pro isso que o peixe ta caro pra nós, porque já passa pro marreteiro, to muito desorganizado agora.

18° Das suas lembranças de pescador, tem alguma coisa que marcou a sua vida.

R: Já marcou sim, já marcou, foi no ano de 1982, que a gente foi pra praia pescar, nesse tempo deu tanto peixe, mas deu tanto peixe nesse nosso **rio aí do furo grande**, que dava medo da gente atravessar de um lado pro outro do rio, de tanto peixe, a gente só via aquela escuridão no meio do rio de tanto peixe, até da gente bate a canoa com o remo a gente encostava nos peixes, uma fartura mesmo. Porque nesse tempo era pouca gente que usava rede.

20° A última coisa que eu queria pedir era se eu podia tirar uma foto sua aqui na sua casa onde o senhor me recebeu?

R: Pode sim, claro.

21° Obrigada seu Jorge.

17° Entrevista

Local: Bairro Alto – Curuçá. (na casa do pescador).

Duração da entrevista: 20 min.

1° A primeira pergunta é qual o seu nome e a sua idade?

R: Meu nome é Joy Wilson Figueiredo eu tenho 35 anos

2° O senhor é daqui de Curuçá?

J: Não nasci em Curuçá, mas moro aqui a mais de 20 anos.

3° Quem lhe ensinou a sua profissão e desde quando o senhor pesca?

J: Eu aprendi com o tempo, ninguém me ensinou, eu olhei os pescadores e aprendi e hoje e a minha sobrevivência. Eu aprendi a pescar com uns 14 anos.

4° E o senhor lembro os nomes dos lugares que o senhor já pescou? Nomes de Igarapés, rios, praias?

J: Eu comecei a pescar aqui na maré mesmo, depois eu fui pescar pra mais longe, **praia de Bom Jesus, praia Grande, a praia do Arrombado**, ali embaixo que a gente diz, **no canalzinho** e depois eu comecei a pescar camarão que é o que eu mais trabalho hoje.

5° E onde se pesca mais camarão?

J: A gente pesca camarão lá pro **Furo Grande**, daqui de Curuçá pra lá da umas 4 horas de viagem. Lá tem duas praias, a **Praia do Bom Jesus e a Praia da Sereia**.

6º E quais são os instrumentos que você usa pra trabalhar com o seu camarão?

J: A gente pesca mais com **puçá de arrasto**, a gente trabalha à noite e tem gente que pesca de rede também. Camarão tem que ser pescado à noite porque ele não vem pra beira de dia. A gente depende da maré, tem vezes que a gente sai dez – onze horas, meia noite, depende da maré. Mas mesmo se a maré tiver alta ou baixa nós vamos pra pescaria e a gente pode tá dormindo como tiver, a gente tem a acordar e ir, porque o camarão vem comer na beira à noite, então a gente cai na água e abaixa o puçá.

7º E o puçá? Você mesmo que faz?

J: Eu não sei fazer puçá, eu, pelo menos compro feito. O puçá dura, assim, questão de 2 a 3 anos. Ele é feito de linha de nylon. É o mesmo material que faz as redes de pesca, mas ele é mais fino e mais frágil, ele tipo um funil, tipo um saco de coar café. Ele tem uns três braços de comprimento e uns dois de largura. Ele é feito só pra pescar camarão.

8º Peixe você já teve experiência de pescar? E na sua experiência com peixe, você lembra os nomes dos principais peixes?

J: Já pesquei de **espinhel, de rede**, já pesquei aqui por perto, nunca pra fora, eu lembro vários peixes, tem o **bandeirado, peixe-pedra, pescada, tainha, pratiqueira, acari, uri-seca**, foi esses peixes que eu já pesquei por aqui.

9º E peixe de água doce, você já trabalhou?

J: Peixe de água doce eu nunca trabalhei. O único peixe de água doce que eu já pesquei no igarapé foi o **bacu**.

10º E quando você vai pesca peixe você vai mais só ou você vai acompanhado?

J: A gente vai eu e mais um companheiro, são os dois. Ele entra com a rede e eu entro só com o meu trabalho.

10º O senhor tem a sua própria canoa?

J: Não, hoje em dia eu não tenho mais **canoa**.

11º Eu tenho visto que tem poucas pessoas trabalhando com o camarão, o senhor acha mais vantajoso pescar camarão?

J: Pra pescar peixe tem que ter muita rede pra ter um retorno e o camarão não, apesar de ser uma pescaria difícil, mas ele dá um retorno maior.

12º O senhor lembra algum peixe que não é recomendado pra mulher de parto, pessoa operada?

J: Eu nunca me esqueço quando eu me acidentei, eu tava com a minha perna inflamada, eu comi em Murajá (pesquisar se é nome de lugar) aí eu fui comer **tacariuna** é um peixe de pele, aí a minha perna inchou tanto que eu tive que ir embora de lá, eu vim aqui por posto que Curuçá e a enfermeira perguntou o que eu tinha comido, quando eu disse que eu tinha comido o tacariuna ela disse: “tu é doido, como é que tu come um peixe desse”, aí eu tomei um remédio e desinchou.

13° O senhor acha que tinha algum peixe que existia muito no passado e hoje em dia ta desaparecendo?

J: Mais difícil pra nós aqui é a **pescada** que é um dois principais peixes aqui. O **Mero**, era um peixe que antes tinha muito, até a **tainha** que de vez enquanto aparece, mais não é tanto como tinha antes.

14° Qual o tempo ruim pra pescar?

J: A época mais crítica pra pescaria é mais novembro e dezembro, que ta no fim do verão e começo do inverno, é a época que a água fica menos salgada, ela fica salubre, e o peixe daqui é da região do salgado, aí começa a ficar escasso, até camarão fica mais escasso.

15° E você acha que começa a melhorar quando a pesca?

J: A pesca começa a melhorar depois de fevereiro pra frente, aí é quando a **pescada** começa a aparecer, porque ela é um peixe mais da água salubre, mais mesmo nessa época os peixes não são mais como era antes, porque ta tendo muita rede, aí esses peixes não chegam mais aqui pra nós. A gente pescava muito de linha de mão e era só peixe grande, e hoje não, é só essas redes grande, e espanta o peixe.

16° Você está sabendo que estão querendo fazer um porto aqui? Qual a sua opinião sobre isso?

J: Pra dizer a verdade, em termos, eu sou a favor, mas em termos eu sou contra, se eles derem assistência pros pescadores, em geral, tanto pescador de peixe, como de camarão, de marisco, eu apoio, mas se for só pra eles fazerem o porto e deixarem todo mundo na mão eu não apoio porque eles vão destruir o mangue, vão desmatar, e aí vai ser prejudicial, se o governo der um benefício pras pessoas que não puderem mais pescar, aí vai ser bom, mas o duro é confiar.

17° Das suas lembranças de pescador, tem alguma coisa que marcou a sua vida.

J: Uma vez eu me alaguei com dois amigos meus, nós távamos na praia de Bom Jesus, o barco virou na praia e a gente ficou desde às 9h da manhã, por debaixo de muita chuva, sem ninguém pra nos acudir, até umas duas ou três horas da tarde, em ninguém pra nos ajudar pra nós poder ganhar a beira e sai de dentro daquele sufoco que nós tava passando. Com muita sede, com muita

fome, e um amigo nosso dizendo que a gente ia morrer, morrer, e o engraçado que antes de nós se alagar eu falei pra ele: “- Olha, a gente não vai passar ali”. E ele disse: “Não, tu não tem fé em Deus? Umbora que a gente passa”. Aí eu disse: “- Ta bom vamos lá”. Só que quando chegou lá, na hora que nós se alagamos, aí, ele começou a chorar. Dizendo que a gente ia morrer. Ai eu disse pra ele; “- Sim, tu não tem fé em Deus?”.

18º E como você saíram de lá?

J: Nós se seguramos no curral, aí a gente esperou a maré baixar, e quando a maré baixou a gente tomou coragem e nadamos até a beira. E quando a gente chegou na beirada a gente encontrou um pescador, aí eu falei pra ele a nossa situação. Aí ele disse: “- Não, eu vi quando vocês se alagaram. Desde a hora que vocês se alagaram eu to acompanhando vocês, mas o pessoal foi pra São Caetano levar camarão e me deixaram sem canoa aqui. E vocês tiveram sorte”. E nós com fome, nós pedimos alguma coisa pra comer, e os meus colegas tavam sem roupa, porque a gente tira a roupa pra pescar camarão, eu tava só de sunga, aí o pescador deu uns shorts pra gente vestir e disse: “- Olha, só tem boto pra comer”. Aí nós comemos aquele boto melado, todo grudento.

19º Olha, eu não sabia, tem gente que pesca boto?

J: É que às vezes ele se prende na rede e apesar dele ser muito rápido, ele é frágil.

20º E a carne dele é boa?

J: É... com fome?

21º E o teu amigo continua pescando?

J: Ele já ta muito velho e não pesca mais, mas eu continuo pescando.

20º Obrigada Joy ficou muito boa a sua entrevista. Você deixa eu tirar uma foto sua?

J: Pode sim, claro.

21º Mais uma vez Obrigada seu Joy.

18º Entrevista

Local: Bairro Alto – Curuçá. (na casa do pescador).

Duração da entrevista: 20 min.

1º A primeira pergunta é qual o seu nome e a sua idade?

M: Eu tenho 59 anos, meu nome é Maria Leonor Gomes.

2º O senhor é daqui de Curuçá?

M: Nasci e me criei aqui em Curuçá.

3º Quem lhe ensinou a sua profissão e desde quando o senhor pesca?

M: Eu sempre vou pescar hoje em dia eu vou com os meus filhos pescar, a gente pega peixe com linha, aí eu vou pegar **sururu**. Eu acho que eu comecei a pescar com uns 12 anos. A minha mãe não me criou eu fui criada por outra pessoa, então a gente não tinha condição, minha filha, de nos sustentar aí eu tinha que pescar pra ajudar a sustentar meus avôs. Aí eu tirava mexilhão pra vender porque na minha infância eu passei muita necessidade. Além de pescar, eu lavava pros outros, cozinhava pros outros.

4º E o senhor lembro os nomes dos lugares que o senhor já pescou? Nomes de Igarapés, rios, praias?

M: Eu sempre pesquei mais em rio, na **mãe grande**, e lá na **boca** que a maré é grande e vai pras praias, no **rio São Paulo, na Ilha da Camboa**, na Ilha a gente tira o **siri, o mexilhão, a ostra, o sarnambi, o turú, o sururú**.

5º Quais os tipos de peixe que a senhora mais pescava?

M: Eu sempre pesquei mais peixe de água salgada, de água doce eu também nunca pesquei porque eu também não gosto.

6º A senhora lembra os nomes dos principais peixes que a senhor pescava?

M: Lembro, é o **peixe-pedra, pacamum, o bagre, a uri-seca, pescadinha**, a gente pescava com a rede, agora ta meio em falta, mas a gente pescava muito isso. Todos esses peixes da pra pescar com a **linha** e com a **tarrafa**, tem a **pratiqueira, a tainha**, a gente pescava de curral também, aí vinha no curral o **peixe espada, a gó**.

7º D. Maria e quais materiais a senhora usava pra pescar?

M: A **rede de pesca** e a **canoa**.

8º Qual o melhor tempo pra pescar?

M: O melhor tempo pra pescar é agora no inverno, no inverno, quando a gente sabe pescar, a pessoa trás um monte de peixe.

9º E já que a gente está falando na época de pescar, a senhora acha que as fases da lua (quando ela ta cheia, ta morta, etc) altera a maré, a pesca?

M: No luar tem uma diferença, quem pesca na lua cheia há de pescar e vir logo embora, porque se ficar a lua vê os peixes, só se arrumar alguma coisa pra cobrir, mas se a lua tiver vendo o peixe, o peixe fica ruim, daí não presta. tem a época quando a maré da de lanço e quando a maré

ta de morta, quando a maré começa a vazar dá o camarão, daí quando a maré ta assim eu vou pra maré e tiro um bichinho chamado **sarnambi**.

10° E qual é a época que a senhor vai pegar o sarnambi?

M: Agora minha filha, não tem, tem uma época aqui em Curuçá que as coisas ficam muito difíceis, o pessoal não tem dinheiro pra comprar as coisas, aí o pessoal cai todo no mangal, aí acaba com o que tem. Eu, graças a Deus, sou aposentada, eu tenho o meu dinheirinho pra mim ta comendo, os meus filhos todos já têm família. Às vezes os meus filhos me ajudam graças a Deus os meus filhos são ótimos filhos. E é assim, eu já não vou muito pescar, mas quando os meus filhos me dizem: “- Mamãe, ombora pescar?”. Ombora. Semana que vem nós vamos pra praia, segunda, terça-feira.

11° Mas então a senhora acha que a lua influencia na maré?

M: Quando a maré ta de morta, porque a lua vai mudando de mês a mês, porque agora vai começar aparecer aquele risquinho (*está se referindo a lua minguante*), quando ta esse risquinho aí é bom pra gente ir é bom pra tudo. Aí quando ela cresce, que é a lua nova, é um pouco difícil a gente ir pescar, mas mesmo assim a gente vai porque aquela lua clareia tudo parece que está dia no mar, fica muito bonito a lua no mar, quando não chove também porque tem noite que chove, aí a água fica suja e tu sabe que quando a água ta suja é que a gente pega o peixe, não é?. Porque quando a água ta muito limpa, fica muito claro e aí não dá peixe, porque o peixe enxerga a gente, aí eles fogem.

12° Vamos aproveitar que a senhora ta falando do camarão, do caranguejo, do mexilhão, como é esse tipo de pesca?

M: O caranguejo a gente tira, tem vez que eu vou ainda pro mangal tirar, agora não muito porque eu bati o meu joelho, mas esse tipo de pesca é no mangal, no meio da lama, a gente tem que catar o caranguejo de dentro da lama. Do mexilhão a gente tem que levar um paneiro ou um saco mesmo, aí vai catando da lama e vai jogando, o mexilhão fica tipo um tapete de tanto mexilhão, é como daqui lá no canto da maré, e a gente vai catando e vai lavando na maré, solta todo aquele barro e fica só ele preso naquele umbigozinho.

13° O **turú** é parecido com o mexilhão? Dá aonde?

M: Não, o **turú** não é parecido com o mexilhão, o **turú** dá no pau, no troco de uma árvore chamada magueiro, o mangueiro tem a grossura desse coqueiro aqui (*aponta para um coqueiro perto dela*). Ele dá no miolo do pau, ele dá no mangal, é assim, a gente corta o tronco do

mangueiro, ele já deve estar meio podre, aí a gente vai tirando ele parece um macarrão, tem gente que compara o **turú** com coisa feia que eu não vou te dizer. Mas o turú ele é muito sustancial (*nutritivo*).

14° E como é que a gente como ele?

M: É bom comer ele cru, tu bota ele num prato, bota o limão, espreme um dente de alho, bota um pouquinho de sal, bota a pimenta, bota a farinha e vai comendo com a mão mesmo. Olha... Aquilo é muito bom! Olha minha filha, tu compras ele limpo, tu bota numa vasilha, aí quando a água tiver *azululada* tu tomas aquele caldo, aquilo é muito bom. Quando esse pessoal está doente em Belém, eles vem pra cá porque falam pra eles: “- Vai pro interior, toma o caldo do **turú** que tu ficas bom”.

15° D. Maria eu vou lhe fazer outra pergunta, em relação à venda do peixe, como ta o preço?

M: Minha filha o peixe ta um absurdo. Hoje em dia o pessoal aqui em Curuçá já prefere comprar uma carne e uma galinha do que comprar um frango, porque o preço do peixe ta um absurdo.

16° E porque a senhor acha que está acontecendo isso?

M: Porque eles já pedem pro marreteiro, né? Aí os marreteiro coitados, eles compram de R\$ 3,00, R\$ 2,00, R\$ 1,50, aí eles vendem por R\$ 5,00. Olha o **charel** é R\$ 7,00. A **tainha ovada** (*com ova*) R\$ 9,00. A **gurijuba** R\$ 7,00. A **uritinga** R\$ 4,50 a **pratiqueira** do tamanho dessa colher é R\$ 5,00, mais graudinha é R\$ 7,00.

17° D. Maria, a última pergunta que eu queria fazer, não é uma pergunta é alguma coisa que a senhor lembra da sua vida nas suas pescarias, não importa se foi peixe, caranguejo, turú, alguma coisa que marcou a sua vida.

M: O que marcou na minha vida, porque desde que eu sou criança eu sempre fui muito ligada ao mangal, eu adoro ir pro mangal, quando eu to trabalhando no mangal eu me sinto muito feliz, eu gosto de estar trabalhando na natureza, porque quando a gente vai pra pesca a gente vai com o pensamento que a gente pode trazer ou não trazer (*o peixe*), mas toda vez que eu ia, eu ia com fé que eu ia trazer alguma coisa, pra gente comer e dar pros outros, porque a gente não gosta de vender, pra gente sempre ter de volta, porque se aparecer uma pessoa na minha casa que não tem o que comer e se eu tiver só um prato de comida, eu reparto com aquela pessoa e nunca me faltou coisa alguma, graças a Deus.

18° Agora, D. Maria, eu queria lhe pedir pra eu tirar uma foto sua pra ficar na nossa pesquisa.

M: Mas eu to toda suja... Mas ta bom, não vai aparecer a minha sujeira na foto, né minha filha?

19° A senhora é uma das pessoas mais limpas que eu já conheci, porque o seu coração é limpo, isso é que importa.

M: Obrigada minha filha.

20° Eu é que agradeço.